



**O Jardim de Infância do Grupo Escolar
Henrique Emílio Meyer de Caxias do Sul-RS
(1946-1956)**



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

ELISE TESTOLIN DE ABREU

**O JARDIM DE INFÂNCIA DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMÍLIO MEYER DE
CAXIAS DO SUL/RS (1946-1956)**

CAXIAS DO SUL

2021

ELISE TESTOLIN DE ABREU

**O JARDIM DE INFÂNCIA DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMÍLIO MEYER DE
CAXIAS DO SUL/RS (1946-1956)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Edimar de Souza

CAXIAS DO SUL

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

A162j Abreu, Elise Testolin de

O jardim de infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer de Caxias do Sul/RS (1946-1956) [recurso eletrônico] / Elise Testolin de Abreu. – 2021.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

Orientação: José Edimar de Souza.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Jardim de Infância - Caxias do Sul (RS). 2. Educação - História. I. Souza, José Edimar de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 373.24(816.5CAXIAS DO SUL)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

ELISE TESTOLIN DE ABREU

O Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer de Caxias do Sul/RS (1946-1956)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Caxias do Sul, 19 de outubro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Edimar de Souza (Presidente) – UCS

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese – UCS

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Vânia Grim Thies – UFPel

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Raylaine Andreza Dias Navarro Barreto – UFPE

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Hélder Manuel Guerra Henriques – UC-Portugal

Participação por videoconferência

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento tão esperado de concluir o mestrado, foram dois anos que passaram rapidamente, vividos com muita intensidade. Coursar o mestrado era o meu horizonte, um sonho que levei alguns anos para realizar. Escrever os agradecimentos é um momento de reflexão sobre a nossa caminhada, então, as memórias começam a emergir cheias de sentimentos. No início, pensei: o que vou escrever? Qual pensamento usarei? Mas não demorou para as lembranças da infância e da adolescência surgirem para guiar minha escrita. Primeira lembrança, o nome de um livro, “Longe é um lugar que não existe”, de Richard Bach. Essa história, como a história do Fernão Capelo Gaivota, foi muito significativa na minha adolescência, pois serviram de motivação para continuar com o meu sonho de estudar.

Por que um sonho? Venho de uma realidade em que meus irmãos não terminaram o Ensino Fundamental para começarem a trabalhar. Sempre gostei bastante de estudar, porém muitos desafios encontrei pelo caminho desde a minha infância até chegar à graduação e agora no mestrado. Muitas vezes, pensei que não iria conseguir realizar o meu sonho, mas hoje concluo o mestrado, e com o desejo de continuar estudando. Que minha mãe e meu esposo, por enquanto, não fiquem sabendo, pois pela falta da minha atenção dizem: Chega de tanto estudar! Por que estudar tanto?

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, pela vida e pela oportunidade de ser feliz. Agradeço a minha família, aos meus pais, Geni e Pedro (*in memoriam*), pelos princípios e pelos ensinamentos que me passaram.

Ao meu esposo, Sadi, e ao meu filho, Gabriel, agradeço pelo carinho, pela compreensão nesse período em que muitas vezes não consegui dar a atenção que mereciam.

Aos meus colegas do mestrado, agradeço pelos momentos de partilha e de aprendizagem, que sempre se mostraram receptivos e disponíveis para ajudar, mesmo os colegas de outras linhas de pesquisa.

Ao meu estimado orientador, José Edimar, que, com seu conhecimento, com sua paciência e amor, conquistou meu eterno respeito e admiração. Minha imensa gratidão pelos momentos de orientação.

Aos colegas de orientação, sempre dispostos a ajudar, obrigada pelas aprendizagens e pela parceria nos trabalhos apresentados nos eventos.

Aos meus professores do PPGEDU, minha gratidão pelos encontros reflexivos e de intensas aprendizagens. Em especial à professora Dr. Cláudia A. Bisol, pela indicação da primeira fonte oral para minha pesquisa. À professora Dra. Carla, coordenadora do Programa, pelo seu excelente trabalho, por sua dedicação e disponibilidade de sempre.

O meu agradecimento e minha eterna gratidão às ex-alunas do Jardim de Infância do GEHEM, que aceitaram dar a mão a sua criança interna e a compartilhar suas mais ricas memórias para compor esta escrita.

Agradeço também aos servidores do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, pelo acolhimento e pela dedicação em auxiliar na busca das fontes.

OBRIGADA!

“Longe é um lugar que não existe.”

(RICHARD BACH, 1979).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar os processos de escolarização desenvolvidos no Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (GEHEM) de Caxias do Sul, no período de 1946 a 1956, a partir de memórias e documentos compreendendo os sentidos atribuídos à infância no município de Caxias do Sul, RS. O recorte temporal adotado é de 1946, data de criação do jardim de infância, a 1956, data estipulada pelo fato de encontrar sujeitos que concordaram em conceder entrevista para esta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa na ótica teórica da História Cultural, fundamentando-se principalmente em Roger Chartier (1988; 2001) e Peter Burke (1992; 2008), além de diálogos com a obra de Bastos (2001; 2011; 2017). Utilizou-se da metodologia da História Oral, com roteiro de questões, e da Análise Documental histórica, considerando leis, decretos, jornais, fotografias acessadas em diferentes arquivos. Caxias do Sul, município da Serra Gaúcha, teve sua formação a partir de uma política imigratória brasileira, a de povoar terras devolutas, com mão de obra europeia, no final do século XIX. O processo migratório europeu deu-se na região a partir de 1875, com a chegada dos imigrantes italianos. A partir de 1930, houve mudanças no nível das indústrias caxienses. Desse modo, com o desenvolvimento da indústria, a população urbana cresceu rapidamente, assim como a cidade, exigindo uma organização e mudanças na área urbana por meio de planejamento da infraestrutura para atender às demandas da população. É nesse contexto que o prédio do GEHEM é construído, com características do *Art Déco*, que refletia a modernização do governo Getúlio Vargas. Em 1946 é criado o Jardim de Infância do GEHEM. O Parque Infantil Monteiro Lobato, primeiro parque infantil de Caxias do Sul, foi inaugurado em 1953. Sua construção tinha como objetivo atrair a população para atividades de lazer ao ar livre, com foco na educação, na literatura e no convívio entre vizinhos e moradores das redondezas. Em relação à análise das práticas desenvolvidas no Jardim de Infância do GEHEM, no período de 1946 a 1956, a partir das memórias dos ex-alunos, foi possível perceber a presença de alguns princípios estruturantes da Educação Infantil nas práticas do jardim: o brincar, o educar e o cuidar na perspectiva das práticas de higiene. O cotidiano do jardim estava permeado pelas práticas de nacionalização do ensino, principalmente nos momentos de festas, nos desfiles cívicos e nas comemorações de datas cívicas. E a presença do catolicismo, no cotidiano do jardim, era manifestada na hora da oração, na contação de história e nas comemorações de datas como a Páscoa e o São João. O rito de passagem com a festa da formatura, transição para outra etapa da Educação, simbolizando a autorização de seguir em frente. A pesquisa possibilitou refletir sobre a história da Educação Infantil nessa localidade e os modos como a infância, desde a década de 1940, estiveram nos projetos e horizontes políticos do município.

Palavras-chave: Jardim de Infância. Grupo Escolar. Parque Infantil. Caxias do Sul.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the schooling processes developed in the Kindergarten of the Henrique Emilio Meyer School Group (GEHEM) of Caxias do Sul, from 1946 to 1956, based on memories and documents comprising the meanings attributed to childhood in the city from Caxias do Sul, RS. The period adopted is from 1946, the date of creation of the kindergarten, to 1956, a date stipulated by the fact of finding subjects who agreed to be interviewed for this research. This is a qualitative research in the theoretical perspective of Cultural History, based on Roger Chartier (1988; 2001), Peter Burke (1992; 2008), as well as dialogues with the work of Bastos (2001; 2011; 2017), between others. We used the methodology of Oral History, with a script of questions, and of Historical Document Analysis, considering laws, decrees, newspapers, photographs accessed in different archives. Caxias do Sul, a municipality in Serra Gaúcha, had its formation from a Brazilian immigration policy that of populating vacant lands, with European labor, at the end of the 19th century. The European migratory process took place in the region from 1875 onwards, with the arrival of Italian immigrants. From 1930 onwards, there were changes in the level of industries in Caxias do Sul. Thus, with the development of industry, the urban population grew rapidly, as did the city, requiring an organization and changes in the urban area through infrastructure planning to meet the population's demands. It is in this context that the GEHEM building is built, with *Art Déco* characteristics, which reflected the modernization of the Getúlio Vargas government. In 1946, the GEHEM Kindergarten is created. The Monteiro Lobato Children's Park, the first children's park in Caxias do Sul, inaugurated in 1953. Its construction aimed to attract the population to outdoor leisure activities, with a focus on education, literature and interaction between neighbors and residents of the surrounding area. Regarding the analysis of the practices developed in the GEHEM Kindergarten, from 1946 to 1956, based on the memories of former students, it was possible to notice the presence of some structuring principles of Kindergarten in the garden practices: playing, educating and caring from the perspective of hygiene practices. The daily life of the garden permeated by the practices of nationalization of education, especially at times of parties, civic parades and celebrations of civic dates. In addition, the presence of Catholicism in the daily life of the garden, manifested in the time of prayer, in storytelling and in the commemorations of dates such as Easter and St. John. The rite of passage with the graduation party, transition to another stage of Education, symbolizing the authorization to move forward. The research made it possible to reflect on the history of Early Childhood Education in this location and the ways in which childhood, since the 1940s, has been part of the municipality's political projects and horizons.

Keywords: Kindergarten. School Group. Playground. Caxias do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Caxias do Sul no Estado do Rio Grande do Sul	20
Figura 2 - Mapa da área urbana de Caxias (2008-2020).....	26
Figura 3 - O primeiro Jardim de Infância de Porto Alegre/RS (1909).....	45
Figura 4 - Livro de matrícula Classe Infantil Coronel Muratore (1934-1935).....	47
Figura 5 - Jornal com notícias do Jardim de Infância (1933)	48
Figura 6 - Jardim de Infância da Escola Normal Duque de Caxias (1945).....	49
Figura 7 - Reportagem do bairro Nossa Senhora de Lourdes	54
Figura 8 - Reportagem da Inauguração do Parque Infantil (1953).....	58
Figura 9 - Fotografias do Parque Infantil Monteiro Lobato.....	59
Figura 10 - Fotografia da Biblioteca Monteiro Lobato (1953).....	61
Figura 11 - Ida Marcucci Zanellato cercada pelas filhas Vanda, Yolanda e Lavínia .	64
Figura 12 - Jornal O Momento Grupo Escolar Dr. Julio de Castilhos (1933)	65
Figura 13 - Fonograma do Prefeito Municipal Dante Marcucci sugerindo nome Henrique Emílio Meyer (1939)	66
Figura 14 - Prédio do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	67
Figura 15 - Panorama urbano do entorno do Grupo Henrique Emílio Meyer (Década de 1950).....	68
Figura 16 - Prédio da MAESA (1948 e 2016)	69
Figura 17 - Livros da coleção publicada pelo Departamento da Criança - Ministério da Saúde (1952, 1967 e 1957).....	82
Figura 18 - Curso de Aperfeiçoamento de Jardim de Infância (1942).....	83
Figura 19 - Impresso do CPOE/RS, Revista do Ensino/RS (1960).....	84
Figura 20 - Histórico do Jardim de Infância GEHEM	88
Figura 21 - Desfile Cívico (1950).....	94
Figura 22 - Seção Formação de Hábitos (1960).....	98
Figura 23 - O desfile (1955)	100
Figura 24 - Desfile Cívico (1950).....	101
Figura 25 - Reportagem da Festa da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM (1959)	102
Figura 26 - Visita do Coelho da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM	103
Figura 27 - Fotografia da Festa da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM.....	104
Figura 28 - Festa de São João	105
Figura 29 - Revista do Ensino/RS (1960)	106
Figura 30 - O Convite de formatura (1952).....	108
Figura 31 - Fotografia da Entrega dos Anéis - Formatura do Jardim de infância (1953)	111
Figura 32 - Encerramento do ano letivo do Jardim de Infância do GEHEM.....	112
Figura 33 - Fotografia da formatura do Jardim de Infância (1953).....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sujeitos entrevistados	32
Quadro 2 - Documentos identificados no AHMJSA	35
Quadro 3 - Fontes pesquisadas no Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira (AHDB)	36
Quadro 4 - Entrevistas transcritas	37
Quadro 5 - Entrevistas do Banco de Memória do AHMJSA	39
Quadro 6 - Imagens retiradas do vídeo em comemoração aos 85 anos do Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer	40
Quadro 7 - Impressos publicados por técnicos do CPOE/RS.....	84
Quadro 8 - Programação da formatura do ano de 1949	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Crescimento populacional do município de Caxias do Sul (1890-1991) ..22

LISTA DE SIGLAS

AHDB	Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira
AHMJSA	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CPOE	Centro de Pesquisa e Orientação Educacional
CAU/RS	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ESEF	Escola Superior de Educação Física
GEHEM	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MAESA	Metalúrgica Abramo Eberle Sociedade Anônima
RS	Rio Grande do Sul
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESP	Secretaria da Educação e Saúde Pública
SMED	Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul
ONU	Organização das Nações Unidas
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	28
2.1 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL	28
2.2 ANÁLISE DOCUMENTAL	34
3 UM BREVE ESTUDO SOBRE A INFÂNCIA: RELAÇÕES DE CONTEXTO	41
4 CONTEXTUALIZANDO: O ESPAÇO FÍSICO E SOCIAL DA CRIAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA DO GEHEM	53
4.1 BAIRRO GUARANI: UM LUGAR EM DESENVOLVIMENTO	53
4.1.1 Parque Infantil Monteiro Lobato.....	56
4.2 PROFESSORA IDA MARCUCCI ZANELATO E A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMÍLIO MEYER.....	63
4.3 ORGANIZAÇÃO, ORIENTAÇÕES E FORMAÇÃO ÀS “JARDINEIRAS”	74
5 O COTIDIANO NO JARDIM E AS FESTIVIDADES	88
5.1 O BRINCAR: LEMBRANÇAS DE BRINCADEIRAS NO COTIDIANO DO JARDIM	91
5.2 HIGIENE NA EDUCAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONCEPÇÃO ATUAL DE EDUCAR E CUIDAR.....	95
5.3 FESTAS CÍVICAS E RELIGIOSAS	99
5.4 A FORMATURA: RITOS DE PASSAGEM DO JARDIM DE INFÂNCIA PARA O ENSINO PRIMÁRIO.....	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	136
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	137

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Não será a primeira vez que o saudável exercício de ‘olhar para trás’ ajudará a iluminar os caminhos que agora percorremos, entendendo melhor o porquê de certas escolhas feitas por nossa sociedade.”

(DEL PRIORE, 2013, p. 8).

Ao investigar a história, as instituições escolares, os sujeitos, as memórias, as práticas, as culturas e suas representações olhando para o passado, abrem-se janelas de possibilidades para compreender a constituição do presente em que vivemos.

As pesquisas da História da Educação Infantil no Brasil são recentes. No município de Caxias do Sul, é um campo pouco explorado, com muitas questões a serem respondidas. Assim, essa lacuna histórica em relação à constituição das instituições públicas de educação infantil e da cultura escolar desenvolvida nesses espaços, no município - além das inquietações e provocações resultantes da minha trajetória profissional -, foi a mola propulsora para a escolha dessa temática.

Iniciei meu percurso como professora pré-escolar em 1995, com uma turma de Jardim I (5 anos), em uma escola particular. Em 2000, ingressei na rede pública municipal de Caxias do Sul, como professora de Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estar na rede municipal de ensino me possibilitou diferentes experiências na área da educação, atuando com crianças em distintos momentos da escolarização, da Educação Infantil - uma das melhores experiências que já tive - até o 5º ano do Ensino Fundamental. Além disso, atuei em outros setores, como biblioteca, apoio pedagógico e direção de escola; e na Secretaria Municipal de Educação (SMED), nas funções de gerente pedagógica da Educação Infantil (2015) e de coordenadora do Núcleo de Atendimento à Infância (2016).

Ademais, durante os dois anos em que trabalhei na SMED, tive a oportunidade de me reencontrar com a Educação Infantil e, dessa forma, ampliar minha visão sobre essa etapa de ensino no município. Nesse contexto, atuei na formação de educadoras infantis, tive a oportunidade de conhecer o cotidiano das escolas de Educação Infantil conveniadas ao município. Foi a partir dessa experiência que também percebi uma discrepância entre a quantidade de formações oferecidas pela mantenedora para os professores de pré-escola das escolas

municipais de Ensino Fundamental e para os de escolas de Educação Infantil conveniadas ao município. Para estes profissionais era oferecido um número de formações superior em relação a aqueles. Observou-se, ainda, um acompanhamento pedagógico mais frequente às escolas de educação infantil. Em contrapartida, com as turmas de pré-escola incluídas nas EMEFs, houve mais autonomia.

Em 2017, retornei para a escola e optei por uma turma de Educação Infantil de quatro anos, pois queria observar *in loco* como essas crianças eram acolhidas nas EMEFs. Nesses dois anos atuando com turma de pré-escola e participando de formações com as demais colegas da rede, foi possível perceber uma grande diferença na prática pedagógica com as turmas da pré-escola que estão nas escolas de ensino fundamental em relação às que estão nas escolas de Educação Infantil conveniadas ao município, observando-se nestas últimas uma maior atenção aos aspectos da infância, enquanto nas turmas de pré-escola, inseridas nas Escolas de Ensino Fundamental, uma escolarização a serviço do ensino fundamental. Em 2021, novamente na Secretaria da Educação, mais uma vez na função de Gerente da Educação Infantil, tive uma oportunidade de aprendizagem e de desafios para contribuir com o atendimento da primeira infância em Caxias do Sul. Estar no mestrado me possibilitou ampliar o conhecimento sobre a educação infantil e realizar reflexões que estão impactando no meu trabalho como gerente: pensar e viabilizar um acolhimento às crianças da educação infantil atendidas nas escolas de ensino fundamental, respeitando as singularidades de cada uma; e oportunizar formações e acompanhamentos mais sistemáticos às coordenadoras e às professoras das turmas de educação infantil inseridas nas escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Caxias do Sul.

A negação da criança, da cultura infantil, da infância no cotidiano das escolas de ensino fundamental, a criança transformada em “aluno”, falas como “pezinho de algodão”, “Tire a mão do bolso! Mão para trás ou para baixo!” (crianças em fila andando nos corredores), “Agora todos peguem o lápis da cor vermelha” chegavam aos meus ouvidos como uma agressão. Então, a possibilidade de criar um ambiente acolhedor, que respeite as especificidades das infâncias, fez com que eu fosse em busca, através da pesquisa da História da Educação Infantil no município de Caxias do Sul, de compreender a cultura escolar representada nas práticas educativas, nas turmas de pré-escola inseridas nas escolas de ensino fundamental do município.

Acredito que, para compreender o presente, é necessário conhecer o passado, pois, como afirma Aranha (2006, p. 6), “Pensar o passado, porém, não é saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente”. Na busca da delimitação do tema a ser investigado, elegi o jardim de infância em uma escola pública, no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (GEHEM)¹.

O recorte temporal desta investigação foi estabelecido por meio dos primeiros vestígios encontrados sobre jardim de infância no município. Com a pesquisa no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), descobri os primeiros jornais que circulavam na cidade, que fazem parte do Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira (AHDB). Eles mencionam turmas de jardim de infância no GEHEM, atual Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer, que foi inaugurado em 1946. A data final do recorte temporal, 1956, foi estipulada pelo fato de encontrar sujeitos que concordaram em conceder entrevista para esta pesquisa, são ex-alunos da turma do jardim de infância do GEHEM no referido ano. Desse modo, estabeleceu-se o período a ser investigado - buscando compreender os processos de escolarização que traduzem uma cultura escolar desenvolvida no atendimento à infância nessa instituição - pela data de sua inauguração até o período que se identificaram egressos que aceitaram participar da pesquisa.

A investigação procedeu com o seguinte problema: **Como se desenvolveram os processos de escolarização no jardim de infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, no período de 1946 a 1956?** A revisão de literatura com aproximações da temática auxiliou na chegada ao problema e no desenvolvimento do objetivo geral: *Analisar o processo de escolarização desenvolvido no jardim de infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, no período de 1946 a 1956, a partir de memórias e documentos, compreendendo os sentidos atribuídos à infância no município de Caxias do Sul.* Com o objetivo geral delineado, a pesquisa abrange três objetivos específicos:

- Identificar e compreender os processos de constituição do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer.

¹ Optou-se pelo uso da nomenclatura Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, nesta dissertação, por ser o nome da instituição no período investigado (1946-1956). Essa instituição recebeu outras denominações em distintos momentos, como: 1931 - aulas ministradas pela professora Ida Zanellato, em sua residência; 1933 - Grupo Escolar Dr. Júlio de Prates Castilhos; 1939 - Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer; 1976 - Escola Estadual de 1º e 2º Graus Henrique Emílio Meyer; e 2000 - Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer.

- Identificar os processos de constituição das primeiras turmas de jardim de infância no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer para compreender as relações de contexto e a produção de uma cultura escolar constituída no período investigado.
- Analisar as narrativas de memórias e as representações sobre uma cultura escolar para atendimento da infância em Caxias do Sul.

Fazer o levantamento de investigações que dialoguem com o objeto escolhido amplia o olhar, abre possibilidades de delimitar o problema de pesquisa. Essa análise favoreceu a descoberta de autores que são referências no tema escolhido, aprofundou o conhecimento e a escolha de conceitos que foram mobilizados nesse processo.

Os levantamentos de teses e dissertações, realizados nos meses de fevereiro a abril do ano de 2020, foram fundamentais para a estruturação do projeto de pesquisa. Primeiramente, pesquisei na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O recorte temporal utilizado foi 2004 a 2020, para encontrar o que estava sendo discutido e escrito atualmente sobre o tema. Utilizei os descritores como palavras-chave para encontrar os estudos que mais se aproximassem ao tema da pesquisa. Foram encontrados, entre teses e dissertações, 9.246 trabalhos no total, sendo 6.722 dissertações e 2.524 teses. Foram selecionados, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, 68 trabalhos, sendo 7 sobre Jardim de Infância; 16 relativos à Educação em Caxias do Sul; 4 a respeito de Práticas Educativas no Jardim de Infância; 32 em relação à Infância(s); e 9 sobre Cultura Escolar. Após essa seleção prévia, foi feita uma nova triagem, mais detalhada, com a leitura dos resumos. Ao final, foram lidos, na íntegra, 15 trabalhos.

Entre as 68 teses e dissertações selecionadas no banco de dados da BDTD, foram lidas as que mais se aproximaram do meu objeto de pesquisa - O Jardim de Infância no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, Caxias do Sul, no período de 1946 a 1956 -, dos meus objetivos e das minhas escolhas teóricas e metodológicas. Busquei trabalhos que conversassem com o tema “processos de instituições dos primeiros jardins de infância”, com o recorte temporal semelhante ao período estabelecido por esta investigação, suas representações, práticas, culturas e processos de escolarização da infância. Da mesma forma, procurei por trabalhos embasados na História Cultural e na História da Educação, com metodologias da História Oral, uso de narrativas, Análise Documental e Iconográfica que abordassem

conceitos como infâncias, práticas educativas no jardim de infância, cultura escolar e educação em Caxias do Sul.

Pesquisar o processo de escolarização envolve compreender que os fenômenos educacionais de uma determinada época são formados pelas relações sociais e se constituem dentro dessas relações, e não fora ou à parte. Esses fenômenos educacionais são processos históricos em que as relações determinam os estratos sociais considerados capazes de serem educados. Segundo Kuhlmann Jr. (2015, p. 81),

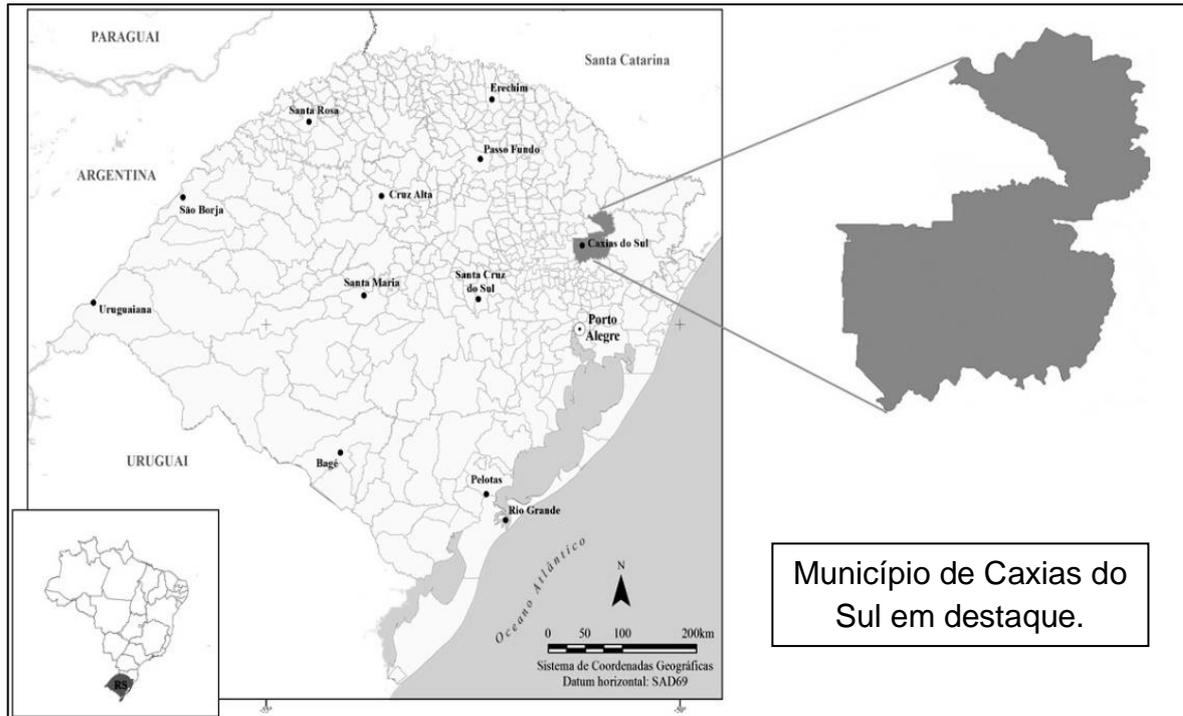
Se as concepções, as formas, as propostas educacionais são históricas, então a compreensão da sua história não pode restringir-se aos estreitos limites da educação, esquecendo-se das suas relações com o econômico, o geográfico, o social etc.

Nesse sentido, conhecer o espaço físico e social onde ocorreu esta investigação contribui para sua compreensão. Caxias do Sul, segundo maior município gaúcho, em destaque na Figura 1, é o cenário desta investigação.

O município de Caxias do Sul está localizado na encosta superior do nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, na Serra Gaúcha, a 127,4 km da capital Porto Alegre. Seus limites geográficos são estabelecidos a partir da fronteira com os seguintes municípios: ao norte, por São Marcos, Campestre da Serra e Monte Alegre dos Campos; ao sul, por Vale Real, Nova Petrópolis, Gramado e Canela; ao leste, por São Francisco de Paula; e, a oeste, por Flores da Cunha e Farroupilha.

Sua área é de 1.652,308 km², possuindo os seguintes distritos: Criúva, Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, Vila Cristina, Vila Oliva e Vila Seca. Já a população soma 483.377, conforme levantamento do IBGE de 2017, e, assim, o município se consolida como o segundo maior do Rio Grande do Sul em número de habitantes e em importância econômica (CAXIAS DO SUL, 2020).

Figura 1 - Mapa de Caxias do Sul no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptada pela autora a partir da Divisão Geopolítica do Estado do Rio Grande do Sul, Fundação Estadual de Economia e Estatística (RIO GRANDE DO SUL, 2020).

Caxias do Sul teve sua formação a partir de uma política imigratória brasileira, a de povoar terras devolutas, com mão de obra europeia, no final do século XIX. O processo migratório europeu deu-se na região a partir de 1875, com a chegada dos imigrantes italianos, em terras antes habitadas pelos índios Kaygang, que praticamente desapareceram no decorrer do século XIX, área essa denominada Campo dos Bugres. Em seus primórdios, a Colônia de Caxias pertencia a São Sebastião do Caí; teve sua emancipação em 1890. Sua posição geográfica foi acrescentada ao nome Caxias somente em 1945, para se diferenciar de outros locais que tinham a mesma denominação (DALLA VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998).

Inicialmente, as atividades econômicas em Caxias do Sul foram com base na agricultura. Nesse contexto, os imigrantes italianos colheram suas primeiras safras em 1878. O trabalho na colônia era feito pelas próprias famílias de imigrantes. Como todos tinham condições iguais, o trabalho assalariado quase não existia.

A colônia ficava isolada. Por isso, as formas de acesso eram difíceis, e as viagens para a capital se tornavam demoradas e perigosas. Devido a essa situação, os colonos se obrigaram a desenvolver suas próprias ferramentas. Os imigrantes

trouxeram consigo conhecimentos além da agricultura, já que muitos, na Itália, trabalhavam em outros ofícios.

O isolamento, assim configurado, obrigou os colonos a produzir o que necessitavam. Além disso, alguns imigrantes trouxeram consigo “o gérmen da Revolução Industrial”, como cita Giron, o que se tornou um incentivo a mais para início da produção local de bens manufaturados (DALLA VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 51).

A colônia Caxias, segundo Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998), em 1884, já contava com 25 negociantes, oito sapateiros, quatro padeiros, dois farmacêuticos, cinco ferreiros, entre outros. No período entre 1875 a 1885, a colônia tinha 10.521 habitantes. Já no recenseamento de 1890 a população passou para 15.142 habitantes em Caxias do Sul. Nesse período, inicia-se uma diferenciação econômica entre os produtores rurais e as classes produtoras urbanas. Os comerciantes começaram a acumular capital com as operações de venda dos produtos agrícolas. Assim, passaram a ter um padrão de vida superior em relação aos colonos do interior, causando uma diferenciação social.

Conforme a Tabela 1, abaixo, observa-se que, com o passar dos anos, a população rural começa a diminuir, e aumentar a urbana. Esse fenômeno ocorre devido à mudança na economia do município, que passa da agrícola para a industrial. Até 1930, a industrialização acontece como uma extensão da agricultura, como a viticultura. As indústrias locais eram para servir as necessidades da população. Dois fatores favoreceram, no início do século XX, o desenvolvimento da indústria no município: a construção da ferrovia em 1910 e a instalação da energia elétrica em 1913; possibilitando a ligação de Caxias com Porto Alegre e a força motriz para os estabelecimentos industriais.

A partir de 1930, houve mudanças no nível das indústrias caxienses. O que eram, até então, pequenas fábricas de processo inicial passaram a apresentar uma organização mais estruturada e sólida. Surgiram frigoríficos, malharias, lanifícios e moinhos. Até a década de 1950, as indústrias de alimentos e vestuários foram as que mais se desenvolveram, enquanto as demais continuavam a nível pré-industrial. O setor metalúrgico já existia antes da década de 1950, quando já havia duas indústrias de porte: Eberle e Triches. Outras indústrias também foram se expandindo, como, por exemplo, Grupo Alfredo, Malhas Petenatti, Marcopolo, Randon, Fras-le e Madal. Mas foi a partir da década de 1950 que o setor metalúrgico

do município foi criando força, até se tornar um polo industrial, reconhecido regional e nacionalmente. Esse reconhecimento atraiu trabalhadores dos municípios vizinhos e da região, aumentando a população do município de forma significativa, como mostra a Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 - Crescimento populacional do município de Caxias do Sul (1890-1991)

Ano	População total	Rural	Urbana
1890	15.142	-	-
1900	30.500	27.500	3.000
1910	23.956	20.214	3.742
1920	33.773	-	-
1930	32.622	22.647	9.975
1940	39.677	19.554	20.123
1950	58.594	22.791	35.803
1960	101.852	32.583	69.269
1970	144.871	30.863	114.008
1980	220.553	20.212	200.341
1991	290.969	26.164	264.805

Fonte: Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 31).

A educação, em Caxias do Sul, também acompanhou todo o processo de desenvolvimento histórico, social, cultural e econômico da região. Os espaços que ocupou também modificaram, visto que o maior número de escolas, inicialmente, estava na zona rural, e, com o desenvolvimento urbano, isso foi aos poucos se invertendo.

Encontro a necessidade de retroceder no recorte temporal proposto na pesquisa, buscando conhecer os processos escolares desde o início da Colônia de Caxias para compreender o período de estudo, pois, como afirma Luchese (2007, p. 9),

[...] a intensa dinâmica vivida em prol da escolarização na Região Colonial Italiana, no período de 1875 a 1930, construiu as bases do sistema escolar hoje existentes nos municípios em estudo, o que denota a importância que a escola, juntamente com a família e a religiosidade, tinha na educação para os imigrantes e seus descendentes.

O processo de escolarização em Caxias foi dinâmico, com diferentes iniciativas, organizadas e mantidas por setores da sociedade, com formas próprias

de proceder, organizar e privilegiar. “Em um mesmo momento histórico, conviveram escolas primárias instituídas, organizadas e mantidas por diferentes setores da sociedade, da Igreja e do Estado.” (LUCHESE, 2007, p. 103).

No início do século XX, a educação formal, em Caxias do Sul, estava basicamente a cargo das instituições confessionais católicas além das escolas isoladas de atendimento à instrução primária. Como argumenta Souza (2016, p. 160), “A quase insignificante ação do Estado, no que se refere ao desenvolvimento da escolarização da população gaúcha, permitiu que a iniciativa privada ocupasse a lacuna da inexistência de escola, ou seja, aulas públicas”.

Desse modo, salienta-se a predominância das iniciativas pela Igreja Católica. A primeira escola confessional católica foi criada em Caxias em 11 de fevereiro de 1901, pelas Irmãs do São José, para o atendimento feminino. No ano de 1908, foi fundado o Colégio Nossa Senhora do Carmo, pelos Irmãos Lassaletas, com o intuito de oferecer, inicialmente, o ensino só para os meninos. As irmãs da Congregação Imaculado Coração de Maria, em 1928, fundaram o orfanato Santa Terezinha para atender órfãs e carentes do sexo feminino, atual Colégio Madre Imilda. Também foi criado o Colégio São Carlos em 1936 e o Ginásio La Salle em 1937.

Outra iniciativa educacional da Igreja Católica foi a criação das Escolas Paroquiais no ano 1921, com o objetivo de fazer frente ao Colégio Metodista e ao Colégio Espírita, abertos nas décadas de 1910 e 1920. Elas tinham como orientação a doutrina cristã. Atenderam a comunidade de Caxias até 1934, foram fechadas pelo motivo financeiro de manter a estrutura física e o pagamento dos professores, e também porque o ensino religioso podia ser ensinado nas escolas públicas. Para lecionar o ensino religioso nas escolas públicas, era necessária a indicação do Bispo, apesar de que na época o ensino público já deveria ser laico.

Em relação ao ensino público, destaca-se a criação do Colégio Elementar José Bonifácio, no ano de 1912. Anterior a sua criação, existiam na cidade de Caxias as chamadas escolas isoladas, que foram reunidas no Colégio Elementar, ficando apenas algumas mais distantes.

O Colégio Elementar, criado em 1912, teve como primeiro diretor o professor Apolinário Alves dos Santos; esteve localizado em vários prédios até fixar-se onde hoje se localiza a Escola Estadual Presidente Vargas, na rua Visconde de Pelotas. Em Caxias do Sul, foi responsável por um novo modelo de escola primária, em que, até então, aprendiam somente leitura, escrita e cálculos; as aulas eram em uma

única sala, os alunos ficavam todos juntos, independentemente do nível, e tinham somente um professor. No Colégio Elementar, os alunos foram divididos em turmas pelo grau de ensino, marcando o início do ensino seriado ou graduado. Assim, outras disciplinas foram introduzidas no currículo, além da leitura, escrita e cálculos. Segundo Luchese (2007, p. 169), “Nos municípios da Região Colonial Italiana, a criação dos colégios elementares foi muito significativa no processo de expansão e qualificação do ensino público”.

No período de 1910 a 1929, a rede escolar municipal teve um aumento significativo. Um dos principais fatores foi a subvenção do Estado para o pagamento dos professores e para a manutenção das escolas. Com o passar dos anos, ficou para o município a manutenção das escolas primárias na zona rural.

Outra conquista muito importante para a educação no município foi a criação da Escola Complementar, através do Decreto Estadual nº 4.491, de 28 de fevereiro de 1930, para formação de professores. Até então, a mais próxima, com essa finalidade, ficava em Porto Alegre. Por essa razão, a grande maioria dos professores não tinha formação para atuar. O prédio construído pelo poder público para a Escola Complementar foi inaugurado em 1938, ano em que o Colégio Elementar José Bonifácio, com o curso primário, passou a ocupar o mesmo espaço.

A educação em Caxias também foi influenciada pelos movimentos nacionais. Por meio deste estudo, é possível perceber que, até a década de 1930, acontecem diferentes iniciativas para promovê-la: as escolas confessionais, as aulas subsidiadas pelo governo italiano, iniciativas privadas de professores com aulas particulares, em suas próprias casas, além das escolas mantidas pelo município e pelo Estado. Com o Estado Novo, no governo Vargas, esse cenário começa a se modificar.

A política nacionalista de Vargas repercute no município, com efeitos positivos no progresso e no crescimento da cidade, mas algo marcante para a população da região, a grande maioria constituída por imigrantes e descendentes, foi a proibição da língua de origem, tanto nas escolas como em lugares públicos. A língua oficial e única permitida era o português.

A partir da década de 1930, começam a acontecer alterações significativas no ensino público municipal, decorrentes das mudanças também a nível federal, relacionadas à formação de professores e ao emprego de novos programas de ensino em decorrência de novas propostas pedagógicas. Nesse período, há a

influência do pensamento nacionalista. Por isso, a educação é permeada pelo civismo, patriotismo e demais símbolos nacionais, como a execução do Hino Nacional Brasileiro, sendo base dos textos e lições trabalhadas na escola.

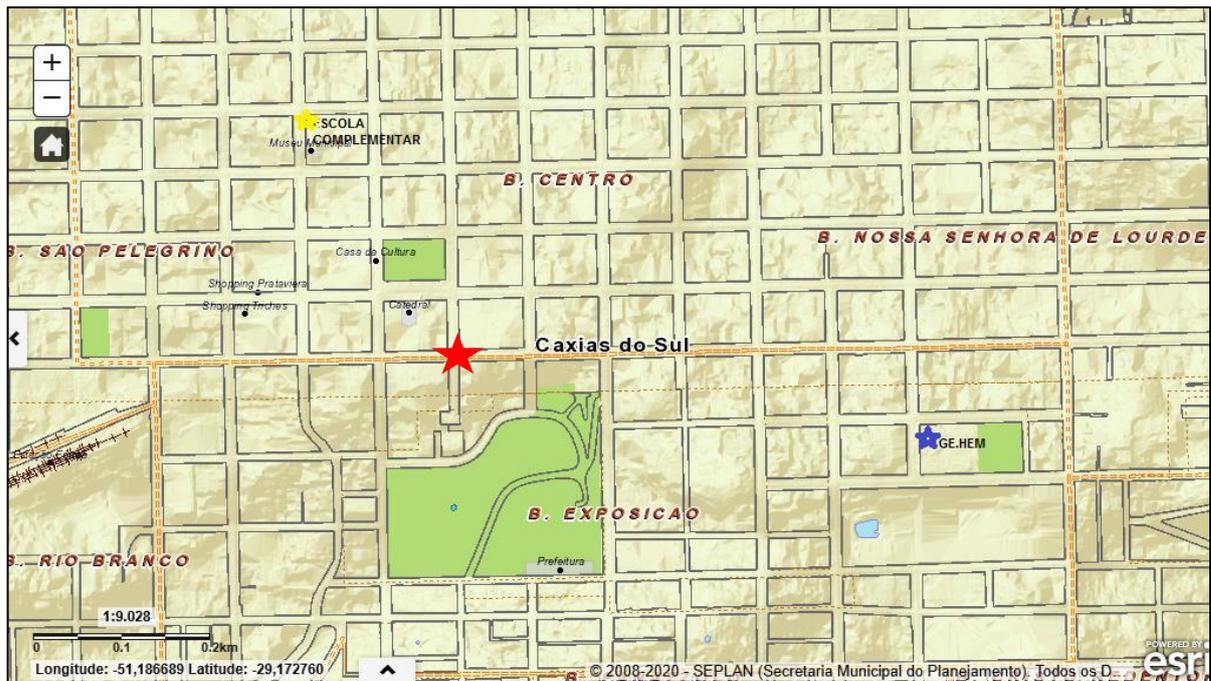
Em 1935, Dr. Dante Marcucci é eleito prefeito do município de Caxias do Sul. Em seu governo, promoveu a organização do ensino e acompanhamento direto nas escolas, através de visitas de inspeção. É a partir da década de 1930 que são criados os primeiros jardins de infância em Caxias, tanto públicos como privados. A influência da política nacional em relação à educação infantil também chega ao município, apesar de uma defasagem temporal em relação aos grandes centros urbanos da época. Segundo Roso (2012), esse período de transformações se prolonga até o término do governo Vargas, em 1945.

Com esse breve estudo sobre a história da educação de Caxias até meados do século XX, percebe-se que a educação em Caxias acompanhou o desenvolvimento do contexto local e nacional. Conforme foram acontecendo modificações no cenário social, a educação também foi se remanejando para atender a população de acordo com as necessidades da época.

Conhecer o contexto histórico de Caxias em torno da escolarização local foi relevante para compor o acervo de informações necessárias para analisar e interpretar as fontes elencadas para a pesquisa.

Essa investigação sobre o Jardim de Infância na escola pública se detém ao espaço urbano, já que o objeto da pesquisa no recorte temporal estipulado ocorre nesse espaço. Para compreender os sentidos atribuídos à escolarização da infância, mesmo que o estudo se detenha ao GEHEM, foi incluída aqui a Escola Complementar. Cabe salientar sua relevância, já que a maioria dos professores no período investigado eram formados nessa instituição. Outro espaço que estabelece relação com o objeto de pesquisa é o Colégio São José, também com formação de professores e pelo fato de que muitos ex-alunos do GEHEM eram transferidos pelas famílias para esse colégio após o jardim de infância. A Figura 2, abaixo, ilustra, pela estrela azul, onde está situado o Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer; pela estrela de cor amarela, a Escola Complementar; e pela estrela vermelha, o Colégio São José.

Figura 2 - Mapa da área urbana de Caxias (2008-2020)



Fonte: Adaptada pela autora a partir de Secretaria Municipal do Planejamento - SEPLAN (2020).

Legenda:

★ Grupo Escolar Henrique Emilio Meyer ★ Escola Complementar ★ Colégio São José

Após situar o objeto de pesquisa, o recorte temporal e o recorte espacial, conforme a Figura 2, justifica-se a opção pela História Cultural. A partir dela é possível compreender criticamente o presente. Como afirma Souza (2011, p. 64), “[...] a História é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e novos projetos para o presente e para o futuro”.

Compor a partir da análise de documentos uma história do jardim de infância do GEHEM de Caxias do Sul é ir ao encontro de vestígios, de acontecimentos, é descobrir os nexos que ligam os fios que tecem a história da escolarização da infância, sob a perspectiva da História Cultural, entendendo-a como uma corrente historiográfica que se constituiu a partir da história francesa dos *Annales*, que rompeu com o paradigma da história tradicional, dando visibilidade para a história de pessoas comuns e da sua vida cotidiana. Segundo Chartier (1988, p. 16), “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. A História Cultural amplia o repertório do historiador, trabalha a cultura com uma nova forma: “[...] como um conjunto de

significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (PESAVENTO, 2008, p. 15).

A nova história passou a considerar toda a atividade humana como possuidora de história. Conforme Burke (1992, p. 11), “Tudo tem uma história [...] tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado”. Burke (1992) aponta que, nas últimas décadas do século XX, variadas histórias notáveis surgem com temas antes não reconhecidos como possuidores de história, por exemplo, a infância, a criança, o negro, a morte, as mulheres, a loucura, a feminilidade, a sujeira, os odores, os gestos, a leitura, a fala e o silêncio.

Sendo assim, é com a Nova História Cultural que temas antes não investigados começam a ganhar visibilidade no campo da história. Do mesmo modo, conceitos como cultura escolar, representações e práticas, que ampliam a visão do pesquisador, anunciam uma pluralidade cultural do objeto investigado.

No próximo capítulo, anuncio a opção metodológica desta pesquisa, de natureza qualitativa, História Oral, sustentada por entrevistas semiestruturadas e também por análise de documentos, entrevistas do arquivo de memória do AHMJSA, jornais e fotografias, que serão observados e analisados sob a ótica da História Cultural.

Em síntese, neste primeiro capítulo, buscou-se apresentar as motivações, caracterizar o objeto, definir a perspectiva teórica e estabelecer a relação com a metodologia escolhida para esta pesquisa. Já no capítulo dois, a seguir, são explicitados a apresentação e o desenvolvimento da metodologia empregada, detalhando como a Análise Documental valeu-se das memórias, dos documentos oficiais e das fotografias.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

“É mediando entre as memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretetece uma hermenêutica e um sentido para a história das instituições educativas.”

(MAGALHÃES, 2004, p. 155).

Esta pesquisa buscou analisar o processo de escolarização no jardim de infância público do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, em Caxias do Sul, investigando os vestígios da cultura escolar e suas representações, por um olhar guiado pela ótica da História Cultural, com a metodologia da História Oral, a partir do uso de narrativas e da Análise Documental.

2.1 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

“[...] são os percursos de vida dos alunos e ex-alunos que direta e indiretamente representam e permitem aprofundar o conhecimento historiográfico sobre a instituição, nos planos global, relacional, integrativo.”

(MAGALHÃES, 2004, p. 163).

A escolha pela metodologia da História Oral se deve pela possibilidade de a fonte oral poder acrescentar uma dimensão viva, através da escuta dos percursos de vida dos ex-alunos, apresentando novas perspectivas à pesquisa, pois muitas vezes são necessários documentos variados para compor uma história do processo do objeto pesquisado, não apenas documentos escritos. Através da metodologia da História Oral, as memórias permitiram a análise sobre como se organizou o cotidiano, quais representações e práticas formaram a cultura de escolarização no jardim de infância do GEHEM de Caxias, no período investigado.

É importante mencionar que a metodologia da História Oral se inicia com pesquisas realizadas nos Estados Unidos a partir dos anos 60 e 70 do século XX, e se consolida com a *Oral History Association (OHA)*.

Segundo Joutard (2005), a História Oral a nível mundial teve seu início na década de 1950. No final da seguinte década, surge uma segunda geração, que eleva as fontes orais ao nível de uma “outra história”. Em países como França e Espanha, de acordo com Joutard (2005), a História Oral até 1975 era obra de pessoas isoladas. Na metade da década de 1970 é que a História Oral passa a ser

reconhecida como uma metodologia e a ser praticada por grupos de pesquisadores. No Brasil, teve início com a Fundação Getúlio Vargas, em 1975, por meio de um programa de coletar testemunhos de líderes políticos desde 1920. Segundo Ferreira e Amado (2005), ainda em 1996, no Brasil, existia um distanciamento enorme entre o crescimento da História Oral e a quantidade de livros e artigos sobre a mesma em português. Outra observação relevante das autoras é que trabalhar com a História Oral nessa época “[...] ainda consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos, sem explorá-los suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico.” (FERREIRA; AMADO, 2005, p. 11).

A História Oral, segundo Alberti (2013), é uma metodologia de pesquisa e um meio de conhecimento. O pesquisador deve ter clareza das especificidades desse método para elaborar as questões da entrevista, para que sejam relevantes para pesquisar o que se pretende, com o objetivo de recuperar um passado de acordo com aquilo que é concebido pelos que o viveram. Com a entrevista de História Oral é possível também rememorar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza, é por meio das lembranças dos sujeitos que se obtêm subsídios para análise das memórias. Com as evidências das memórias dos entrevistados, busco compreender as representações sobre uma cultura escolar no jardim de infância público em Caxias do Sul. Para Ferreira e Amado (2005, p. 94), memória

[...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Para Hobsbawm (2013), as memórias propõem-se a entender que o passado é composto de uma seleção particular das infinitas memórias, que são lembranças. Dessa forma, investiguei as memórias dos ex-alunos das turmas de jardim de infância do GEHEM, concebendo a memória como documento que possibilita a produção de leituras do passado, do vivido, experimentado pelos sujeitos, daquilo que lembram e esquecem, além de conhecer um pouco do passado para compreender as ações realizadas no presente.

A memória é composta por uma gama de representações vivenciadas e experimentadas. No momento em que nos deparamos com essas representações, as lembranças são evocadas. Quando sentimos o aroma, o sabor, a textura, quando

escutamos sons ou o próprio silêncio, essas ações nos remetem a um passado significativo, pois no mesmo instante a lembrança surge não somente como imagem no pensamento, mas no próprio corpo através das sensações. Conforme Stephanou e Bastos (2005, p. 420), “A memória é um caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas”.

O pesquisador, quando faz escolhas e seleções de fontes e as tira do silêncio, atribui a elas um sentido novo. “Por suas eleições, suas seleções, suas escolhas, o historiador atribui um sentido novo às palavras que tira do silêncio dos arquivos.” (CHARTIER, 2001, p. 117).

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, fez uso da metodologia da História Oral, com entrevistas semiestruturadas, juntamente com análise de documentos históricos (ofícios, leis, decretos, portarias, atas e demais documentos impressos ou manuscritos), jornais e fotografias, observados e analisados sob a perspectiva teórica da História Cultural.

Após a identificação da primeira possibilidade de entrevista, utilizei a metodologia do *snowball*, técnica conhecida no Brasil como “amostragem em bola de neve”. Conforme Vinuto (2014, p. 204),

[...] a amostragem em bola de neve mostra-se como um processo de permanente coleta de informações, que procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador um conjunto cada vez maior de contatos potenciais [...].

Essa metodologia utiliza-se de cadeia de referências, que se torna útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. Nesta pesquisa, são pessoas que frequentaram o jardim de infância nos anos de 1953 e 1956, portanto já possuem uma idade elevada. A entrevista piloto foi realizada com a ex-aluna do jardim de infância do GEHEM, indicada pela professora Dra. Cláudia Alquati Bisol, no Seminário de Pesquisa, disciplina que cursei no primeiro semestre do ano de 2020. Durante a minha fala sobre o objeto de pesquisa, a professora Cláudia mencionou que sua mãe havia frequentado o jardim de infância, que não tinha certeza se tinha sido no GEHEM, mas iria confirmar. Comentou que tinha até fotografias da formatura do jardim de infância de sua mãe. Na aula seguinte, ela

confirmou que realmente era o jardim de infância do GEHEM e fez a mediação para o agendamento da entrevista.

Desse modo, a entrevista piloto - com a ex-aluna Mariana Alquati Bisol, da turma do Jardim de Infância, ano 1953, do GEHEM - foi realizada no dia 22 de maio de 2020, às 15 horas, através do software *Google Meet*², gravada pelo mesmo programa. Não foi possível fazê-la pessoalmente devido ao momento da pandemia da COVID-19. O primeiro contato foi por e-mail, assim como as demais combinações, e teve como objetivo investigar a existência de outros ex-alunos, além de dados relevantes para a pesquisa.

Um dos fatos marcantes declarado pela depoente foi a formatura, um evento especial, com apresentações, com orador, com paraninfa, com celebração de missa e com a presença de autoridades locais, um protocolo de formatura oficial. Analisando as fotos, é possível perceber qual a classe social predominante dos ex-alunos do jardim de infância, naquele período. Outra observação relevante é a presença forte da religião católica. Fica evidente o lugar de destaque que o jardim de infância, na época, ocupava na sociedade caxiense, a partir das notícias no jornal da cidade, que evidenciavam as festas e eventos que os alunos participavam.

As entrevistas, como a entrevista piloto, foram realizadas por intermédio de um questionário com perguntas abertas, conforme Apêndice A, que foram construídas a partir do objeto de pesquisa e dos seus objetivos. As entrevistas foram semiestruturadas, as questões sofreram alterações conforme as narrativas do depoente. Como novos elementos poderão surgir, conforme explicam as autoras Zago, Carvalho e Villela (2003, p. 295), “[...] a entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação”.

No entanto, a pandemia da COVID-19 continuou, e a segunda entrevista também foi realizada virtualmente no dia 8 de dezembro de 2020, com a ex-aluna Eliza Maria Thomazzi Grossi, indicada pela ex-aluna Mariana Alquati Bisol. Já a terceira entrevista, gravada com telefone celular, foi possível fazer presencialmente, no dia 30 de abril de 2021, com a ex-aluna Sônia Inês Storchi, que se dispôs a participar dessa forma, já que ela já havia recebido as duas doses da vacina. Todas

² O *Google Meet* é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google* que permite a conversação e interação de forma *online* e em tempo real através de dispositivos conectados à internet.

as entrevistas foram consentidas pelos sujeitos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que corresponde às questões ético-legais quando na realização desses métodos, e estão descritas no Apêndice B. As entrevistas foram realizadas com as ex-alunas, como mostra o Quadro 1, abaixo. Optei por não utilizar fotos das entrevistadas, em respeito a uma delas, que não gosta de ser fotografada.

Quadro 1 - Sujeitos entrevistados

Nome	Mariana Alquati Bisol	Eliza Maria Thomazzi Grossi	Sônia Inês Storchi
Data de nascimento	13/08/1947	16/04/1947	08/02/1950
Data da entrevista	22/05/2020	08/12/2020	30/04/2021
Modalidade	Virtual	Virtual	Presencial

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

As entrevistas foram gravadas integralmente, para garantir a originalidade, a organização coerente e completa das respostas, assim como uma boa análise de dados. Outro fator essencial na entrevista é a escuta sensível à fala do outro. O entrevistador necessita fazer uma imersão no contexto que investiga, deve, conforme Grazziotin e Almeida (2012, p. 37), “[...] permanecer atento aos comportamentos e atitudes demonstradas pelos sujeitos envolvidos, perceber suas falas e seus silenciamentos [...]”.

As transcrições das entrevistas foram feitas pessoalmente, pois Grazziotin e Almeida (2012, p. 40) pontuam que, “[...] ao transcrever, é possível lembrar dos aspectos marcantes do encontro e fazer anotações paralelas às falas”.

Fotografias encontradas no AHMJSA, no vídeo de comemoração dos 85 anos do Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer, disponível no *YouTube*³, no jornal O Pioneiro e no acervo pessoal das ex-alunas Mariana Alquati Bisol e Eliza Thomazzi Grossi foram utilizadas como documentos na forma de imagens, compondo também o campo heurístico desta pesquisa. Vidal e Abdala (2005, p. 178-179) alertam que

Indagações sobre o quê, quem, por quê e quais os interesses do registro de um determinado instantâneo foram indicadas como constituintes da prática historiográfica, na assunção de que as imagens do ontem não são neutras,

³ O site *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos *online*.

mas produzidas com o objetivo de legar ao futuro certas representações do presente.

Então, a fotografia e as imagens são tratadas como documentos-monumentos, como certas representações de um passado, de um presente que chegam a um futuro, analisadas a partir do contexto histórico e social em que foram registradas, questionando os supostos interesses do registro, quem o fez e o que se registrou. Desse modo, procura-se encontrar o que não foi possível ser traduzido por palavras.

Tomar as fotografias como fonte [...] implicou em reconhecer sua produção na confluência de vários fatores: a subjetividade do fotógrafo, as determinações do contratante e o momento social e histórico de sua materialização. As fotos, assim, oferecem-nos um fragmento selecionado da realidade (VIDAL; ABDALA, 2005, p. 191).

Todavia, a fotografia não corresponde a uma representação da realidade, como se fosse um espelho, destaca Burke (2004). Vidal e Abdala (2005) estão em consonância com esse pensamento, quando afirmam que a fotografia é um fragmento selecionado da realidade.

Para analisar as fotografias encontradas, fiz uso dos referenciais metodológicos de Burke (2004), assim como de Vidal e Abdala (2005, p. 179), que ressaltam que

[...] deve o historiador fazer dialogar o documento fotográfico com demais fontes disponíveis sobre o período, rompendo o caráter fragmentário da fotografia e facilitando o estudo do conteúdo das imagens, bem como concorrendo para fixar datas e locais de produção dos objetos em análise.

Na busca de sentido, o pesquisador interpreta as narrativas, os documentos, as fotografias, no movimento constante de confrontar teoria e empiria, a narrativa e os documentos. É no exercício constante de questionar e dialogar com a teoria e com as fontes que avançará a produção da pesquisa. Luchese (2014, p. 148) ressalta que “[...] é preciso saber fazer perguntas, questionar e dialogar com os documentos, pois somente com perguntas é que poderemos avançar na produção do conhecimento histórico”.

O pesquisador interpreta os documentos através de seus questionamentos, permeados pela sua subjetividade e história de vida pessoal. O passado pode ser narrado em diversas versões.

Estar de posse dos documentos não é o suficiente, é imprescindível articular as diferentes fontes, estabelecendo um diálogo com os questionamentos realizados sobre o objeto de pesquisa. Cria-se a necessidade de uma categorização e de uma sistematização.

Idas e vindas aos arquivos, acesso a acervos pessoais e públicos, volume de documentos disponíveis cria a necessidade de sistematização, de categorização por temas, considerando-se o contexto e o objeto pesquisado. Para isso, cada investigador lança mão de seus modos de fazer, desde a utilização de cores, o uso de softwares, os quadros-síntese, dentre outros procedimentos que viabilizam a organização das categorias de análise. Construído o *corpus documental*, será preciso atentar para as diferentes linguagens mobilizadas pelo documento e as especificidades exigidas para a leitura de cada uma delas (LUCHESE, 2014, p. 150-151).

Nesse movimento constante de visitas ao arquivo histórico, pesquisas em jornais digitalizados no AHDB, entrevistas e transcrições, momentos de articulação das fontes disponíveis, inicia-se o processo de identificar as categorias, por temas, conforme o contexto e o objeto pesquisado.

Assim, emergem-se as categorias desta pesquisa: o brincar, a higiene na Educação, festas cívicas e religiosas e a formatura. Para chegar a elas, foram sendo agrupadas as falas que se repetiam com os temas e com as fotografias que complementavam as narrativas e as notícias dos jornais. Foram organizadas tabelas com os excertos das entrevistas, das notícias de jornais que contemplavam esses temas.

Para realizar uma análise e uma interpretação rica, é necessário relacionar diferentes documentos orais, textuais ou iconográficos. Estabelecer um diálogo com referências especializadas também é importante para a construção da análise, assim como o levantamento e as leituras de produções já existentes sobre o objeto de pesquisa.

2.2 ANÁLISE DOCUMENTAL

“[...] se as categorias de análise dependem dos documentos, eles precisam ser encontrados, “extraídos” das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeça.”

(PIMENTEL, 2001, p. 180).

No início desta pesquisa, após a definição do objeto de pesquisa, o objetivo era encontrar vestígios dos primeiros jardins de infância públicos em Caxias do Sul; eu não tinha a menor noção em relação às instituições que primeiro os acolheram e em que ano isso aconteceu. Nesse momento, não havia preocupação com a análise desses documentos. Inicialmente, queria apenas a informação da sua existência. Assim, o primeiro local visitado foi o AHMJSA, onde encontrei os primeiros indícios. Foram encontrados os documentos abaixo relacionados, no Quadro 2:

Quadro 2 - Documentos identificados no AHMJSA

Nº	Espécie do documento	Fonte/Autor	Ano de publicação
1	Livro de matrícula	Escola Complementar Caxias	1934-1935
2	Fotografia do jardim de infância da Escola Normal Duque de Caxias	Desconhecido	1945
3	Fonograma do Prefeito Municipal Dante Marcucci sugerindo o nome Henrique Emílio Meyer para o Grupo Escolar	Caxias do Sul	1939

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS (2020).

Foi com a pesquisa em jornais datados até a metade do século XX que identifiquei as primeiras instituições com turmas de jardim de infância. Dou seguimento ao processo de pesquisa organizando os jornais encontrados, pois, segundo Pimentel (2001, p. 184),

Organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio.

Com a organização das notícias dos jornais, originou-se o Quadro 3, logo abaixo, onde estão sintetizadas as notícias sobre jardim de infância, seguindo a cronologia da publicação dos jornais. Como afirma Pimentel (2001, p. 184), “[...] quadros se constituíram num banco de dados de informações, cuja vantagem consistiu em poder relacioná-las [...]”. Nesse sentido, os quadros produzidos favorecem as relações das informações existentes nos jornais com outros documentos encontrados e com as próprias entrevistas.

Quadro 3 - Fontes pesquisadas no Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira (AHDB)

(continua)

Descritor	Jornal	Ano	Escola	Notícia
Jardim de Infância	O Momento	1933b	Escola Complementar	A Escola Complementar inaugurou ontem a exposição escola. “[...] vê-se uma belíssima exposição pedagógica dos elementos empregados no jardim da infância, curso que funciona anexo a Complementar.” (O MOMENTO, 1933b, p. 4).
Jardim de Infância	O Momento	1933c	Colégio Elementar José Bonifácio	Resultados dos exames finais. Do jardim da infância promovidos para o 1º ano 18 alunos.
Jardim de Infância	O Momento	1934	Colégio Elementar José Bonifácio	Resultados dos exames finais. Promovidos do jardim da infância para o 1º ano A 33 alunos. Faltam dois. (O MOMENTO, 1934, p. 6).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1949a	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	“No próximo dia 27 do corrente às 15 horas a secção Jardim da Infância desse estabelecimento escolar organizará uma interessante hora da arte oferecida aos pais dos alunos. Nessa mesma ocasião serão entregues os atestados pré-escolares aos que concluíram os cursos de Jardins. Sob a regência da Exm ^a . Sr ^a Lina Braghiroli as ‘jardineiras’ apresentarão sua banda com diversas figuras. Nos círculos de pais reina grande entusiasmo e interesse por esta festinha que promete ser das mais agradáveis. ‘O Pioneiro’ agradece o gentil convite que lhe foi enviado. Constará de 21 números variados. As ‘artistas’ apresentar-se-ão com elegantes fantasias.” (O PIONEIRO, 1949a, p. 2).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1949b	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	Encerramento do ano letivo do Jardim da Infância do G.E.E. Meyer. (O PIONEIRO, 1949b, p. 10).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1950a	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	Festa da Páscoa no Jardim da Infância do G.E.E. Meyer. Encerramento do plano de trabalho - Festa de Páscoa. (O PIONEIRO, 1950a, p. 8).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1950b	-	Texto publicado: A crise do lar moderno de Jovita Santos. (O PIONEIRO, 1950b, p. 6).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1950c	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer Nesta notícia apareceu “H” de Henrique	“A Festa de São João no Grupo H. E. Meyer. Encerramento do plano de trabalho, [...] dos pequenos matriculados no curso Pré-Primário.” (O PIONEIRO, 1950c, p. 1).

(conclusão)

Jardim de Infância	O Pioneiro	1950d	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	Conclusão do Pré-Primário. "Grupo E. H. E. Meyer realizou a cerimônia de encerramento do curso Pré-Primário. Parainfa da turma 'jardineira' a Sr ^a Ivanise L. Triches, tendo como homenageado o Dr. Luiz Dalben, Sr ^a Aracy de M. Viegas e a Srt ^a Lyna Braghirolli. Nome dos diplomados [...]" (O PIONEIRO, 1950d, p. 7).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1951	Henrique Emílio Meyer	Formatura no Emílio Meyer. "A formatura das crianças que colaram grau no Jardim da Infância. Às 10 horas terá lugar uma missa solene, na Catedral, implorando a bênção divina sobre todas as crianças. São os seguintes diplomados [...]" (O PIONEIRO, 1951, p. 12).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1953	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	Conclusão do curso Pré-Primário do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer. (O PIONEIRO, 1953, p. 1).
Jardim de Infância	O Pioneiro	1955	Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer	O Desfile Jardim de Infância, desfile de 7 de setembro. (O PIONEIRO, 1955, p. 1).

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira (2020).

Pimentel (2001) orienta que, para desenvolver a análise, além de ter os arquivos organizados com toda a documentação e com as fichas de leituras, há a necessidade da construção de quadros de autores e de termos-chave, onde o pesquisador faz anotações de comentários e observações de possíveis relações com o seu objeto de pesquisa e acrescenta citações com referências a um ou mais teóricos.

Com a metodologia da História Oral, o documento foi produzido a partir das transcrições das entrevistas, as quais foram organizadas e analisadas levando em consideração a cultura escolar representada pelas práticas educativas desenvolvidas no jardim de infância. No Quadro 4, na sequência, são listadas as entrevistas transcritas.

Quadro 4 - Entrevistas transcritas

Nº	Entrevistado	Número de páginas transcritas	Tempo
1	Mariana Alquati Bisol	12	1h15min
2	Eliza Tomazzi Grossi	10	1h05min
3	Sônia Storchi	21	2h10min

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Até o momento, o *corpus empírico* desta pesquisa está delimitado ao AHMJSA, às entrevistas com ex-alunos do Jardim de Infância do GEHEM do ano de 1953 e 1956 e às entrevistas do banco de memória, como por exemplo a entrevista de Laura Balconi Chiaradia, professora do jardim de infância do GEHEM, realizada no dia 29 de agosto de 2012, pelas entrevistadoras Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi, CD 162 e 163, pertencente ao Banco de Memória do AHMJSA.

Na revisão de literatura, encontrei o artigo *Entre tons e matizes de memórias: itinerários de docentes no ensino primário em Caxias do Sul/RS (1920-1960)*, de Luchese (2016), que analisa matizes dos itinerários formativos e das práticas educativas vivenciadas no ensino primário em escolas de Caxias do Sul a partir das memórias de docentes que nasceram nas duas primeiras décadas do século. A leitura desse artigo foi muito importante para esta investigação, pois encontro nele vestígios sobre o objeto de pesquisa. A autora menciona uma entrevista com a professora Laura Balconi Chiaradia, que relata que foi professora do jardim de infância no Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer na época que era GEHEM. Dessa forma, encontro uma fonte valiosa, pois a depoente relata a rotina que desenvolvia na turma de jardim de infância na época.

Após a descoberta dessa entrevista, assim como a descoberta da existência do banco de memória no arquivo municipal, fui novamente ao AHMJSA para pesquisar no banco de memória mais entrevistas que trouxessem informações sobre o GEHEM. Realizando a busca com a palavra-chave Emílio Meyer encontrei 29 entrevistas, através de uma leitura dinâmica. Das 29 entrevistas, após uma leitura atenta, selecionei 13. Usei o critério do entrevistado ter estudado nos anos iniciais no GEHEM. No entanto, usei no texto da dissertação somente quatro entrevistas. Quadro 5, em sequência, apresentam-se entrevistas utilizadas no texto.

Quadro 5 - Entrevistas do Banco de Memória do AHMJSA

Nº	Entrevistado	Tema	Entrevista concedida	Transcrição Data e autor	CD/Fita	Data	Local
1	Laura Balconi Chiaradia	Educação - Escola Estadual Henrique Emílio Meyer	Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto	Transcrição em: 3, 4, 5, 6 de setembro de 2012 Bárbara Lawrens Netto	CDs 162 e 163	29 de agosto de 2012	Caxias do Sul/RS
2	Rafael Chiaradia	Educação - Indústria: Metalúrgica Eberle	Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto	Transcrição em: 11,12,13,14 de setembro de 2012 Bárbara Lawrens Netto	CD 167	31 de agosto de 2012	Caxias do Sul/RS
3	Aura Ribeiro Mendes da Silva	Educação - A disciplina de Educação Física	Denise Pellini e Sônia Storchi Fries	Transcrição: 11,13 de agosto de 2007 Sônia Storchi Fries	CDs 003 e 004	26 de junho e 3 de julho de 2007	Caxias do Sul/RS
4	Zilca Rossi Montanari	Educação	Gilmar Marcílio, Jovita Galeão e Suzana Grigoletto	Transcrição: 11 de novembro de 1992 Sônia Storchi Fries	Fita 214A	14 de outubro de 1991	Caxias do Sul/RS

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Outra fonte encontrada foi um vídeo, disponível no site *YouTube*, em comemoração aos 85 anos do Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer, que faz referência à fundação do Jardim de Infância apresentando fotografias existentes. No Quadro 6, a seguir, relaciono essas fotografias.

Quadro 6 - Imagens retiradas do vídeo⁴ em comemoração aos 85 anos do Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer

Nº	Espécie do documento	Fonte/Autor	Ano
1	Histórico do Jardim de Infância GEHEM	Desconhecido	1946, 1947, 1950 e 1952.
2	Fotografia de Formatura	Desconhecido	195[?]).
3	Duas Fotografias da Páscoa	Desconhecido	195[?]).
4	Fotografia da Festa de São João	Desconhecido	195[?]).

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Moschen (2016).

Ao encontrar vestígios da instituição GEHEM, vou à busca de mais informações referentes ao jardim de infância, pois

Nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu, por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais, que se contrapõem a um discurso científico. É mediando entre as memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretece uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho e dessa dialética nasce o sentido para a história das instituições educativas (MAGALHÃES, 2004, p. 155).

Procuro fios da história dessa instituição com o objetivo de tecer uma hermenêutica e um sentido para historicizar o jardim de infância público de Caxias. Assim, para compreender os processos que constituem esta pesquisa local, é necessário olhar para além dos muros do GEHEM.

Sendo assim, no próximo capítulo busco fios na história sobre a formação do cenário brasileiro no atendimento das crianças nos Jardins de Infância.

⁴ O vídeo pode ser acessado no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=fwiT-7FJO50>

3 UM BREVE ESTUDO SOBRE A INFÂNCIA: RELAÇÕES DE CONTEXTO

“[...] a compreensão de que a infância é construção histórica e os modos de ser criança e viver a infância são variáveis de acordo com as práticas sociais estabelecidas, em diferentes tempos históricos e em contextos diferentes.”

(CONCEIÇÃO, 2014, p. 23).

Neste capítulo, pretendo discutir uma visão geral em diferentes aspectos sobre o processo de constituição das concepções de infância e as mudanças no âmbito familiar, educacional e social, com base em estudos de teóricos como Ariès (1981), Bastos (2011), Kramer (1987), Kuhlmann Jr. (2015), Kishimoto (1988) e Souza (2010). Além disso, abordar a formação do cenário brasileiro no atendimento à infância nos jardins, estabelecendo uma relação com o cenário local, apesar de uma diferença cronológica.

As concepções de criança e infância que temos hoje - infância como um sentimento que caracteriza a criança na forma de ser, agir e pensar diferente do adulto, e criança como um sujeito histórico de direito - são construções históricas e sociais formadas ao longo do tempo. Segundo Barbosa (2007, p. 1065), Infância(s) é uma “[...] experiência social e pessoal, ativamente construída e permanentemente ressignificada”. É importante salientar que esse processo não foi e não é linear, alguns fatores como o espaço geográfico, a cultura e a situação econômica influenciam na sua mudança ou permanência. Para compreender a constituição das concepções atuais sobre infância e criança, busca-se embasamento na obra de Ariès (1981) “História Social da Criança e da Família”.

Segundo o autor, o sentimento de infância não existia na Idade Média, as crianças eram vistas como miniaturas de adultos, ocupavam os mesmos espaços que os adultos. Como a mortalidade infantil era alta, não havia um apego aos mesmos, já que muitos morriam e outros nasciam. As vestimentas eram iguais às dos adultos, não havia roupas específicas para as crianças. Os artistas dessa época representavam as crianças como adultos em escala menor, considerando somente o tamanho físico.

A infância era uma longa etapa, estava ligada ao sentimento de dependência, tanto que os soldados da linha de frente de batalhas eram chamados pelos seus comandantes de crianças. É a partir do século XIII que surgem representações de

crianças um pouco mais próximas ao sentimento moderno: em forma de anjo, influência da Igreja Católica; representação do menino Jesus, inicialmente como um pequeno Deus padre; no final da Idade Média, a representação das crianças inocentes através da nudez. A criança começa a ser representada pelos artistas junto à família, no colo da mãe ou segurada pela mão, brincando, acompanhando os ritos litúrgicos, no meio do povo assistindo aos milagres etc.

A representação da criança pelos artistas pela sua graça, nos séculos XV e XVI, coincidiu com o início do sentimento da infância “engraçadinha”. Para o adulto, a criança passa a ser um passatempo, um divertimento. Começa um sentimento de conservar uma lembrança da criança morta, através dos retratos. Nas representações das famílias, as crianças mortas começam a ser representadas também, expressão de um sentimento que a criança não era mais uma perda inevitável.

No século XVII, surge o retrato da criança sozinha e por ela mesma, as famílias desejam ter retratos de seus filhos mesmo na idade que eles eram crianças. Começa a se ter uma preocupação com os cuidados aos “seres frágeis”, a vacina contra a varíola e demais cuidados de higiene resultaram em uma diminuição da mortalidade. Conforme vão ocorrendo as mudanças em relação ao sentimento de infância, no século XVII, as crianças ganham trajes que as diferem dos adultos, crianças da nobreza e da burguesia. Essa mudança começa e atinge as famílias mais abastadas, processo que não acontece de forma linear e depende da posição social das famílias. Na idade moderna, surge o sentimento de infância, porém sem reconhecimento de suas singularidades.

O sentimento de infância está intimamente ligado ao sentimento de família. Essas construções não aconteceram de forma linear. A nobreza, a burguesia e as famílias mais abastadas foram as primeiras a desenvolvê-los. Conforme Ariès (1981, p. 189),

Essa evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais. O sentimento da casa, do *chez soi*, do *home* não existia para eles.

Com esse sentimento de infância na idade moderna, vem a preocupação com a educação. A escola e a família são as responsáveis por retirarem a criança da sociedade dos adultos.

De acordo com Kishimoto (1988), as principais concepções que hoje regem os princípios e práticas desenvolvidas na Educação Infantil tiveram suas origens com o pensamento de educadores como Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Froebel. Conforme a mesma autora, é somente em 1840 que o jardim da infância (*kindergarten*) é criado na Alemanha, quando as concepções teóricas sobre a escola infantil se tornam realidade com o discípulo de Pestalozzi, Frederich Wilhelm Froebel (1782-1852).

O Jardim da Infância, uma instituição de caráter educativo, tem aceitação relevante dessa modalidade de escola nos sistemas educativos em diferentes países, sendo os Estados Unidos um dos pioneiros, em razão das condições sociais de urbanização e imigração.

Froebel, ao denominar jardim de infância, usa uma metáfora, comparando o desenvolvimento da criança com o da planta, que precisa de atenção, cuidados semelhantes para crescer saudável. Para a professora de educação infantil, atribui-se o nome de jardineira. O jardim de infância, desde sua criação por Froebel, faz parte da categoria de estabelecimento próprio da educação pré-escolar.

É no final do século XIX, com a Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, ainda no período imperial, que oficialmente se faz uma referência à fundação de jardins de infância no Brasil.

A primeira referência oficial à pré-escola em nosso país encontra-se no projeto da Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, portanto, no período imperial. Este projeto, cuja ideia *[sic]* central é a liberdade de ensino, estabelece, em seu artigo 2º, a obrigatoriedade de frequência *[sic]* às escolas primárias a partir dos sete anos, prevendo a fundação de jardins-de-infância e escolas normais (DROUET, 1990, p. 53).

A Reforma Leôncio de Carvalho, de 1878, já aponta a necessidade de jardins de infância no nosso país, defendendo sua criação em todos os municípios.

A implantação dos jardins de infância no Brasil, no início, recebeu críticas, mas também teve grandes aliados, como o parlamentar Ruy Barbosa, que, no parecer de 1882 da reforma do ensino primário, fez ampla defesa à educação e à infância. Segundo o Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, “Art. 5º Serão

fundados em cada distrito [sic] do município [sic] da Corte [sic], e confiados a direção [sic] de Professoras, jardins da infância [sic] para a primeira educação dos meninos e meninas de 3 a 7 anos [sic] de idade.” (BRASIL, 1879, s/p).

No Brasil, Kishimoto (1988) cita que o primeiro jardim de infância foi criado no Rio de Janeiro, em 1875, no Colégio Menezes Vieira, por iniciativa particular. A autora relata outros locais que tiveram jardim de infância:

No Brasil, coube também à iniciativa particular a instalação dos primeiros jardins de infância. No Rio de Janeiro, Menezes Vieira criou, em 1875, a primeira unidade no país, para atender à elite carioca, (...). Dois anos depois, os protestantes radicados em São Paulo inauguraram o Kindergarten na famosa Escola Americana, hoje Colégio Mackenzie, uma escola particular, destinada à elite. Instalaram também jardins de infância em Campinas e Piracicaba. Em outros estados do Brasil, como Pará, (Colégio Americano - 1884) e Rio de Janeiro (Colégio Menezes Vieira - 1875, Escola de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade - 1887 e Escola Alemã - 1883) foi por conta da iniciativa privada que surgiram as primeiras unidades infantis (KISHIMOTO, 1988, p. 58).

As primeiras iniciativas de criação de jardim de infância no Brasil foram privadas. O primeiro jardim público surge em São Paulo junto à Escola Normal do Estado.

Kishimoto (1988) destaca a preocupação com a falta de professores especializados para desempenhar a função nos jardins de infância. Isso fez com que em 1896 fosse instalado o primeiro jardim de infância estadual para o treinamento dos futuros professores. Cria-se o Jardim da Infância Caetano de Campos, em 1896, na cidade de São Paulo, anexo à Escola Normal do Estado.

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, não ocorrem grandes avanços em relação à implementação dos jardins de infância. Na década de trinta, mesmo com a legislação trabalhista, que, desde 1932, previa creches nos estabelecimentos em que trabalhassem trinta ou mais mulheres, isso não acontecia.

Kuhlmann Jr. (2000) faz um panorama sobre como está acontecendo o atendimento à infância no âmbito nacional.

No nível federal, a Inspetoria de Higiene Infantil, criada em dezembro de 1923, é substituída em 1934 pela Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância, criada na Conferência Nacional de Proteção à Infância, em 1933. Em 1937, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública passa a se chamar Ministério da Educação e Saúde, e aquela Diretoria muda também o nome para Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância. (DAMI.) Em 1940, cria-se o Departamento Nacional da Criança (DNCr), em todas essas fases dirigido por Olinto de Oliveira, médico que havia

participado do congresso de 1922. Entre outras atividades o DNCr encarregou-se de estabelecer normas para o funcionamento das creches, promovendo a publicação de livros e artigos (KUHLMANN JR., 2000, p. 4).

Sendo assim, o autor deixa claro qual é a preocupação do Estado em relação ao atendimento à infância, uma intencionalidade centrada na educação higienista. Essa preocupação com o cuidado e com a saúde refletia na organização das normas de escolarização que estavam embasadas no cuidado e na saúde da criança. Segundo Kuhlmann Jr. (2000, p. 6), desde a década de 1920 até meados da década de 1970, as instituições de Educação Infantil viveram um vagaroso “[...] processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional”.

Salienta-se a criação do primeiro jardim de infância em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no ano de 1911, no *Deutscher Hilfsverein* (Colégio Farroupilha). Segundo Bastos (2001, p. 17), foi “[...] contratada como jardineira Dorothea Gruber, de nacionalidade suíça, que cursara uma escola para formação de jardineira na Alemanha”. O Colégio Farroupilha foi fundado em 1886 pela Associação Beneficente Alemã, uma entidade criada para auxiliar os imigrantes alemães e seus descendentes.

Figura 3 - O primeiro Jardim de Infância de Porto Alegre/RS (1909)



Fonte: Adaptada pela autora a partir de Chaves (2018).

A partir dessa fotografia, programada, com crianças de diferentes tamanhos, pode-se pensar que o jardim atendia crianças de diferentes idades, de 3 a 7 anos. Há a presença de três mulheres adultas. A reportagem não menciona o número de turmas nem faz referência às professoras, mas pode-se imaginar que eram as jardineiras⁵. Uma delas expressa um sorriso, que transparece as qualidades necessárias a uma jardineira, que, como cita Bastos (2017, p. 66) em seu artigo, “[...] deve ser agradável, cortês, delicada, calma e de aparência atraente [...]”. Embora se tratando de uma fotografia programada, as crianças demonstram com a expressão do seu corpo as suas singularidades, algumas sorrindo, fazendo tímidas poses para a foto. Uma menina (1) inclina a cabeça ao ombro num gesto de ternura e outra (2) apoia o queixo com uma mão dobrada, poses frequentes em fotos programadas. Um dos meninos (3) expressa felicidade, sorrindo, e se posiciona de forma diferenciada em relação aos demais.

Outras crianças ficam eretas com o seu corpo, lembrando a posição de sentido na execução dos hinos. É possível perceber que uma criança se esconde atrás de uma colega (4). As expressões são variadas: de felicidade, de atenção, de receio, entre outras. Nessa fotografia, não há a presença de criança negra. Pela análise da fotografia, nota-se que não se usava uniforme nesse jardim, algumas crianças estão com um jaleco branco, dando a impressão de ser um guarda-pó. Todos estão com um chapéu em formato de cone, talvez feito com papel, que lembra o chapéu de soldado confeccionado nas escolas na Semana da Pátria e no Dia do Soldado.

Na capital gaúcha, como nas demais cidades do interior do Rio Grande do Sul, são raros os jardins de infância até a metade do século XX. Nessa época, no Brasil, há uma expansão lenta dos jardins de infância, que aparecem nos relatórios de instrução pública, com a criação junto aos grupos escolares e escolas normais.

Nesse sentido, na Escola Complementar de Caxias do Sul, tal como na Escola Normal de São Paulo, é identificado por documentos, fotografias e jornais da época que também existia uma turma de jardim de infância para as futuras professoras desenvolverem suas práticas pedagógicas, compondo as turmas de

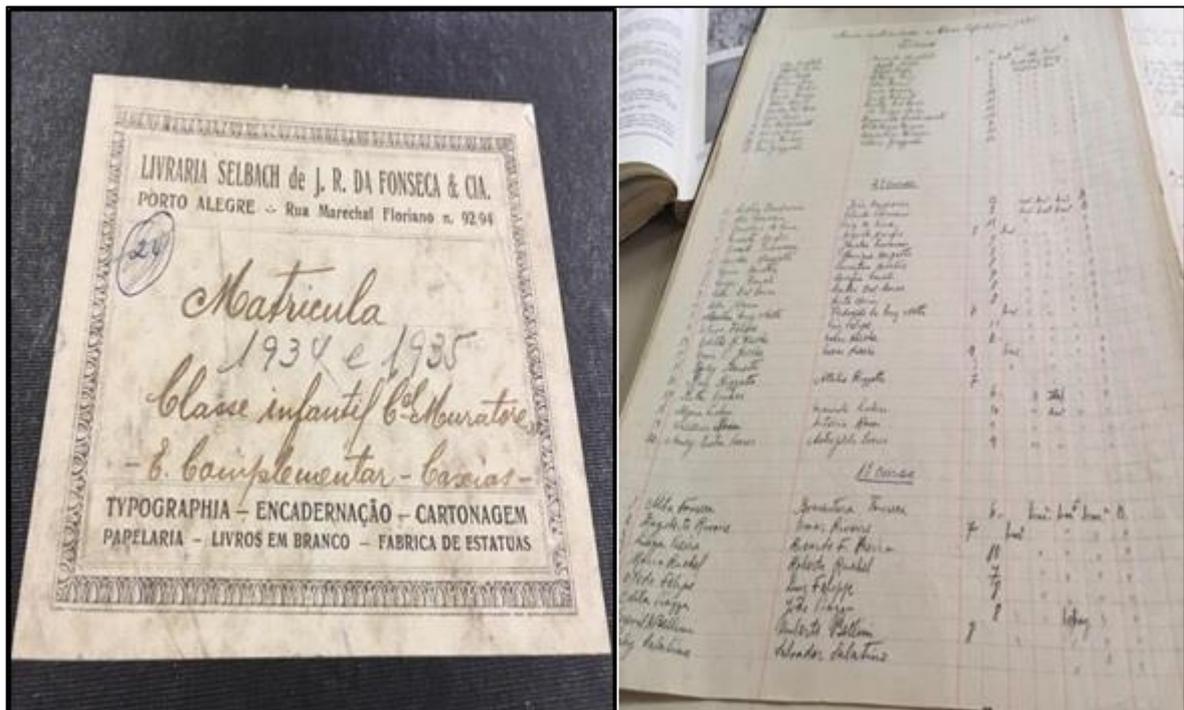
⁵ Denominação criada por Froebel para as professoras da Educação Infantil.

aplicação nomeadas como classes infantis Coronel Muratore. Conforme Bergozza (2010, p. 61),

[...] quando a diretora, justificando o acréscimo do segundo ano, curso em que se iniciam os conhecimentos de Pedagogia, tornou-se imprescindível a criação de uma classe infantil onde pudessem os alunos fazer a prática pedagógica sem os inconvenientes de sair fora do edifício [...] A classe infantil foi chamada de Coronel Miguel Muratore, como já afirmei anteriormente.

Na primeira visita ao AHMJSA para encontrar vestígios dos primeiros jardins de infância em Caxias do Sul, depois de olhar vários materiais, encontro um livro de matrícula (Figura 4), com a capa na cor azul, intitulado Matrícula (1934 e 1935) Classe Infantil Coronel Muratore - Escola Complementar de Caxias, onde constam os dados de informação dos alunos matriculados. Nota-se que as idades variam de 6 anos a 11 anos e que tanto as listas do 1º curso como as do 2º curso são compostas por idades variadas.

Figura 4 - Livro de matrícula Classe Infantil Coronel Muratore (1934-1935)



Fonte: Caxias (1934). Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS.

Os dados solicitados na matrícula que aparecem no livro são: nome completo, filiação (aparece somente o nome do pai), data de nascimento, idade, religião (as que aparecem são a católica e a espírita - somente um declarou-se espírita),

nacionalidade e endereço. A maioria das ruas citadas são centrais, como Júlio de Castilhos, Bento Gonçalves, Dr. Montaury, Pinheiro Machado, Coronel Flores, Alfredo Chaves, Os Dezoito do Forte, Borges de Medeiros, Sinimbu, Vinte de Setembro, Avenida Itália, Moreira Cesar, Visconde de Pelotas e Feijó Júnior. Por duas vezes, aparece a palavra subúrbio para referenciar o endereço. Observa-se que os alunos vinham de lugares distantes, apesar de ser área urbana. Nesse período, a escola graduada na cidade era o Colégio José Bonifácio, que funcionava em anexo à Escola Complementar.

Com a pesquisa no AHDB encontro uma notícia que relata sobre a exposição de arte na Escola Complementar e salienta os trabalhos realizados pelo jardim de infância, curso em anexo à Complementar.

Pelo fato de ser noticiada no jornal local e pela forma como descreve os trabalhos, a reportagem demonstra a grandiosidade do evento para a cidade.

Figura 5 - Jornal com notícias do Jardim de Infância (1933)

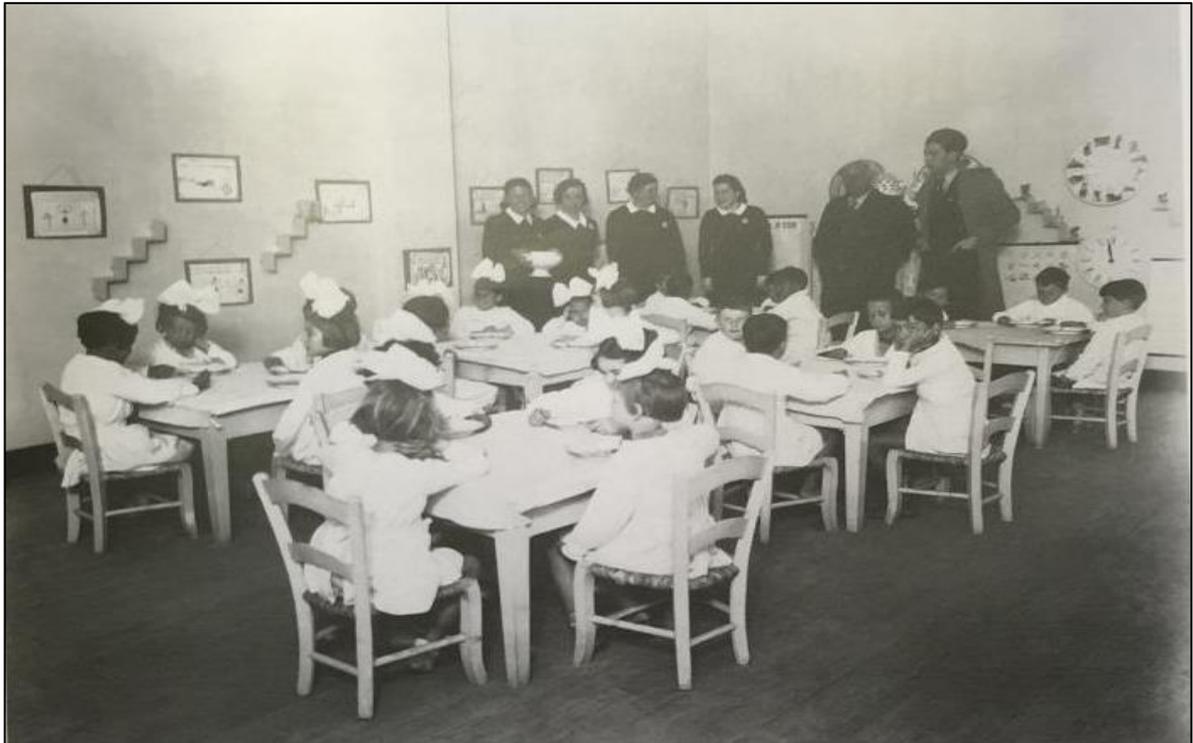


Fonte: O Momento (1933, p. 4). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

Percebe-se na leitura da reportagem que existiam as classes infantis e o jardim de infância. Segundo Kuhlmann Jr. (2015, p. 142), “A Educação Artística é um elemento central na Pedagogia dos jardins de infância”. A exposição de trabalhos manuais realizados com agulhas e madeiras, além de desenhos, tornavam visível o trabalho desenvolvido no jardim de infância da Escola Complementar para a sociedade local.

Além do livro de matrícula, encontro no AHMJSA uma fotografia de 1945, intitulada Jardim de Infância da Escola Normal Duque de Caxias.

Figura 6 - Jardim de Infância da Escola Normal Duque de Caxias (1945)



Fonte: Caxias do Sul (1945). Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS.

Analisando a foto, é identificado o uso de uniforme “guarda-pó”, pois as roupas são semelhantes, e o que difere as meninas dos meninos é que elas usam um laço no cabelo, algo comum na época. As crianças também usam sapatos fechados, enquanto outras, chinélos. Nessa época, usar sapatos era um sinal de um poder aquisitivo superior. Então, possivelmente, a turma era composta por classes sociais diferenciadas. Na mesma imagem, as professoras estão usando roupas semelhantes entre elas, caracterizando um uniforme, tendo em vista que se observa

um símbolo no lado esquerdo superior do busto. Essa vestimenta pode ser compreendida como uma representação de pertencimento a uma instituição.

A sala é organizada com quadros na parede, com desenhos e escritas, porém não dá para identificar exatamente o que está escrito; existem algumas prateleiras em forma de escada e um relógio com números romanos. Existe uma simbologia do relógio na sala do jardim. De acordo com Kuhlmann Jr. (2015, p. 123), “Servirá também para o importantíssimo mister de ensinar a pontualidade”.

Apesar de ser uma turma mista aparece uma divisão, em que há as mesas das meninas e as dos meninos. As mesas e as cadeiras são pequenas, de acordo com o tamanho das crianças. Para Grazziotin (2020, p. 318), alunos “[...] encontram-se em torno de mesas para trabalho em grupo [...] mobiliário que permite pensar em aulas que se dispõem a um ambiente coletivo, visando à socialização”.

O registro fotográfico acontece no momento de uma visita ao jardim, talvez uma visita de inspeção, pois o prefeito Dr. Dante Marcucci, em seu governo, promoveu a organização do ensino e acompanhamento direto nas escolas, através de visitas de inspeção. No momento do registro, as crianças estavam lanchando, a interação entre elas fica visível na imagem, algumas olhando para o fotógrafo, outras comendo e outras rindo. Transparece um momento agradável também pelo semblante das professoras.

É possível observar que os cartazes estão colocados na altura das crianças, organização que demonstra uma preocupação com as especificidades da criança, assim como as mesas e as cadeiras, que também respeitam o tamanho delas. Não se percebe a presença do quadro negro na sala, talvez esteja na parede que não aparece na fotografia. Ou pode-se supor, pela disposição das mesas, que não se utilizasse o quadro negro.

Através da fotografia, tem-se a oportunidade de remeter-se ao passado. De acordo com Vidal e Abdala (2005, p. 178),

Vemo-nos transportados no tempo e no espaço, tocando o passado, eternizado pela ação mecânica da máquina fotográfica. [...] a importância da fotografia como fonte para a história, e a história da educação residiria nesse seu dom de permitir visualizar o ontem e o outro em seus contornos de realidade.

Dando seguimento a esta análise, aparece outro aspecto na trajetória do jardim de infância no Brasil, que é a relação com a classe social de maior poder

aquisitivo. Por isso, assume um caráter elitista pelo fato de estar anexado às escolas normais, que, na época, geralmente atendiam as camadas mais abastadas da sociedade.

Da mesma forma, segundo Bergozza (2010, p. 83), “[...] possivelmente as alunas e alunos da Complementar de Caxias pertenciam à classe média”. É importante se questionar sobre o acesso à educação na nossa região, nas primeiras décadas do século XX: quais camadas da população tinham acesso e conseguiam permanecer na escola? Conforme Luchese (2012b, p. 283),

Os alunos mais velhos eram os que mais faltavam às aulas e, na possibilidade de comparar listagens em anos seguidos, percebe-se que a grande maioria dos alunos não permaneceria por mais de três anos consecutivos nas escolas. De toda forma, a média de idade com que as crianças ingressavam na escola era anterior à prescrita e, em geral, bem antes dos 14 anos, a deixavam.

Souza (2010) aponta que, no final do século XIX, já havia uma preocupação com a educação da infância por parte de profissionais como filósofos, pediatras, educadores e psicólogos. A crescente industrialização e urbanização, bem como o avanço da ciência, favoreceram a compreensão sobre a infância e a constituição de instituições de educação infantil na Europa. A partir da segunda metade do século XIX, na Europa, as instituições de educação se reconfiguram. Essa propagação na Europa ganha força no final do século XIX e início do século XX, com a criação e organização de instituições educativas para educar a infância, em espaços escolares e não escolares.

O Brasil recebe essa influência, porém inicia de forma tímida, no final do século XIX e início do século XX, com a criação dos primeiros jardins de infância nas capitais brasileiras. A expansão significativa de instituições de educação infantil no Brasil acontece a partir da segunda metade do século XX, principalmente na última década, com a Constituição de 1988 e com a inclusão da educação infantil na educação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996. Conforme Conceição (2014, p. 80), “As primeiras instituições de educação infantil foram criadas, no Brasil, no final do século XIX, entretanto, foi no final do século XX que se registrou sua expansão mais efetiva”.

Em Caxias do Sul, as instituições de Educação Infantil seguem o fluxo a nível nacional, porém de forma sutil comparando com os grandes centros urbanos, nas capitais brasileiras.

A expansão do atendimento à infância em Caxias, como no exterior, também está relacionada à propagação das indústrias e ao aumento da população urbana, assim como aos movimentos femininos que reivindicam creches para as mães trabalhadoras. Inicialmente, as creches surgem pela necessidade de assistência para as crianças órfãs, abandonadas ou de famílias pobres. Por outro lado, os jardins de infância, com um caráter educativo, são criados primeiramente para atender as crianças das famílias mais abastadas, da elite.

Em Caxias do Sul, os jardins de infância começam a surgir nas décadas de 1930 e 1940. Na iniciativa pública, o jardim é inaugurado na Escola Complementar, na década 1930, e no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, em 1946. Já na iniciativa privada, inicia no Colégio São José, em 1945.

Após esse apanhado histórico, situo o contexto local, a partir do jardim de infância do GEHEM, sua constituição e seu cotidiano, traduzidos pela História Oral, Análise Documental e Iconográfica.

4 CONTEXTUALIZANDO: O ESPAÇO FÍSICO E SOCIAL DA CRIAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA DO GEHEM

“[...] a cidade era ‘o lugar onde as coisas aconteciam’, fosse pelo desenvolvimento daquelas forças capitalistas, fosse pela expansão de um mercado de trabalho nos maiores centros urbanos [...]”.

(PESAVENTO, 2007, p. 12).

O Jardim de Infância do GEHEM se constituiu na cidade, lugar que estava em pleno desenvolvimento, “onde as coisas aconteciam”.

Conhecer como se organizou o espaço físico e social onde o jardim de infância do GEHEM foi criado é de suma importância para compreender os processos que o constituiu. Neste capítulo, será tecido um breve histórico da formação desse espaço, planejado para receber construções significativas, que representam o desenvolvimento e a modernidade do cenário urbano caxiense no período investigado.

4.1 BAIRRO GUARANI: UM LUGAR EM DESENVOLVIMENTO

“[...] e a cidade começa a crescer pra cá, para o lado leste por causa da BR, [...] o Emílio então vai ser a primeira grande edificação desta zona, depois a Maesa, depois o SENAI e em 1953 [...] o parque Monteiro Lobato.”

(SÔNIA, entrevista, 2021).

Conforme Machado (2001), o Guarani, segundo bairro de Caxias, ocupou uma área em direção leste do centro, a Rua Andrade Pinto, atual Av. Júlio de Castilhos, que ligava à Estrada Conselheiro Dantas, inaugurada em 27 de maio de 1883, saída para os Campos de Cima da Serra.

Figura 7 - Reportagem do bairro Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Adaptada pela autora a partir de Lopes (2018).

O primeiro nome que o bairro Nossa Senhora de Lourdes recebeu foi Caipora⁶, como relata a reportagem do Jornal O Pioneiro. Pela vontade dos moradores, seu nome foi alterado pelo Acto 48, de 5 de agosto de 1930, para bairro Guarani. Segundo Dal Corno e Santos (2010, p. 261),

O bairro teve como denominação inicial “Caipora”, nome que vem do tupi ka’apora, formado de ka’a, “mato” e pora, “habitante de”. Além da ideia de “habitante do mato”, também comportava o significado de “pessoa infeliz, coitado”, motivo pelo qual muitas pessoas ficavam constrangidas em dizer que moravam ali, de acordo com depoimentos disponíveis no Banco de Memória. Provavelmente por este motivo, houve a sugestão para substituição desse nome. O Acto 48 da Administração Municipal de Caxias do Sul, de 5 de agosto de 1930, justificava que o bairro merecia “denominação mais adequada”, e através dele o bairro passou a se chamar “Guarani” (ou “Guarany”, em alguns registros).

A denominação permaneceu com um nome de origem nacional, que faz referência aos primeiros moradores da região sul do Brasil, um nome que simboliza bravura e coragem. Há, ainda nos dias de hoje, o Clube Guarany, situado nesse local, no qual tem uma estátua representando o índio Guarani, com arco e flecha.

O bairro de Lourdes teve seu desenvolvimento diretamente associado ao movimento dos tropeiros, que chegavam pela Estrada Conselheiro Dantas para realizar suas compras nos armazéns de secos e molhados próximos, como o Baratilha de Antonio De Lazzer e a Casa de Negócios de Vicente Rovea, atual sede do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

⁶ A troca do nome do bairro de Caipora, de origem Guarani, para o nome Nossa Senhora de Lourdes denuncia a supremacia da cultura italiana (europeia) em relação à cultura dos povos originários da região.

O GEHEM teve sua criação nesse bairro e foi se constituindo junto com a história do bairro Guarani, atendendo alunos desse local. Conhecer o contexto em que a instituição pesquisada foi constituída favorece a compreensão da sua história, o porquê dos nomes que recebeu, sua trajetória até chegar ao prédio em que hoje se estabelece. Sendo assim, é possível compreender os acontecimentos relatados nos jornais sobre a história da instituição.

A religiosidade do imigrante italiano também teve sua representatividade assegurada, já no final do século XIX, com a construção da capela do Santo Sepulcro. A mesma foi substituída por uma edificação em alvenaria, inaugurada em 1937, sendo nos dias de hoje um dos mais importantes pontos turísticos pelos seus belos vitrais, esculturas em madeiras e pelo afresco do pintor italiano Aldo Locatelli. Poucos anos depois, em 1942, foi construída uma grande igreja em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes, em um terreno doado por Luiz Michielon. Assim, o bairro recebe a denominação atual, bairro Nossa Senhora de Lourdes, reafirmando a fé do imigrante italiano e de seus descendentes. O bairro de Lourdes obteve um crescimento significativo nas décadas de 1940 e 1950 e ganhou várias construções, formando um cenário que representou o progresso urbano.

Nas décadas de 1940 e 1950 ocorreram construções significativas para o desenvolvimento econômico, cultural e urbano de Caxias, assim como no bairro Nossa Senhora de Lourdes. Entre elas, destacam-se: o prédio do GEHEM, em 1940; a BR 116, em 1941; o pórtico em homenagem a Getúlio Vargas, em 1941; o SENAI Nilo Peçanha, em 1944; a MAESA, na década de 1950; a Praça Vestibular, em 1946; o Parque Monteiro Lobato, em 1953, primeiro parque infantil da cidade; o Monumento ao Imigrante, em 1954. Além disso, houve a criação do jardim de infância, em 1946. Segundo Buffa e Pinto, (2002, p. 45) “Como numa cidade ideal, os espaços são articulados de forma a abrigar e instruir, não só pelo seu conhecimento, como também pela sua articulação”.

Caxias do Sul, nesse período, estava com sua população urbana em crescimento devido à industrialização, então surge a necessidade de se pensar em um planejamento para o futuro. Assim, cria-se a “Lei nº 122, de 29 de março de 1949, que autorizava o Executivo a abrir concorrência pública e administrativa destinada à elaboração de um Plano Diretor para a cidade” para planejá-la para o futuro, organizando a área central da cidade, calçamento, arborização e demais construções (CAXIAS DO SUL, 2012b, p. 68).

Porém, o projeto suscitou longas discussões na Câmara de Vereadores quanto à viabilidade e aos seus propósitos. Mesmo não sendo votado o Plano Diretor, ele foi executado parcialmente na cidade. O Plano Diretor voltou em discussão na Câmara em 1968, e somente teve sua aprovação em 1972, com a Lei nº 2.087, de 27 de dezembro de 1972. Assim surge o primeiro Plano Diretor Urbano de Caxias do Sul (CAXIAS DO SUL, 2012b, p. 68).

Nesse sentido, com os estudos realizados, percebe-se que, mesmo sem a aprovação do Plano Diretor em 1949, as construções analisadas nesta pesquisa, bem como suas localizações, foram planejadas.

A seguir, será dada ênfase às construções relacionadas ao Jardim de Infância, objeto desta pesquisa: o Parque Infantil Monteiro Lobato, o GEHEM, a MAESA e o SENAI. A localização dessas construções, próximas umas às outras, traduz uma intencionalidade relacionada à formação do cidadão caxiense.

4.1.1 Parque Infantil Monteiro Lobato

“[...] atrair a população para atividades de lazer ao ar livre, com foco na educação, na literatura e no convívio entre vizinhos e moradores das redondezas.”

(LOPES, 2019a, s/p).

Em Caxias do Sul, o primeiro parque infantil, denominado Monteiro Lobato, foi inaugurado em 1953. Já no Brasil, os primeiros parques infantis foram criados na cidade de São Paulo no decorrer da década de 1930. Contextualizando o período, o país estava na Era Vargas (1930-1945), momento de transformações políticas, sociais, culturais e de profundas reformas na esfera educacional no país. Nessa mesma época, as tensões sociais e os conflitos intensificaram-se, culminando no golpe deflagrado por Getúlio, que implantou o denominado Estado Novo (1937-1945).

O estado de São Paulo, no período que antecedeu a Revolução de 1930, desenvolveu-se em virtude da acumulação do capital, da ampliação do mercado interno, da imigração e da adoção do trabalho feminino e infantil assalariados. A classe operária paulista, com a crescente urbanização e industrialização, teve suas condições de vida e trabalho acirradas. Os Parques Infantis foram construídos nos bairros operários e industriais da cidade de São Paulo, com o objetivo de atender os

filhos das famílias operárias paulistanas, iniciativa pioneira na organização da educação infantil pública. Segundo Faria (1999, p. 66),

O grande poeta brasileiro Mário de Andrade foi um dos idealizadores e diretor do Departamento de Cultura (DC) da prefeitura do município de São Paulo na gestão do prefeito Fábio Prado, quando criou, dentre tantos programas para o operariado, o Parque Infantil (PI) para seus filhos e filhas de 3 a 12 anos.

Os fundamentos dos parques infantis, implementados por Mário de Andrade, estavam em consonância com as ideias de fora do país. De acordo com Faria (1999, p. 63), “[...] as ideias sobre arte e imaginário infantil do soviético Vygotsky e sobre teatro proletário (entre outros tantos textos sobre criança e infância) de Walter Benjamin [...]” dialogavam com as ideias já existente no país, como as de Mário de Andrade, um dos modernistas brasileiros. Em São Paulo, os parques infantis são construídos para atender a uma necessidade em decorrência da crescente urbanização e industrialização. Segundo Vieira (2004, p. 119) “[...] os Parques Infantis foram instalados nos bairros operários e industriais da cidade de São Paulo, visando ao atendimento dos filhos das famílias operárias paulistanas”.

Com os pais trabalhando nas indústrias, os filhos ficavam desassistidos. Por isso, a importância da criação dos parques infantis nos bairros operários. Assim, as crianças, em um turno, frequentavam a escola, e no outro, o parque, onde eram oferecidos exercícios de diversas dimensões humanas, como lúdica, artística, do imaginário etc. Tinham a oportunidade de ter contato com a natureza, de brincar e movimentar-se em grandes espaços, produzir cultura e conviver com a diversidade da cultura nacional. O parque infantil tinha suas práticas norteadas pela cultura popular, como o folclore, as produções artísticas e culturais, as brincadeiras e os jogos infantis.

Da mesma forma, na capital gaúcha, Porto Alegre, nesse mesmo período, os Jardins Recreio ocupam os espaços das praças da cidade. Segundo Mayboroda (2017, p. 102), o “[...] professor Frederico Guilherme Gaelzer, inaugurando o 1º Jardim Recreio, também chamado de Jardim Praça, criou o Serviço de Recreação Pública”. Uma proposta com fundamentos semelhantes aos dos Parques Infantis de São Paulo. Segundo Mayboroda (2017), os Jardins Recreio possuíam salas de aula para o jardim de infância, área externa com brinquedos de balanço, escorregador, gangorra, cancha de bola ao cesto, voleibol, basebol, caixa de areia e biblioteca.

Eram considerados como complemento às escolas, por isso, eram construídos próximos às instituições escolares.

Em Caxias do Sul, na década de 1950, precisamente em dezembro de 1953, acontece a inauguração do primeiro parque infantil, o Monteiro Lobato, um grande evento para a cidade, eternizado nas páginas do jornal O Pioneiro (1953). Analisando a fotografia que compõe a matéria, é possível ter a noção da proporção da inauguração do Parque Infantil para a sociedade caxiense naquele momento. A ocasião contou com a presença de autoridades do poder público e da Igreja (na figura do padre) e das famílias junto as suas crianças, que demonstram em seus movimentos, capturados pela câmera, a alegria que compõe a cena. Como diz Gobbi (2002, p. 146), “As fotografias conseguem brincar com o tempo de tal forma que o passado torna-se presente aos olhos de quem as vê”. A sensação de estar assistindo às crianças a brincar nos brinquedos do parque é possível com essas belas fotografias. A seguir, a imagem que anuncia a inauguração do Parque Infantil Monteiro Lobato.

Figura 8 - Reportagem da Inauguração do Parque Infantil (1953)



Fonte: Adaptada pela autora a partir de O Pioneiro (1953, p. 12). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

Era final de ano e a magia do Natal, representada na decoração, e a alegria do evento estavam presentes na comunidade. Na foto da reportagem do jornal O

Pioneiro, é mencionado “o contentamento da petizada”. A população local estava encantada com o Parque Infantil e com toda sua composição.

Planejado e executado na administração do Prefeito Euclides Triches (1951-1954), o espaço para atender as crianças menores era organizado com balanços, gangorras, rodas, caixas de areia e escorregadores; para o público em geral, com quadras para prática de futebol, vôlei e basquete; e para os simpatizantes de atletismo, com argolas e barras de diferentes alturas.

As fotografias da matéria fazem transparecer a satisfação das crianças e das famílias com o novo espaço que a comunidade ganha.

Figura 9 - Fotografias do Parque Infantil Monteiro Lobato



Fonte: Adaptada a partir de Lopes (2019a).

Nesse contexto, é possível pensar sobre a intencionalidade do fotógrafo a partir das escolhas que ele fez para registrar o momento: crianças brincando no parque, acompanhadas de familiares, a imagem da família com a figura do pai, da mãe e dos filhos, a figura paterna auxiliando os pequenos nos balanços e nas gangorras. Ainda, a presença do catolicismo, por meio da decoração natalina e da figura do padre. Com essa análise, notam-se os valores que foram registrados, valores fortíssimos que marcam o início da sociedade caxiense: a família e a religião. A família, para a sociedade caxiense, era a base de referência ética e moral para os ensinamentos a uma vida em sociedade, mediante a prática do exemplo, da disciplina, da obediência, da responsabilidade, do auxílio com as tarefas domésticas, bem como da religiosidade (LUCHESE, 2016).

A menina que explora o escorregador e as argolas com autonomia se apropria do espaço criado para viver a infância, suas iniciativas demonstram que o parque foi planejado para as crianças. Segundo Lopes (2019a), ela é Solange Storchi, com seis anos, filha de Humberto Storchi, funcionário da MAESA e morador

próximo do parque. Solange representa os filhos dos operários e as crianças do bairro, para as quais foi planejado e construído o Parque Infantil, que somente recebeu a denominação oficial de Monteiro Lobato com a Lei nº 925, de 28 de dezembro de 1959.

Além de todos os brinquedos, caixa de areia, canchas de esportes, aparelhos de ginástica, o parque também abrigava uma biblioteca infantil, que no dia da inauguração foi motivo de alegria para as crianças. Seu acervo inicial era composto com a lista completa das obras de Monteiro Lobato, por isso, recebeu essa denominação, proposta do Vereador Renan Falcão de Azevedo.

À medida que as fontes vão sendo analisadas, é possível identificar semelhanças e distanciamentos com os fundamentos dos Parques Infantis de São Paulo e com os Jardins Recreio de Porto Alegre.

Assim como os demais, com a localização próxima às instituições escolares, o Parque Infantil Monteiro Lobato foi construído perto do GEHEM. As memórias das entrevistadas evidenciam a exploração desse espaço pelas crianças do jardim do GEHEM. Sônia, quando narra suas memórias, gesticula para explicar a organização espacial do parque. Dessa forma, mesmo não o tendo conhecido, é possível criar uma imagem mental sobre o parque na época:

[...] a gente frequentava o Parque Monteiro Lobato, a parte da frente, ali da Santos Dumont, era para as crianças, então ali tinha balanços, tinha uns balanços de madeira, eles eram gradeados, sabe? [...] então, desse lado de cá tinha os balanços, a roda que gira [...] desse lado a caixa de areia enorme, depois da caixa de areia tinha uma biblioteca, casa de madeira [...] (SÔNIA, entrevista, 2021).

Além dos brinquedos que estavam presentes, como nos demais, havia a biblioteca infantil, algo encantador para a época. A biblioteca estava presente nos projetos dos Parques Infantis de São Paulo e dos Jardins Recreio de Porto Alegre, e em Caxias não foi diferente.

No dia da inauguração, a biblioteca também ganhou destaque com registro fotográfico, uma imagem congelada de um tempo vivido diante da câmera. Como diz Pesavento (2007, p. 22), “[...] a foto é traço do objeto que um dia ali esteve diante do aparelho, como uma marca ou pegada que foi possível captar”. Nessa fotografia programada, analisa-se a presença de crianças - de diferentes faixas etárias, bem

vestidas, com livros abertos, outras lendo - e da professora Ester Troian Benvenuti⁷, com uma expressão de felicidade, segurando um buquê de flores. Um menino ajeita seu corpo para ficar próximo da professora Ester, dando a impressão de querer que sua imagem seja registrada ao lado dela, demonstrando vínculo e afeto pela docente.

Figura 10 - Fotografia da Biblioteca Monteiro Lobato (1953)



Fonte: Adaptada a partir de Lopes (2019a).

A Biblioteca Monteiro Lobato foi construída junto ao parque infantil, em frente aos portões da empresa MAESA, e comportava móveis adequados às crianças, conforme noticia a matéria de Lopes (2019a, s/p) no jornal O Pioneiro: “[...] o local possuía uma seção adulta e infantil, dotada de mesinhas baixas para as crianças do bairro lerem [...]”.

A reportagem do jornal ainda comunica o objetivo da construção do Parque: “[...] atrair a população para atividades de lazer ao ar livre, com foco na educação, na literatura e no convívio entre vizinhos e moradores das redondezas.” (LOPES, 2019a, s/p).

Porém, encontram-se alguns distanciamentos quando se identifica, por exemplo, a localização dos parques infantis de São Paulo, que

⁷ Professora atuante na prefeitura por 17 anos, também como orientadora do ensino municipal, nas décadas de 1940 e 1950. Na gestão do prefeito Luciano Corsetti (1947-1951), ela assumiu a Diretoria Municipal de Instrução (LOPES, 2015).

“[...] foram projetados e instalados em bairros operários e industriais da capital, marcados pela pobreza, próximos a escolas públicas ou às fábricas, enfim, em locais nos quais pudessem ser socialmente úteis.” (VIEIRA, 2004, p. 123).

O Parque Infantil Monteiro Lobato foi projetado e instalado próximo à escola pública GEHEM e a fábrica MAESA. No entanto, esse conjunto arquitetônico projetou-se em um bairro que estava se constituindo como operário, mas isso não simbolizava a pobreza na cidade, pois as crianças dessas famílias, operários da MAESA, moradoras do local, possuíam uma estrutura familiar que a mãe ainda permanecia no lar, com trabalho doméstico, costurando e ajudando nas despesas da família, como recorda a entrevistada.

A mãe, muitos filhos, sempre ajudando, ajudando muito né. Tanto com costura, como ela fazia geleias e fazia tudo em casa, pão, sou de uma família bem italiana, daquelas famílias italianas que se fazia massa em casa, pão e ainda tem o forno aqui no fundo da horta (SÔNIA, entrevista, 2021).

Nesse período, assim como as crianças que frequentavam o jardim de infância - filhos de operários e também filhos da elite caxiense -, alguns pais tinham menos condições econômicas que outros, mas todos tinham o necessário. Como narra Sônia (entrevista, 2021), *“[...] tinha algumas diferenças, assim como a qualidade da roupa [...] em termos de material escolar, tudo isso, claro que essas crianças tinham melhores condições, melhores materiais e etc”*.

Todavia, encontramos uma semelhança. Segundo Vieira (2004 p. 124), *“[...] foram organizadas bibliotecas infantis nos Parques, com finalidade de propiciar espontaneamente às crianças o incentivo ao hábito de leitura”*. Com a análise da fotografia do dia da inauguração da biblioteca, fica evidente a intencionalidade de incentivar e desenvolver o gosto pela leitura, quando se faz um registro fotográfico com algumas crianças segurando os livros abertos e outras atentas olhando para o livro como se estivessem lendo.

Percebe-se, então, um parque planejado para que as crianças tivessem um espaço para brincar e conviver com os demais de sua comunidade, mas também para desenvolver a cultura com a presença da biblioteca. Nessa perspectiva, o Parque Monteiro Lobato foi mais uma proposta para o atendimento à infância, naquele momento, em Caxias do Sul.

4.2 PROFESSORA IDA MARCUCCI ZANELLATO E A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMÍLIO MEYER

“[...] esta institucionalização é uma das principais representações do plano republicano de modernização da sociedade e de civilização dos brasileiros.”

(BENCOSTTA, 2001, p. 136).

Esta seção apresenta Ida Marcucci Zanellato, professora que dedicou muitos anos de sua vida para a educação, sendo uma das figuras responsáveis pela constituição do GEHEM, e evidencia as motivações, as necessidades, os movimentos sociais e políticos para a implementação da referida instituição escolar.

Essa história tem início no ano de 1931, quando a professora Ida Marcucci começou a lecionar na sala de estar da sua própria residência, por amor e dedicação à educação, para um grupo de 12 crianças. Os indícios apontam para uma época em que a professora Ida Marcucci teve que enfrentar muitos desafios e tensões para que conseguisse obter o reconhecimento enquanto docente e por acreditar que a educação seria um meio de transformação social. Ressalta-se que Ida perdeu o pai muito jovem e, além disso, viu-se viúva, com três filhas ainda meninas para criar: Wanda, Lavínia e Yolanda (LOPES, 2011).

Tais elementos são importantes, pois a família caxiense era a base de referência ética e moral para os ensinamentos de uma vida em sociedade (LUCHESE, 2016).

Foi nesse contexto histórico que o GEHEM teve início em 1931, atual Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer, com aulas ministradas pela professora Ida Zanellato, em sua residência, localizada na esquina das Ruas Sinimbu e Treze de Maio, em Caxias do Sul. Mudanças ocorreram com um forte vendaval que destruiu a escola. Em razão disso, ela passou a funcionar de forma improvisada na metade de um estábulo cuja outra metade servia de pouso aos tropeiros que vinham dos Campos de Cima da Serra⁸. O espaço foi oferecido pelo comerciante Alberto Diligenti, que se comoveu com o esforço da professora Ida Marcucci, solicitando prontamente ajuda aos moradores do local para reerguer a instituição (CAXIAS DO

⁸ A região é denominada de Campos de Cima da Serra, em virtude da geomorfologia característica onde predominam maiores altitudes e os campos de gramíneas são presença constante.

SUL, 2012a). A seguir, na Figura 11, é apresentada a professora Ida Marcucci Zanellato, indicada pela seta vermelha, cercada por suas três filhas:

Figura 11 - Ida Marcucci Zanellato cercada pelas filhas Vanda, Yolanda e Lavínia

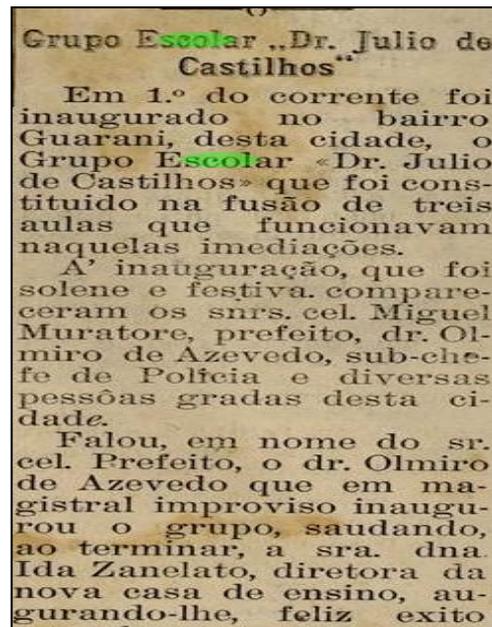


Fonte: Adaptada a partir de Lopes (2011).

Ao longo dos anos de 1931 e 1932, o número de alunos foi crescendo de forma considerável. Logo, a professora Ida Marcucci percebeu a necessidade de solicitar ao intendente municipal, Sr. Miguel Muratore, que fosse cedido um novo local, apropriado para as aulas. Surge nesse contexto o Grupo Escolar Dr. Julio Prates de Castilhos, como relata a reportagem do jornal, a seguir, na Figura 12. O grupo foi inaugurado no dia 1º de maio de 1933, em um prédio alugado próximo à esquina da Rua Vereador Mário Pezzi com a Avenida Júlio de Castilhos, no bairro Guarani⁹.

⁹ O bairro Guarani é atualmente denominado bairro Nossa Senhora de Lourdes. Hoje, o Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer está localizado na Rua Vereador Mario Pezzi, bairro Exposição.

Figura 12 - Jornal O Momento Grupo Escolar Dr. Julio de Castilhos (1933)



Fonte: O Momento (1933a, p. 2). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

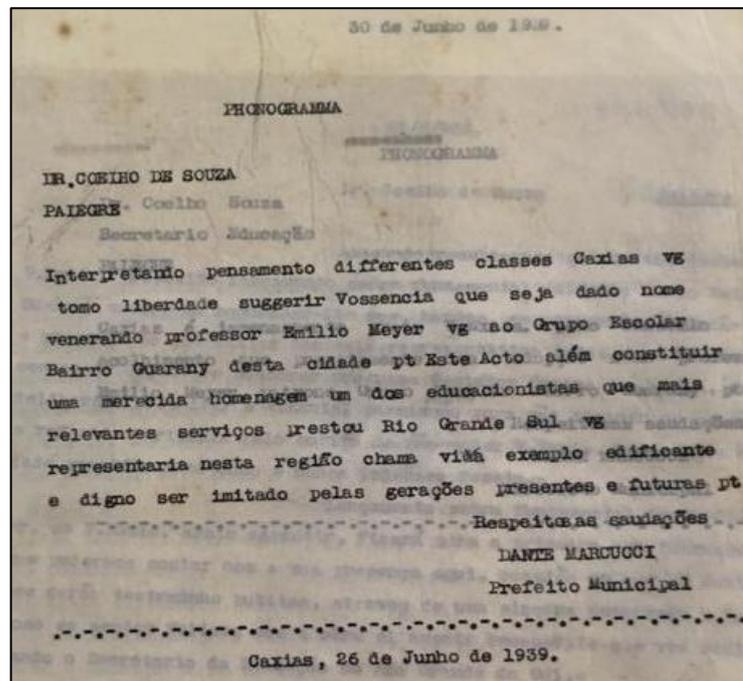
O Grupo Escolar Dr. Júlio de Castilhos, localizado no bairro Guarani, foi constituído da união de três aulas existentes no local, pertencentes ao ensino municipal. O bairro Guarani teve seu desenvolvimento diretamente associado ao movimento dos tropeiros, que chegavam pela Estrada Conselheiro Dantas para realizar suas compras nos armazéns locais. Segundo bairro de Caxias do Sul, teve uma rápida ampliação devido ao grande número de estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços que se formaram. A população urbana começa a crescer e a população da zona rural, a diminuir, devido ao início do desenvolvimento industrial (DALLA VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998). Na década de 1940, a população urbana já era maior que a rural. Com o desenvolvimento do bairro, aumentou o número de alunos. Logo, o prédio onde se localizava o Grupo Escolar Dr. Júlio Prates de Castilhos não comportava tal demanda (CAXIAS DO SUL, 2012a).

Nesse contexto, Ida Marcucci entra novamente em cena. Em 1936, o prefeito Dante Marcucci, seu irmão, pleiteou a estadualização da instituição, que já contava com cerca de 300 alunos. No mês de outubro do mesmo ano, assume como diretora a filha da professora Ida, Wanda Zanellato. O número de alunos continuava aumentando, e, após dois anos, estavam com o mesmo problema de falta de espaço. Novamente Ida Marcucci mobilizou a comunidade para reivindicar a construção de um novo espaço, à altura da demanda crescente. Com a mobilização

e a persistência da comunidade local, o governo municipal fez a doação de um terreno, localizado à Rua Vereador Mário Pezzi (CAXIAS DO SUL, 2012a).

A construção deste terceiro espaço ficou a cargo do governo estadual em 1939. O GEHEM foi inaugurado em 2 de setembro de 1940, denominação escolhida pela comunidade caxiense para homenagear o professor que dedicou 51 anos de sua vida à educação no Rio Grande do Sul. A seguir, apresenta-se um registro de um fonograma, sugerindo a denominação de GEHEM, enviado ao Secretário da Educação e Saúde Pública do Estado, Dr. Coelho Souza, pelo Prefeito Municipal Dante Marcucci.

Figura 13 - Fonograma do Prefeito Municipal Dante Marcucci sugerindo nome Henrique Emílio Meyer (1939)



Fonte: Caxias do Sul (1939). Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Adami Spadari, Caxias do Sul/RS

Após nove anos de muita dedicação e persistência, a professora Ida Marcucci consegue um lugar definitivo para a escola que idealizou. O local escolhido para a construção do GEHEM foi um terreno onde o grupo ocuparia toda a frente da quadra, na rua Vereador Mário Pezzi, ladeada pelas ruas Santos Dumont e Plácido de Castro, com fácil acessibilidade, favorecendo a visibilidade da imponência do prédio. Os grupos escolares foram construídos em regiões nobres. Segundo Buffa e Pinto (2002, p. 43-44), em quadras inteiras ou em “[...] grandes lotes de esquina que

proporcionassem uma visualização completa do edifício e permitissem múltiplos acessos”.

Nesse sentido, o prédio do GEHEM, modelo dos anos 40, fez parte do cenário da simbolização do moderno e do progresso na cidade, uma construção com características do *Art Déco*, estilo em voga no cenário brasileiro, que refletia a política de modernização do governo Getúlio Vargas, como demonstra a Figura 14, abaixo.

Figura 14 - Prédio do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer

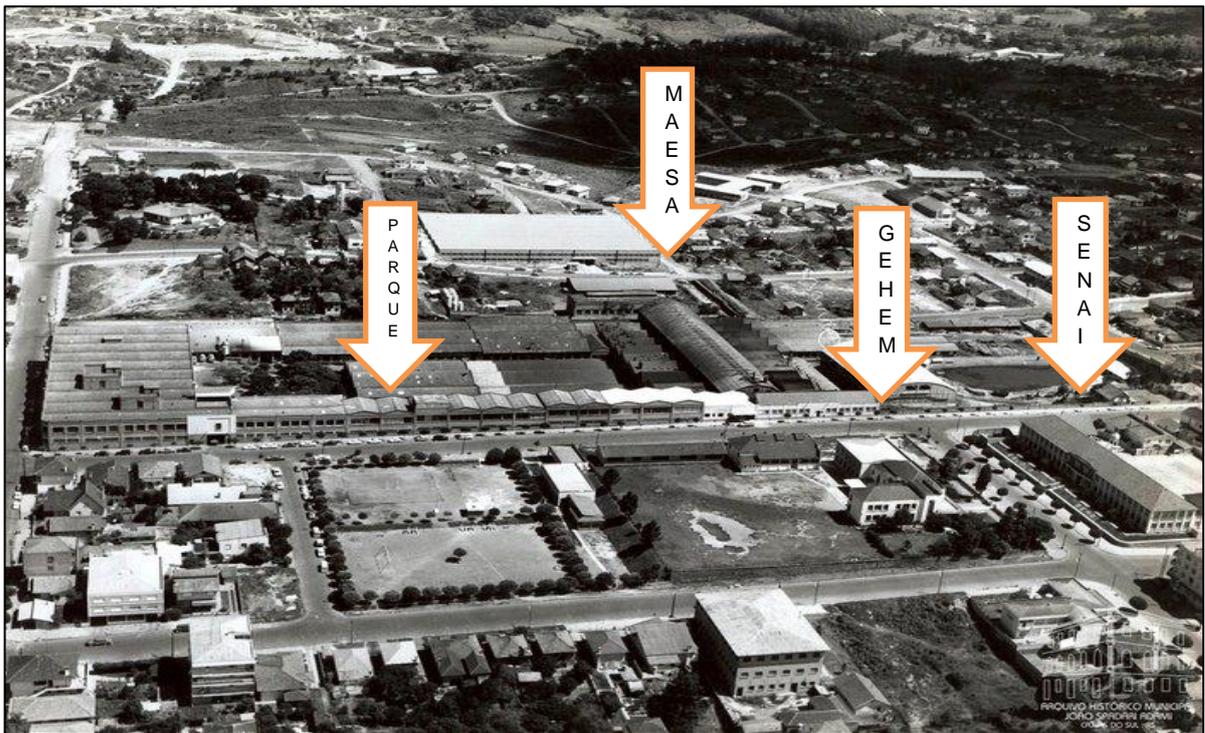


Fonte: Machado *et al.* (2011).

A escola ocupa um espaço físico e ganha um prédio que vai compor um cenário simbólico do moderno e do progresso municipal, mediante construções imponentes para o desenvolvimento econômico, cultural e urbano de Caxias do Sul. Nesse mesmo bairro, foram projetados e edificados prédios, estradas e monumentos importantes até a contemporaneidade.

Na sequência, apresenta-se um panorama aéreo com alguns indicativos dessas construções:

Figura 15 - Panorama urbano do entorno do Grupo Henrique Emílio Meyer (Década de 1950)



Fonte: Caxias do Sul (195[?]). Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Adami Spadari, Caxias do Sul/RS

Analisando a imagem é possível perceber a intencionalidade das construções no mesmo território. O bairro Guarani, atual bairro de Nossa de Lourdes e parte do Exposição, estava se constituindo como um bairro operário do município.

A construção da Metalúrgica Abramo Eberle Sociedade Anônima (MAESA) foi um símbolo do desenvolvimento industrial para a cidade, e também um grande atrativo para mão de obra das regiões vizinhas. A MAESA teve seu funcionamento em 1948, segundo prédio que aparece na imagem.

Sua história inicia em 1896, com uma funilaria coordenada por Luigia Eberle, conhecida como Gigia Bandeira, e seu filho Abramo. Segundo Tisott (2011, p. 4), uma “[...] casa comercial, com o diferencial de ser muito bem localizada, nas proximidades da praça central, da capela e dos escritórios oficiais; os Eberle ofereciam alguns serviços; e Gigia comandava a oficina de funilaria”, que se transformou na mais importante metalúrgica de Caxias do Sul e região.

Começou com instalações singelas, em prédio de madeira, mas, na década de 1930, um conjunto de edificação ocupou o quarteirão das ruas Sinimbu, Marquês

do Herval, Borges de Medeiros e Os Dezoito do Forte, hoje patrimônio histórico de Caxias do Sul, desde o dia 6 de janeiro de 2006.

Com a expansão dos negócios, surge a segunda planta fabril da Metalúrgica Abramo Eberle S.A., que passou a funcionar no ano de 1948, ocupando o quarteirão entre as ruas Plácido de Castro, Dom José Baréa, Pedro Tomasi e Treze de Maio, com seções de forjaria, fundição, mecânica e ferramentaria (CAXIAS DO SUL, 2012a).

Figura 16 - Prédio da MAESA (1948 e 2016)



Fonte: Adaptada pela autora a partir de CAU/RS (2021).

A construção foi planejada pelo engenheiro Gabriel Pedro Moacir, que se inspirou nas construções inglesas da região industrial de Manchester, conforme solicitação da família Eberle. A antiga MAESA tem o prédio tombado como patrimônio histórico em janeiro de 2015.

Outra construção importante que ocupa esse cenário é a do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), na Rua Vereador Mário Pezzi, em frente ao GEHEM, inaugurada em 1º de agosto de 1944. Ela foi a segunda unidade instalada no RS, e oferecia cursos profissionalizantes nas áreas de ajustagem, tornearia mecânica, eletricidade e marcenaria, destinados a jovens de Caxias do Sul e região (LOPES, 2019b).

O SENAI foi instituído com o compromisso de preparar a mão de obra especializada, enquanto o GEHEM, para atender os filhos dos operários, embora também acolhesse os filhos da elite caxiense pelo trabalho de excelência que desenvolvia na educação. Nota-se uma intencionalidade, desde o atendimento da criança no GEHEM e no Parque Infantil Monteiro Lobato, de uma preparação, de uma formação do cidadão caxiense.

Em busca de outros indícios sobre a constituição do Grupo Escolar, foram consultados o AHMJSA e o AHDB. Nesses locais, foram encontrados entrevistas, fotografias e documentos que revelaram o lugar ocupado pela instituição escolar na sociedade caxiense, jornais que registraram os acontecimentos relevantes do Grupo Escolar, dando maior visibilidade às festividades, às formaturas e aos desfiles.

O GEHEM foi considerado uma escola modelo, por ter sido projetado para atender 500 alunos, mas também pelas iniciativas de incentivo à leitura, práticas esportivas e educação cívica, o que marcou o ensino no GEHEM e é lembrado de forma mais significativa pelos ex-alunos.

Em relação ao incentivo à leitura no espaço da biblioteca, emergem lembranças cheias de detalhes e sentimentos, como as do ex-aluno Rafael (entrevista, 2012), ao destacar que “*A biblioteca era bonita, era grande [...] tinha o disquinho colorido [...]*”. Os discos de histórias infantis também são recordados por outros ex-alunos, além das histórias contadas pela professora da biblioteca, “*[...] tinha uns discos de histórias, eles eram coloridos, tinham azul, amarelo, então a gente ouvia história com toca disco [...]*” (SÔNIA, entrevista, 2021). Sônia também recorda que frequentavam a biblioteca semanalmente:

[...] mais de uma vez por semana contato com a biblioteca, era hora da biblioteca. Isso no Emílio sempre, eu estudei até a quinta série [...] sempre teve o momento da biblioteca e no jardim já tinha [...] a professora da biblioteca já deixava livros com mais figuras (SÔNIA, entrevista, 2021).

Com as reformas educacionais, a partir da década de 1930, embasadas na Escola Nova, a biblioteca escolar ganha legitimidade no espaço escolar.

Verifica-se que a biblioteca escolar, nas décadas de 30 e 40 do século XX, está incluída nesse processo de reforma educacional, principalmente construindo uma valorização educativa e de estímulo ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como finalidade prioritária a intensificação do gosto pela leitura (SILVA, 2011, p. 495).

A biblioteca escolar no GEHEM ganhou um espaço privilegiado no cotidiano escolar e de reconhecimento pelos alunos, o que é lembrado pelos entrevistados.

Do mesmo modo, as práticas esportivas estiveram presentes no cotidiano dos alunos do GEHEM, a Educação Física fazia parte do currículo escolar, com professoras formadas pela Escola Superior de Educação Física (ESEF) de Porto Alegre. Na ESEF, em seus primórdios, grande parcela dos professores eram militares e adotavam o Método Ginástico Francês para orientar metodologicamente suas aulas. As práticas dos professores de Educação Física no GEHEM foram influenciadas pelo contexto histórico, político e social, fazendo com que tivessem características higienistas e esportivas, assim como tendências militaristas, pela própria formação dos professores, visto que

A educação física vinculava-se fortemente à ideia de Segurança Nacional, sentida na preocupação com a eugenia ou ao adestramento físico necessário tanto à defesa da Pátria quanto para assegurar ao processo de industrialização recém implantado no país, mão de obra fisicamente capacitada (CORRÊA, 2006, p. 4).

O principal intuito de tais práticas era preparar a juventude, preferencialmente a masculina, para defender a Pátria, com coragem, vitalidade e heroísmo, ao desenvolver um caráter disciplinador e nacionalista. Como se pode perceber nos depoimentos em relação aos desfiles da Semana da Pátria do GEHEM, toda a organização e treinamento eram de responsabilidade do professor de Educação Física, com orientações do Exército. A disciplina e o ordenamento eram critérios de avaliação da escola no desfile, por isso, já começavam os ensaios no mês de agosto. Os depoentes, quando questionados sobre os desfiles de Sete de Setembro, prontamente afirmam: “[...] Sim, a gente ia, treinava um mês antes.” (RAFAEL, entrevista, 2012). As lembranças surgem, com detalhes misturados com o sentimento de recordar um tempo vivido, pois, nos

[...] desfiles, as professoras eram muito dedicadas, a gente começava ensaiar para o dia Sete de Setembro, mais de um mês antes, todos perfilados, [...] se fazia acrobacias também, com os bastões compridos, essas acrobacias a gente fazia na frente do palanque oficial (SÔNIA, entrevista, 2021).

Tais memórias sobre os aspectos relacionados às práticas cívicas e à Educação Física possivelmente foram constituintes de um sentimento de

pertencimento e identidade a esse grupo de sujeitos, reforçadas pela convivência com outros sujeitos e grupos que vivenciaram experiências semelhantes, pois, como argumenta Halbwachs (2013, p. 49), “[...] os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos chegados a nós”. A partir de tais indícios, pode-se perceber como se dava a organização e o lugar que o GEHEM ocupava na sociedade caxiense. Conforme a narrativa da professora de Educação Física Zilca Rossi Montanari,

[...] Lá no Emílio Meyer sim, eu já peguei um colégio bem organizado, um colégio muito bom na época em que lecionei lá, a diretora era a Ida Tronquini, e existia a diretora, a vice-diretora, biblioteca, já existiam as merendas escolares. [...] 1945, 46 já existia uma biblioteca, já existia a professora de música, um gabinete dentário. Todas ocupadas, desde o pré, todas elas [...] Foi um colégio que também ponteou o ensino em Caxias, o Emílio Meyer, durante muito tempo, não sei como está agora (ZILCA, entrevista, 1991).

Salienta-se que o GEHEM foi, e ainda é, uma instituição educativa de grande importância para o cenário caxiense. Ela foi evoluindo e acompanhando o contexto das mudanças educacionais a nível nacional, agregando gradativamente no campo da educação municipal as políticas, as práticas e as culturas que as instituições dos grandes centros urbanos instituíam. Além disso, a partir da constituição do novo prédio e do aumento de seus espaços institucionais, outras demandas educacionais foram absorvidas pela escola.

Nesse sentido, destaca-se a criação do Jardim de Infância, em 1946; o Ginásio do Bairro Guarany, em 1966; e o Colégio Comercial de Segundo Grau, em 1968; todos funcionando anexos ao Grupo Escolar. Entre as décadas de 1940 e 1970, o prédio original foi ampliado, adotando a grade curricular nos três turnos (manhã, tarde e noite). No ano de 1976, ocorreu a unificação das três entidades em uma só, recebendo a denominação de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Henrique Emílio Meyer, atualmente identificada como Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer (CAXIAS DO SUL, 2012a).

Desse modo, pode-se conjecturar que o GEHEM permaneceu nas lembranças dos sujeitos escolares como uma instituição de excelência no ensino, mas também de afeto e de bons momentos vivenciados entre todos que frequentavam a escola. Diferentes espaços, materiais, aulas e práticas foram evidenciados nos documentos e nas memórias de Sônia, Rafael e Zilca, como, por

exemplo, a biblioteca, os desfiles de Sete de Setembro, a banda, a hora cívica, as aulas de Educação Física, as aulas de Música e as aulas de teatro.

No século XX, a sociedade caxiense começa a perceber as crianças com algumas especificidades, assim como os demais centros urbanos do país. As transformações sociais chegam à cidade, aos poucos as famílias vivenciam as mudanças ocorridas pela industrialização e pelo urbanismo.

O referido período é considerado o século da criança, pois a humanidade começa a pensar melhor sobre as crianças, e iniciam-se algumas ações governamentais em prol da infância. Em Caxias do Sul, foram encontrados alguns indícios dessa preocupação, no período estudado, materializados na criação do Jardim de Infância no GEHEM, em 1946, e na construção do Parque Infantil Monteiro Lobato, em 1953. Essas ações concretizam a intencionalidade de representar a modernidade na sociedade caxiense.

Segundo Cândido (2015), na passagem do século XIX para o século XX, o ensino foi marcado por reformas e reestruturações em diferentes países ocidentais, com o objetivo de implantar um processo de organização dos sistemas estatais de ensino, considerando as bandeiras dos projetos dos Estados Nacionais e da modernidade educativa.

No contexto brasileiro, o discurso em voga é que, para ser uma nação promissora, os governos não poderiam se descuidar das escolas e, para isso, buscam entre as teorias elaboradas pelos pedagogos europeus e norte-americanos modelos e práticas educativas consideradas mais modernas.

Da mesma forma, a reforma do ensino chega ao Rio Grande do Sul, na década de 1930, trazendo renovação para o ensino, com a nacionalização e com os princípios da Escola Nova. É nesse contexto que o jardim de infância vai conquistando espaço no Rio Grande do Sul, como o ensino pré-primário, anexo às Escolas Complementares e aos Grupos Escolares, todavia de forma lenta.

Ao pensar a constituição do jardim de infância do GEHEM, foi necessário buscar a história da organização da educação pré-primária no Rio Grande do Sul.

Desse modo, trazer um pouco do cenário da educação no Rio Grande do Sul no período investigado se faz necessário para provocar reflexões acerca de: Quais as influências pedagógicas e políticas que desenharam o projeto da educação no Estado? Na legislação estadual, quando aparece o jardim de infância e quais as regulamentações? Quais trabalhos foram desenvolvidos no Centro de Pesquisa e

Orientação Educacional (CPOE/RS) para os jardins de infância? Quais obras e autores nacionais apresentavam reflexões sobre possíveis propostas pedagógicas para o jardim de infância no período investigado?

4.3 ORGANIZAÇÃO, ORIENTAÇÕES E FORMAÇÃO ÀS “JARDINEIRAS”

“Este aspecto contribuiu para fortalecer as relações de poder local e regional, favorecendo também a descentralização das decisões administrativas do governo, o que também privilegiou a disseminação de uma visão liberal e privada de ensino.”

(SOUZA, 2015, p. 93).

No ensino do Rio Grande do Sul, no início do século XX, na grande maioria dos municípios, prevaleciam ainda aspectos marcantes do ensino do século XIX. As disputas históricas, entre portugueses e espanhóis, causaram um atraso no processo do domínio português ao território gaúcho.

No período de 1889 a 1930, no Estado, predominava o discurso de um ensino “leigo, livre e gratuito”, que abarcava o ensino elementar e complementar. A instrução pública estava atrelada à Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior, mas o poder decisório competia ao presidente do Estado.

As práticas de escolarização, assim como a organização das instituições e dos materiais pedagógicos, estavam vinculadas a uma visão positivista. Souza (2015, p. 93) argumenta que “O princípio da liberdade contribuiu para a ‘estrangeirização’ da educação rio-grandense, pois a mesma deveria ser feita, preferencialmente, particular e a cargo da comunidade”. Desse modo, o cenário com pouco investimento do Estado e com comunidades rurais afastadas dos grandes centros urbanos favoreceu para os imigrantes abrirem escolas e, assim, fortalecerem sua identidade com experiência e valores étnicos e culturais.

O Estado, no início do século XX, continuava a promover uma educação baseada no ensino da leitura e da escrita. Com o advento da República, surgem, a partir de 1909, os Colégios Elementares, com o propósito de modernização pedagógica. Após os Colégios Elementares, surgem os Grupos Escolares, que têm sua implantação de forma morosa até a década de 1950, com atraso em relação ao Estado de São Paulo, que na década 1890 já tinha a implantação dos Grupos Escolares marcando a inovação e a modificação do Ensino Primário.

Quando Getúlio Vargas assume o poder, o contexto do ensino no Rio Grande do Sul era este: nas regiões de colonização pelos imigrantes estrangeiros as escolas étnicas estavam fortalecidas, e o ensino público precário, assim como no restante do Estado. Com o regime político do Estado Novo, instaurado por Getúlio Vargas em 10 de janeiro de 1937 e que vigorou até 31 de janeiro de 1946, assumiu o governo do Estado do Rio Grande do Sul o general Daltro Filho, na condição de interventor federal, em outubro de 1937. Assim, assume com ele a Secretaria da Educação e Saúde Pública – SESP/RS – José Pereira Coelho de Souza (1937-1945). Seu mandato foi marcado pelos movimentos de implementação do processo de nacionalização do ensino e de reforma do sistema educativo no Estado.

A campanha de nacionalização caracterizou-se por uma série de medidas tomadas pelo governo Getúlio Vargas para minimizar a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e, assim, obrigar sua integração à população brasileira, teve forte alargamento no Estado, inclusive nas regiões coloniais de origem italiana e alemã. Assim, por meio do Decreto-lei nº 406, de 4 de maio de 1938, Getúlio Vargas proibiu o funcionamento das escolas étnicas no Brasil.

Art. 85. Em todas as escolas rurais do país, o ensino de qualquer matéria será ministrado em português, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas.

§ 1º As escolas a que se refere este artigo serão sempre regidas por brasileiros natos.

§ 2º Nelas não se ensinará idioma estrangeiro a menores de quatorze (14) anos.

§ 3º Os livros destinados ao ensino primário serão exclusivamente escritos em língua portuguesa.

§ 4º Nos programas do curso primário e secundário é obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil.

§ 5º Nas escolas para estrangeiros adultos serão ensinadas noções sobre as instituições políticas do país (BRASIL, 1938, s/p).

Com esse decreto, ficou determinado que os professores deveriam ser brasileiros natos; os materiais impressos utilizados, em português; a língua oficial, o português, sendo proibido ensinar idioma estrangeiro para menores de 14 anos. Além disso, a obrigatoriedade do ensino da história e geografia do Brasil. Quadros (2006, p. 55) afirma que se tratava “[...] de homogeneizar a população para afastar o risco de impedimento do projeto de identidade nacional”. Dessa maneira, o projeto do governo Getúlio Vargas, que tinha como intervenção a nacionalização do ensino para criar uma identidade brasileira não havia se consolidado no país até então.

Com a política de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul, o Estado exerce um maior domínio e fiscalização no ensino. Segundo Quadros (2006, p. 51), “[...] a nacionalização do ensino promoveu o reaparelhamento da SESP/RS para a execução de uma reforma educacional que se inseriu num contexto de reorganização e racionalização dos serviços de intervenção pública”. Além disso, abriu possibilidades para a atuação do Estado no campo da Educação, e iniciou-se um processo de organização de um sistema educativo estatal, como explica Quadros (2006, p. 71): “[...] orientado e planejado a partir de diretrizes teóricas, técnicas e administrativas que redefiniram o problema da educação da escola e da profissionalização do magistério como problemas de ciências e de reforma”.

Sendo assim, a SESP/RS tem uma ampliação de sua estrutura administrativa, com a criação de novas formas de gestão da educação, embasadas em normatização e burocratização e com um viés disciplinante, refletindo nas prescrições deliberadas dos programas de ensino e das atividades escolares, na orientação pedagógica ao magistério e no controle rigoroso e minucioso da execução da reforma educacional.

Com a posse do secretário Coelho de Souza na SESP/RS, em outubro de 1937, o processo de reestruturação da educação no Rio Grande do Sul se intensificou. A Diretoria Geral de Instrução Pública foi reorganizada; foram criados o cargo de Diretor de Seção Técnica, as delegacias regionais de ensino, os cargos de delegados e de orientadores da educação elementar; foram designados dezesseis professores, em cargo comissionado, para atuarem no gabinete da Diretoria Geral de Instrução Pública, nas seções administrativa e técnica e no serviço de nacionalização. Essas mudanças foram regulamentadas pelo Decreto nº 7.615, de 13 de dezembro de 1938.

Nesse contexto de movimento de reformulação do ensino, Afonso Guerreiro publica os Subsídios para o Código de Educação, onde apresenta sugestões, algumas notas para o plano de reorganização escolar do Rio Grande do Sul. Nessas sugestões, também é mencionado o ensino pré-primário, ao qual irei me deter no momento. Essas sugestões foram incorporadas na organização da educação pré-primária pelo Decreto nº 590, de 14 de agosto de 1942.

O art. 2º define que o Estado manteria, como instituições de educação pré-primária, escolas maternais e jardins de infância. O art. 4º prescreve que a função essencial das escolas maternais é prestar assistência educativa e

social para crianças, de preferência, filhos de operários, empregadas domésticas ou notoriamente pobres. Destinadas a crianças de 2 a 4 anos, cabe-lhes prover oportunidades de desenvolvimento progressivo em ambiente semelhante ao lar.

Aos jardins da infância, como prescreve o art. 17, destinados a crianças de 4 a 6 anos, cabe um trabalho educativo relacionado à criação de situações e utilização de estímulos que provoquem a atividade da criança na construção de hábitos mentais, morais, sociais, cívicos, higiênicos e estéticos e no desenvolvimento de habilidades. Pelo art. 22, os jardins da infância deviam funcionar como instituições autônomas ou como anexos a grupos escolares ou escolas normais. Assim como as escolas maternas, também deviam ser instalados, de acordo com o art. 23, em bairros operários ou regiões de imigração estrangeira. Tanto os professores das escolas maternas, quanto os dos jardins de infância, receberiam qualificações especiais (QUADROS, 2006, p. 80-81).

Assim, é regulamentado o jardim de infância no Estado do Rio Grande do Sul. A idade estabelecida para esse atendimento, pelo art. 17, era de 4 a 6 anos. Nesse mesmo artigo, há referência de como deve ser o trabalho educativo: oportunizar situações e com estímulos para provocar a atividade da criança na construção de hábitos mentais, morais, sociais, cívicos, higiênicos e estéticos e no desenvolvimento de habilidades. Orienta que os jardins podem funcionar de forma autônoma ou em anexo aos grupos escolares ou às escolas normais. O art. 23 faz referência à formação do professor, com qualificação especial, para atuar no jardim de infância.

Outra recomendação de Guerreiro Lima, entre outras, foi a criação de regiões escolares, a fim de que o ensino tivesse uma melhor orientação. Então, pelo Decreto nº 7.641, de 28 de dezembro de 1938, o Estado foi dividido em dez regiões escolares e, assim, foram criadas as delegacias regionais de ensino em: Porto Alegre, São Leopoldo, Taquari, Caxias do Sul, Pelotas, Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Cruz Alta e Alegrete.

No entanto, com todo o movimento de reforma do ensino, com decretos e reorganizações, com construções de escolas, o Estado do Rio Grande do Sul enfrentou dificuldades com a expansão da escolarização, em concretizar o que propunha, uma educação renovada, que demandava prédios confortáveis e higiênicos, com salas de aula, auditório, ginásio, cantina, acomodações para o serviço médico, trabalhos manuais, museu didático e biblioteca. Enfrentou dificuldades que envolviam prédios em más condições de uso ou com necessidade de reformas, falta de materiais didáticos, falta de conservação dos mobiliários, além de professores com formação precária.

O magistério primário passou por uma importante reformulação no Rio Grande do Sul, pelo Decreto nº 7.640, de 28 de dezembro de 1938, que organizou e regulamentou sua carreira. Foram elencadas várias regulamentações, dentre elas, o concurso público, distribuição dos professores conforme a classificação das escolas e acesso gradativo aos níveis de carreira mediante concurso de remoção, baseado nos critérios de tempo, merecimento e aperfeiçoamento cultural e técnico, que envolvia estudo do rendimento do trabalho escolar, aptidões, cursos de especialização e publicação ou outras contribuições ao ensino.

Conforme Quadros (2006), outras medidas importantes são citadas pelo relatório da Diretoria Geral de Instrução Pública, como, por exemplo, a participação em estágios no Rio de Janeiro e em São Paulo, nas áreas de cinema educativo, música e canto orfeônico, estatística aplicada à educação, educação pré-primária e instituições escolares, problemas gerais de educação e educação rural.

Sendo assim, com esses movimentos fora do Estado, começa a ampliar na Secretaria a orientação pedagógica aos professores, nos anos de 1938 e 1939, com ações como elaboração de planos de trabalho escolar e organização de campanhas que buscavam a formação de atitudes e hábitos desejáveis, como: Semana da Pátria, Proclamação da República, Semana da Asa e Cruzada Antialcoólica; elaboração de comunicados e circulares de orientações; organização de cursos de aperfeiçoamento pedagógico, de administração escolar, de especialização em desenho e artes aplicadas e em música, educação rural, preparação para professores de núcleos indígenas, de educação física e reajustamento pedagógico; realização de reuniões com professores dos grupos escolares, com os aplicadores dos testes ABC, com os professores orientadores de ensino, com delegados regionais de ensino e diretores das regiões escolares; estudo de obras didáticas e de literatura infantil e exame de livros adotados nas escolas estrangeiras; elaboração de programas mínimos para as escolas primárias.

Nesse sentido, a formação e o aperfeiçoamento pedagógico do magistério ganharam destaque na Secretaria, no ano de 1939, com a presença de dois ilustres

conferencistas: Lourenço Filho¹⁰ e Everardo Backheusir. Este, abordou os temas das diretrizes da nova didática e ensino globalizado, enquanto aquele desenvolveu temas relacionados à psicologia da aprendizagem e a problemas de administração escolar.

As formações continuaram nos anos seguintes. Em 1940, foi com a professora Ceição de Barros Barrete, que ministrou um curso de extensão para professores de música. Em 1942, foi a vez dos professores do jardim de infância receberem o curso da renomada palestrante Celina Nina. Nesse mesmo ano, foram designadas pela SESP/RS seis professoras para frequentar o curso de Administração, com duração de dois anos, em Minas Gerais.

Desse modo, fica claro que o Estado do Rio Grande do Sul manteve ligações na época com os estados brasileiros vanguardas na educação, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, buscando qualificar o magistério gaúcho.

A Secção Técnica (1937-1943) projetou as diretrizes de organização do ensino, promoveu a orientação técnica, a formação de professores e a atualização da legislação. Realizou estudo, pesquisas e produziu estatística. Elaborou e distribuiu comunicados e instruções. Ocupou um lugar de coordenar, monitorar e regulamentar a reforma educacional, legitimada pela profissionalização do conhecimento técnico. De acordo com Quadros (2006, p. 105), “[...] teve continuidade, de forma mais sistemática e ampliada, com a sua transformação em Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais – CPOE/RS – em junho de 1943”.

A nacionalização do ensino desencadeou a reforma educacional, o discurso da modernização e da inovação. Como um espaço de enunciação de saber autorizado, constitui-se a Secção Técnica da Diretoria Geral da Instrução Pública, que mais tarde transforma-se no Centro de Pesquisa e Orientação Educacional – CPOE/RS.

O CPOE/RS foi criado em 1943, com o Decreto nº 794, de 17 de junho de 1943. Segundo Quadros (2006, p. 125), “Por isso, já nasceu forte”. Nasceu forte

¹⁰ Em sua trajetória enquanto professor, atuou na área administrativa e organizacional, dirigindo a reforma da instrução pública no Ceará (1922-1923) e em São Paulo (1931-1932). Também assessorou a reforma no Rio Grande do Sul. Na década de 30, exerceu as funções, no Rio de Janeiro, de chefe de gabinete do ministro da Educação Francisco Campos. Durante a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal, dirigiu o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Foi diretor da Escola de Professores no Distrito Federal e do INEP, que se denominava, na época, Instituto Nacional de Pedagogia.

porque a reforma educacional estava em pleno vapor no Rio Grande do Sul quando ocorreu essa transformação. Quadros define o CPOE/RS como:

[...] um órgão técnico, diretamente subordinado ao secretário da Educação e Cultura, e que tem por finalidade a realização de estudos e pesquisas psicológicas, pedagógicas e sociais, destinados a manter em base científica o trabalho escolar e a supervisão técnico-pedagógica das escolas do Estado (QUADROS, 2006, p. 149).

O referido órgão foi planejado e organizado para construir e assumir o controle organizacional do sistema educativo. Por isso, estabeleceram-se políticas com estratégias de monitorar, avaliar e conduzir de forma disciplinar e científica os caminhos de constituição da reforma educativa. Dessa forma, a institucionalização do CPOE/RS representava a continuidade do trabalho já desenvolvido pela Secção Técnica, desde 1938. Esses órgãos representaram o reconhecimento e a supervisão direta da escola pelo Estado.

Durante a sua atuação, período de 1943 a 1971, o CPOE/RS desenvolveu seu trabalho no momento de expansão da escolarização, período de um crescimento significativo do número de estudantes matriculados e de professores contratados. Diante desse contexto, os técnicos em educação do CPOE/RS desenvolveram ações baseadas no estudo, na pesquisa e no desenvolvimento profissional do magistério, que contemplavam o planejamento, a coordenação e a avaliação do trabalho do professor, visando à concretização de um trabalho eficaz na renovação educacional, regido pelos princípios escolanovistas.

No entanto, esses movimentos não aconteceram isoladamente e desconectados com os movimentos nacionais. Nesse sentido, salienta-se a ligação tanto da Secção Técnica como do CPOE/RS ao INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), que, na sua criação, se denominava Instituto Nacional de Pedagogia, criado em 13 de janeiro de 1937. Durante os anos de 1938 a 1945 foi dirigido por Lourenço Filho, intelectual da ciência pedagógica, que teve atuação na elaboração do anteprojeto de organização da Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, assim como nos testes ABC, de sua autoria, que foram utilizados no ensino estadual com o objetivo de garantir a homogeneidade das turmas. O INEP repercutiu fortemente junto aos estados brasileiros, contribuindo positivamente para a educação, como na oferta de cursos e estágios de aperfeiçoamento para os professores estaduais.

Salienta-se a importância do CPOE/RS na instituição do sistema educacional do Rio Grande do Sul pela sua atuação em vários serviços e pelas seções nas quais se desdobrava, mas no momento darei ênfase para as seções de formações e orientações aos professores do Estado, com o intuito de investigar qual era a formação oferecida para os professores do jardim de infância, desvelando obras e autores que conduziam os princípios das práticas pedagógicas no jardim de infância do GEHEM.

Durante o período de atuação da Seção Técnica, de 1937 a 1943, antes da transformação em CPOE/RS, busco vestígios de formações oferecidas aos professores do Pré-primário, jardim de infância, com o Decreto nº 590, de 14 de agosto de 1942 o jardim de infância começa a aparecer nos registros para formações de professores.

Conforme Quadros (2006), foram oferecidos cursos promovidos pela Seção Técnica entre 1940 e 1942, e um deles foi o de especialização para professores de jardim de infância. No ano de 1942, aconteceu o curso para professores de jardim de infância com a professora Celina Airlie Nina, intelectual renomada na época. Ela foi a primeira diretora do Jardim de Infância do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e publicou um livro em 1955: *Escolas-Maternais e Jardins de Infância*. Sua obra, juntamente com a de Heloísa Marinho, *Vida e Educação no Jardim de Infância*, fez parte da coleção publicada pelo Departamento Nacional da Criança, que naquele tempo pertencia ao Ministério da Saúde.

Portanto, essas duas obras embasavam as formações das professoras pré-primárias da época. São livros que orientavam como deveriam ser os prédios para o jardim de infância, os espaços internos e externos, as salas, os mobiliários, os materiais, a quantidade de crianças por turma, os critérios para ser uma boa jardineira e também sugestões de atividades.

Figura 17 - Livros da coleção publicada pelo Departamento da Criança - Ministério da Saúde (1952, 1967 e 1957)



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Marinho (1952; 1967) e Nina (1957).

Celina Airlie Nina, em seu livro *Escolas-Maternais e Jardins de Infância*, faz referência quanto à terminologia utilizada no jardim

[...] esclareçamos que, com Froebel, julgamos a denominação de professora inadequada à educadora de crianças de jardim de infância. Adotamos, e daqui por diante, a empregaremos – a denominação de *jardineira*. Igualmente, evitamos o emprego de toda a terminologia escolar – ensino, estudo, aula, lição, classe, aluno – que leva a pensar em transmissão de conhecimentos, em instrução, apenas, e não em educação, formação integral da criança, que deve ser a finalidade a colimar no jardim de infância (NINA, 1957, p. 87).

Nota-se a contemporaneidade desse discurso, na década de 1950 já existia uma preocupação em relação às terminologias utilizadas no jardim de infância. Do mesmo modo, não se encontram nos marcos legais atuais da Educação infantil terminologias como aluno, sala de aula, ensino e dar aula.

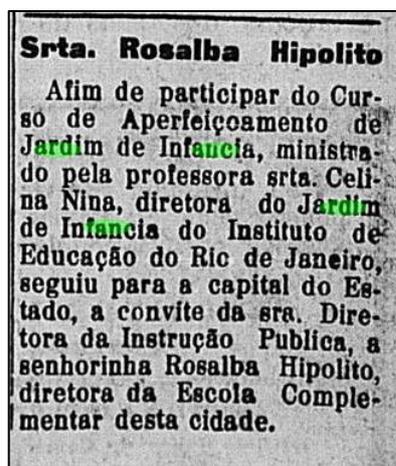
Isso vai ao encontro do que Heloisa Marinho, em seu livro *Vida e Educação no Jardim de Infância*, aborda sobre o currículo do jardim de infância: “[...] consiste de vivências e não de aulas a serem ministradas e repetidas.” (MARINHO, 1967, p. 31).

Dessa forma, podemos concluir que essas orientações e concepções chegaram até as jardineiras do GEHEM, pelo fato de o Grupo Escolar ser estadual e as formações serem oferecidas pelo CPOE/RS.

No entanto, em relação às orientações da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul - publicação do CPOE/RS - para as jardineiras, observa-se, segundo Bastos (2017, p. 76), “[...] essa dimensão disciplinadora do cotidiano das professoras jardineiras, assim como direciona e busca homogeneizar as atividades didático-pedagógicas a serem aplicadas”. Havia um controle sobre o ensino nas escolas estaduais desde os planos de trabalho até a atuação dos professores.

Em Caxias do Sul, o jornal O Momento publica a participação da diretora Srt^a Rosalba Hipolito, da Escola Complementar, na formação em Porto Alegre com a professora Celina Airlie Nina.

Figura 18 - Curso de Aperfeiçoamento de Jardim de Infância (1942)



Fonte: O Momento (1942, p. 1). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

Nesse sentido, percebe-se que o conhecimento pedagógico sobre o jardim de infância vigente na época chegou até as escolas de Caxias do Sul, apesar de o Jardim de Infância do GEHEM ter sido criado em 1946, quatro anos após esse evento. É possível pensar que as práticas desenvolvidas no jardim do GEHEM estavam embasadas pelos conhecimentos vigentes com princípios escolanovistas. A Escola Complementar foi referência para a educação em Caxias, tendo em vista que a maioria das professoras do jardim de infância do GEHEM se formaram nela.

Além dos cursos, o CPOE/RS produziu impressos publicados pelos técnicos. A Revista do Ensino/RS foi publicação oficial da Secretaria de Educação e Cultura/RS, sob a supervisão dos técnicos do CPOE/RS, no período de 1951 a 1971. Era um instrumento técnico-pedagógico que visava à atualização e à instrumentalização dos professores em serviço, de forma permanente.

Quadro 7 - Impressos publicados por técnicos do CPOE/RS

Autor	Título	Local, editor e ano	Súmula
Eloah Brodt Ribeiro e Gilka Niederauer Fontoura	Sugestões para desenvolvimento de atividades nos jardins de infância	Porto Alegre: SEC/CPOE/RS, 1954	Sugestões de atividades e bibliografias
Gilka Niederauer Fontoura e Gladys Hadda Correia Vieira	Como iniciar o pré- escolar na matemática	Porto Alegre: SEC/CPOE/RS, 1958	Material de apoio didático

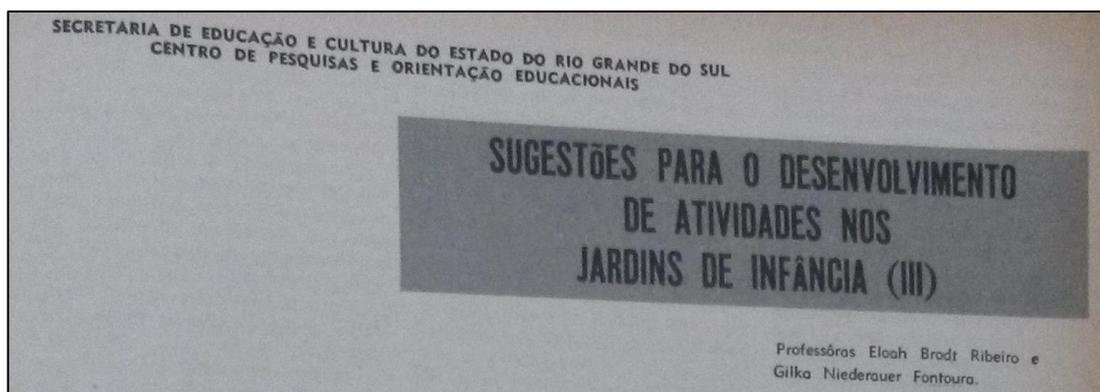
Fonte: Adaptado pela autora a partir de Quadros (2006, p. 274).

De acordo com Bastos (2017, p. 65),

Entre as inúmeras seções do sumário, a seção Educação Pré-Primária está presente desde o número 1, de setembro de 1951, mas não apresentava continuidade. A partir de março de 1954 (nº 20), aparece em todos os números, mantendo-se assim até agosto de 1961 (nº 77) [...].

Foi encontrada a publicação de Eloah Brodt Ribeiro e Gilka Niederauer Fontoura, intitulada “Sugestões para o desenvolvimento de atividades nos jardins de infância”, conforme a Figura 19, abaixo, com as seguintes páginas: 25 a 29 e 60. Procuro fazer uma análise das orientações indicadas relacionando com as memórias dos ex-alunos do GEHEM, a fim de identificar se as práticas lembradas estavam de acordo com a publicação. Assim, analisando as atividades é possível identificar quais as concepções de educação eram seguidas no jardim do GEHEM, pois o Grupo Escolar era estadual.

Figura 19 - Impresso do CPOE/RS, Revista do Ensino/RS (1960)



Fonte: Revista do Ensino (1960, p. 2).

Na página 25, as autoras abordam sobre a Iniciação à Matemática, com as seguintes orientações:

Várias atividades de jardim de infância significativas para a criança facilitarão, mais tarde, a aprendizagem da Matemática na escola primária, levando o pré-escolar a adquirir oportuna e informalmente, por meio de observação direta e manipulação de material variado e interessante, certas noções que apresentam a seguir, agrupadas (REVISTA DO ENSINO, 1960, p. 25).

As orientações sobre o desenvolvimento de noções de matemática são com indicações do uso de material concreto, informalmente. Nessas orientações, são feitas referências à exploração dos materiais variados e com grande quantidade. Assim, a criança, com a observação, a manipulação e a exploração de variados materiais, vai construindo noções matemáticas. Porém, há uma preocupação para que a criança tenha facilidade no ensino primário, uma concepção de criança que precisa vir a ser.

As noções elencadas para serem desenvolvidas com essas sugestões de atividades eram: tamanho e quantidade; forma; tempo; peso e medida; espaço e distância; e número. Ressalta-se que essas sugestões são contemporâneas, pois muitas estão presentes no cotidiano da Educação Infantil atual.

Ainda nas páginas 25 e 26, são apresentados os conhecimentos gerais sobre ciências naturais e sociais. As orientações com foco na observação pela criança, com atividades extraclasse, excursões, parques e museus. A jardineira estimula à observação e propõe atividades, como, por exemplo, de germinação e plantio, coleção de folhas, uso de gravuras; atenção às atividades diárias, como tomar água, regar as plantas, lavar as mãos, lavar a roupa das bonecas, observação do sol, da chuva, de sombras etc.

Dando sequência, na página 26, há orientações sobre atividades manuais, trabalhos diversificados de modelagem, recorte, colagem, construção e tecelagem. Atividades para desenvolver as capacidades, a observação, a imaginação, exercitando a coordenação visual-motora, cultivando as tendências artísticas e hábitos úteis e saudáveis. Essas atividades são lembradas pela ex-aluna do jardim do GEHEM, quando ela diz: *“Olha era tudo que, era pintura, era recortar, era amassar fazer aquelas bolinhas que as crianças fazem, sabe um monte de motricidade.”* (ELIZA, entrevista, 2020).

Da mesma forma, as atividades descritas nas páginas 27, 28 e 29 são de desenho, de pintura, de música, de canto, de recreação e de jogos, todas com explicações detalhadas, com exemplos claros, um guia que, segundo Bastos (2017, p. 72), “[...] visava instrumentalizar a professora para proporcionar múltiplas atividades [...]”. Do mesmo modo, as publicações também desempenhavam a função de oferecer a formação continuada dos professores.

Desse modo, o alinhamento das atividades do guia estava de acordo com os princípios da Escola Nova e com o que os especialistas da época em jardim de infância defendiam enquanto currículo.

As orientações, que continuam na página 60, são sobre hábitos a serem adquiridos quanto à: higiene, ordem e economia, disciplina, sociabilidade e segurança; também maneiras de se comportar na hora da merenda, nos passeios, nos auditórios e nas excursões. Essas orientações eram seguidas pelas jardineiras, como relembra a professora Laura (entrevista, 2012), do jardim do GEHEM: *“Voltar e lavar e enxugar as mãos, comer a merenda todos ao mesmo tempo, cuidar da sala, não atirar papéis no chão, comer com a boca fechada, etc. [risos]”*.

Nessas recordações, são identificadas as orientações publicadas na revista: fazer fila, deixar a sala limpa e organizada, lavar e enxugar as mãos e mastigar os alimentos. A ex-aluna Sônia do jardim do GEHEM recorda dessas ações voltadas ao desenvolvimento de hábitos:

Essa educação bucal, então acho que isso fazia parte do currículo, eu tenho impressão que fazia parte do currículo dar essas noções de saúde bucal, essas coisas todas, mesmo lavar as mãos, fazia fila para ir ao banheiro, lavava a mãozinha, tinha a toalhinha e o sabonete, cada um tinha o seu sabonete [...] (SÔNIA, entrevista, 2021).

Assim, as memórias de Sônia descrevem os hábitos que eram orientados a desenvolver nas turmas de jardim de infância. A higiene fazia parte do currículo do jardim. Do mesmo modo, hoje as atividades de Atenção Pessoal fazem parte do currículo da Educação Infantil, previstas nas Diretrizes Nacional para a Educação Infantil.

A Revista do Ensino/RS desempenhou um papel de instrumento técnico-pedagógico na formação continuada dos professores em serviço. Segundo Bastos (2017, p. 74), “[...] a Revista do Ensino/RS mantém essa dimensão disciplinadora do

cotidiano das professoras jardineiras, assim como, direciona e busca homogeneizar as atividades didático-pedagógicas a serem aplicadas”.

Desse modo, após analisar as sugestões de atividades publicadas pela Revista do Ensino/RS, comparando com as lembranças dos ex-alunos, notam-se algumas permanências nas atividades sugeridas até os dias de hoje. O trabalho desenvolvido pelo CPOE/RS foi consistente e teve uma grande influência pedagógica nas escolas do Estado, tanto que ainda hoje encontramos rastros no cotidiano escolar de práticas que foram sugeridas e orientadas pela Revista do Ensino/RS.

Do mesmo modo, na análise das memórias das entrevistas do jardim do GEHEM encontram-se semelhanças entre as memórias de uma prática desenvolvida com as orientações do CPOE/RS às jardineiras.

5 O COTIDIANO NO JARDIM E AS FESTIVIDADES

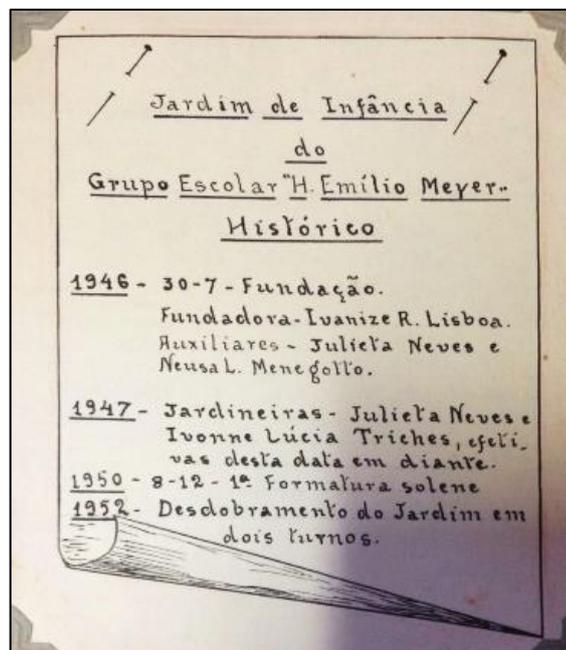
“[...] eu sabia a historinha da Branca de Neve do Walt Disney de cor, toda cantando, falando [...]”.

(MARIANA, entrevista, 2020).

Em pleno inverno, trinta de julho de 1946, foi criado o Jardim de Infância do GEHEM. A professora responsável pela sua fundação, Ivanize R. Lisboa - filha de Joaquim Pedro Lisboa, idealizador da Festa Uva e primeiro presidente do evento, figura notória da história de Caxias do Sul -, formou-se na Escola Complementar de Caxias no ano de 1935.

No GEHEM, a jardineira Ivanize contava com o auxílio das professoras Julieta Neves e Neusa L. Menegotto.

Figura 20 - Histórico do Jardim de Infância GEHEM



Fonte: Adaptada pela autora a partir de Moschen (2016).

As jardineiras Julieta Neves e Ivonne Lúcia Triches, efetivas a partir do ano de 1947, são lembradas pelos ex-alunos com muito carinho. Ivonne é lembrada por Mariana (entrevista, 2020): *“[...] isso eu tenho muito marcado, me lembro muito dela das feições dela muito sorridente, pessoas que sorri com os olhos [...] um amor uma pessoa muito querida”.*

Do mesmo modo, as lembranças da jardineira Julieta Neves emergem com expressões de afeto por parte de Eliza (entrevista, 2020): *“A minha professora do jardim era a professora Julieta. Era uma bem pequeninha coisa mais querida”*.

Percebe-se, pelas entrevistas, que as jardineiras tinham os requisitos almejados para a época. Segundo Bastos (2017, p. 64), “[...] a jardineira deve ser agradável, cortês, delicada, calma e de aparência atraente [...]”. Assim, essas são características essenciais elencadas na Revista do Ensino/RS para as jardineiras, assim como apresentar um equilíbrio emocional, ser alegre, ter bom humor, exercer uma autoridade natural e um grande domínio de si, ser justa, firme e boa. Desse modo, os impressos produzem e transmitem uma imagem idealizada de jardineira.

Segundo Arce (2002, p. 85-86), Froebel “[...] dedica o Jardim de Infância aos cuidados desta personagem, possuidora dos atributos naturais e inatos para cuidar e educar a infância [...]”. No manual para os jardins de infância, de Dr. Menezes Vieira, de 1882, conforme Bastos (2011, p.37), “[...] a formação da jardineira deveria ser uma preparação para a maternidade conscienciosa”. Uma formação para as mulheres associada às atividades como alimentação, maternidade, cuidado e educação.

No período Imperial, segundo Demartini e Antunes (1993), para as mulheres, a Escola Normal era a única possibilidade para continuar os estudos, no entanto, até a Primeira República, os cargos administrativos, de inspeção e técnicos eram ocupados pelos homens. De acordo com as autoras, a profissão docente é desempenhada pelas mulheres, mas controlada pelos homens.

Na Escola Complementar de Caxias, as mulheres sempre predominaram nos bancos escolares. Segundo Bergozza (2010, p. 67), “[...] não é um fato incomum; a feminização do magistério é um fenômeno demonstrado em várias partes do mundo, especialmente entre o século XIX e XX”.

As fontes evidenciam que os docentes do jardim de infância do GEHEM, no período investigado, eram mulheres, com as características emocionais e afetivas indicadas para as jardineiras.

De acordo com Bastos (2017, p. 77), “[...] um modelo de ‘bom’ professor vem se constituindo historicamente e convergindo para o delineamento da representação da docência em todos os níveis de atuação”. As memórias dos ex-alunos trazem uma imagem de professor, tanto do jardim como do próprio Grupo Escolar, de profissionais responsáveis, dedicados, experientes e competentes.

Outro fato marcante para a história do Jardim do GEHEM é a sua primeira formatura solene, que aconteceu no dia oito de dezembro de 1950, ano em que é inaugurada a fotografia no Grupo Escolar. A partir do ano de 1952, a instituição abre turmas de jardim nos dois turnos, manhã e tarde.

O Jardim de Infância era anexo ao GEHEM, ocupava uma sala no térreo, onde também havia a biblioteca e os banheiros. Os entrevistados lembram com detalhes da sala. Sônia quando rememora a sala vai falando devagar, com os olhos quase fechados, dando a impressão de estar no local que descreve.

[...] eu lembro assim muito, muito de como era a sala de aula. Era na frente, eu tenho a impressão que tinha dois pisos, o Emílio de dois pisos quando a chega no [...] O térreo e o outro andar, então o térreo eram as crianças menores, era assim, quando chega na portaria a biblioteca fica do lado de cá [...] tinha a porta e a escada que subia para o outro andar [...] O andar, no primeiro andar seria tem o térreo e o primeiro era os alunos maiores, ali também tinha um gabinete dentário [...] então tem a portaria o jardim era desse lado e na frente tinha banheiros (SÔNIA, entrevista, 2021).

A escolha da sala para o Jardim demonstra um certo cuidado, pois a sala ficava no térreo, então sem necessidade de subir escadas, e próxima aos banheiros. Em relação à organização, disposição dos móveis e a escolha dos mesmos, Sônia faz um inventário do que tinha na sala e a posição que ocupava.

Eram mesinhas redondas, pequeninhas, baixinha para gente da idade, com cadeirinhas também baixinhas, todas redondas, era misto (meninas e meninos). [...] e perto da porta um pouquinho para cá tinha uma caixa de areia [...] e no fundo da sala de aula tinha um armário grande com portinhas, e nessas portinhas a gente guardava material higiênico, pasta de dente, escova de dente, sabonete, toalhinha, a gente tinha, a gente aprendia escovar os dentes, essas noções de higiene (SÔNIA, entrevista, 2021).

Todo esse material descrito remete às práticas que eram desenvolvidas pelo jardim, que faziam parte do cotidiano, como práticas de higiene, com mesas coletivas, atividades em grupo e brincadeiras com a caixa de areia. Segundo Escolano Benito (2010, p. 13), a cultura material escolar é uma importante fonte de conhecimento:

La cultura material es valorada pues por la nueva historiografía educativa como una fuente esencial para el conocimiento del pasado de la escuela en sus dimensiones práctica y discursiva, toda vez que este legado material otorga identidad a una cultura inventada (en parte también reinventada a partir de la tradición) por los actores que dieron vida y forma a los nuevos

espacios y modos de sociabilidad de los que las revoluciones liberales comenzaron a implantar en el siglo XIX.

Por meio da cultura material escolar é possível inferir as práticas desenvolvidas no jardim de infância, assim como também constatar o público atendido pela turma.

Assim, outro ponto relevante em relação à história do Jardim de Infância do GEHEM é que, apesar de ser uma escola pública, nos seus anos iniciais, caracterizou-se por atender a elite caxiense. Esse perfil elitizado é percebido ao se analisar as reportagens dos jornais da época sobre a formatura, com a lista dos formandos, em que estavam os filhos dos políticos da época, dos comerciantes locais, dos empresários, das famílias mais abastadas e que ocupavam posição social de destaque. Tais evidências corroboram com a análise feita por Moysés Kuhlmann Jr. (2001), ao anunciar a origem e existências dos Jardins de Infância como instituições criadas para as classes ricas. As classes menos favorecidas estavam limitadas às creches e casas maternais, instituições essas que tinham um cunho assistencialista.

Este capítulo está organizado em subseções com as principais evidências que nortearam as práticas do cotidiano do jardim de infância: o brincar, a Higiene na Educação, as festas cívicas e religiosas e a formatura.

5.1 O BRINCAR: LEMBRANÇAS DE BRINCADEIRAS NO COTIDIANO DO JARDIM

“[...] na hora das brincadeiras, um grupo ia brincar na areia, outros que iam brincar de caminhãozinho e de boneca.”

(SÔNIA, entrevista, 2021).

Nacionalmente, no final do século XIX e meados do XX, surgem, de forma tímida, as instituições de atendimento à infância, pela influência americana e europeia. As práticas dos primeiros jardins de infância brasileiros estavam embasadas na concepção froebeliana.

Sendo assim, os jardins de infância trazem na sua essência a priorização do lúdico. Froebel cria os dons ou brinquedos, escolhe a bola como primeiro dom,

[...] firmando todos os brinquedos em uma base matemática, tem na superfície esférica a bola, a mais simples e a mais perfeita forma dos objetos sólidos, na qual todas as outras formas se contêm. Além desse aspecto, assinala ser a bola o primeiro brinquedo que as mães dão aos seus filhos e ser o predileto das crianças (BASTOS, 2011, p. 107).

Então, desde a criação do jardim de infância, o brincar fez parte do cotidiano da criança. Nesse sentido, Froebel foi o pioneiro, segundo Arce (2002, p. 60), “[...] por reconhecer o jogo e a brincadeira como as formas que a criança utiliza para expressar como vê o mundo, além de serem geradores do desenvolvimento na primeira infância”.

Sendo assim, o brincar, que se torna visível nos depoimentos das entrevistadas, já era garantido nas turmas de jardim do GEHEM, antes de se tornar um direito preconizado pela ONU em 1959 com a Declaração dos Direitos da Criança. Eliza (entrevista, 2020) lembra: “[...] a gente tinha amarelinha, depois tinha o pátio o recreio, amarelinha, de rodas, cantigas, tudo isto tinha”. As memórias dos momentos de brincadeiras no jardim vêm acompanhadas de um sorriso no rosto, carregado de sentimentos, e Eliza continua a recordar: “[...] olha não sei são todas essas atirei o pau no gato, pirulito que bate, bate, ciranda cirandinha todas essas que ainda eu canto pros meus netos”.

As rodas cantadas faziam parte das brincadeiras das crianças do jardim de infância do GEHEM, como recorda Sônia: “[...] brincava no jardim Ovo Podre, Ciranda Cirandinha, O Bibalô da Cruz, tudo a gente brincava no jardim, essas brincadeiras, tinha joguinhos. Como se chama isso? Brincadeiras de rodas.” (SÔNIA, entrevista, 2021).

As rodas cantadas são consideradas como brincadeira da tradição oral, que persiste entre as gerações, como Eliza afirma que ainda canta para os seus netos, são cantigas que estão vivas no imaginário das pessoas, práticas culturais que atravessam o tempo. Têm origem nos países europeus, mais especificamente em Portugal e Espanha. No Brasil, elas já estão incorporadas no folclore de cada região, desempenhando um papel importante para a cultura local. Nos espaços escolares, a cultura infantil se desenvolve nos momentos de atividades livres como o recreio.

[...] por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturais infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios do recreio e no afastamento em que apresentam em relação às culturas familiares (JULIA, 2001, p. 11).

Desse modo, com as rodas cantadas, podemos conhecer hábitos e costumes das pessoas, festas típicas de cada região, pratos, brincadeiras, flora, paisagem, fauna, crenças etc.

As rodas cantadas rememoradas pelas entrevistadas são cantigas comuns em todas as regiões brasileiras, assim como a brincadeira da amarelinha. Friedmann (1990) aborda que algumas práticas culturais da infância ultrapassam os limites do tempo e do espaço geográfico. As cantigas e brincadeiras compõem a cultura espontânea, de origem da vivência e da experiência de vida em grupos.

Além das cantigas de roda, as brincadeiras simbólicas são rememoradas nas narrativas em relação à existência de brinquedos e brincadeiras: *“Tinha esse momento, brinquedos, bonecas, fogõezinhos, panelinhas essas coisas. Os meninos tinham bolas, carrinhos de madeiras, caminhãozinho [...]”* (SÔNIA, entrevista, 2021).

Sendo assim, os brinquedos rememorados são elementos das brincadeiras simbólicas, em que se brinca de fazer comida, de mamãe e filhinho, de motorista, de jogador. Segundo Sônia (entrevista, 2021), *“[...] a gente brincava junto, as meninas com brinquedos de meninas, e os meninos com brinquedos de meninos”*. As meninas, nas brincadeiras simbólicas, cuidavam dos filhos e cozinhavam, imitavam as mães, pois, na época, a maioria das mulheres desempenhavam o papel de mãe e esposa.

Por meio desses depoimentos, constatamos que o brincar já fazia parte do currículo do jardim de infância do GEHEM. Segundo Bastos (2017, p. 74), *“O brincar e os brinquedos são temas sempre presentes na seção Educação Pré-primária [...]”*, da Revista do Ensino/RS. Bastos (2017) em seu estudo aborda que o tema brincar aparece com frequência nas edições publicadas, isso significa a importância que o brincar já tinha na época para o desenvolvimento infantil. Em seu livro intitulado *Escolas-Maternais e Jardins de Infância* - publicado em 1955 a primeira edição e a terceira edição em 1957, pelo Departamento Nacional da Criança, que pertencia ao Ministério da Saúde -, Celina Airlie Nina (1957, p. 112) ressalta que *“[...] o brinquedo infantil é para a criança a coisa mais séria do mundo e que, realizado como deve, proporciona-lhe ocasião de assumir responsabilidades, pensar, refletir”*. Dessa forma, ela reforça o brincar na rotina diária do jardim de infância: *“[...] tempo para a criança brincar sozinha.”* (NINA, 1957, p. 95).

Investigando sobre o jardim de infância do GEHEM, deparo-me com mais um testemunho do quanto o brincar era levado a sério no cotidiano do jardim: uma fotografia do desfile da Semana da Pátria.

Figura 21 - Desfile Cívico (1950)



Fonte: Adaptada pela autora a partir de Lopes (2015).

Essa fotografia registra um momento precioso, pois o desfile, nesse período histórico, era de suma importância para as escolas. O GEHEM sempre participou dos desfiles cívicos na Semana da Pátria, com destaque pela organização. O que simbolizava levar para as ruas no dia do desfile crianças com seus brinquedos? Qual a mensagem para a sociedade?

Considera-se que ganhar um lugar de destaque como esse representava afirmar para a sociedade que o brincar é a linguagem principal da criança para o seu desenvolvimento integral. Assim, conclui-se que o brincar já era reconhecido antes mesmo de ser declarado pela ONU como um direito da criança, em 1959.

Analisando a fotografia, identifica-se a jardineira Ivonne Triches, acompanhando sua turma. As crianças estavam todas uniformizadas, representando a igualdade. As meninas com laço no cabelo e os meninos com boné branco, acessórios comuns para a época. Além disso, também é possível questionar quais crianças que em 1950 tinham o privilégio de ter brinquedos comprados como bicicletas e bonecas com carrinho.

Nesse sentido, buscaram-se informações para embasar de que classe social eram as crianças que tinham brinquedos no início da década de 1950 em Caxias. Em uma das entrevistas do Banco de Memória do AHMJSA, Aura Ribeiro Mendes

da Silva relata que seu pai, Américo Ribeiro Mendes, tinha uma livraria e bazar, onde vendia brinquedos.

E os brinquedos, naquela época não tinha a Estrela, não tinha fabricação nenhuma em Caxias de brinquedos, vinha tudo da Alemanha. O meu pai comprava os brinquedos da Alemanha, da Itália, eu me lembro que eu ganhei uma bicicleta dele, vinda da Itália [...] Eu era uma menina com meus treze anos (AURA, entrevista, 2007).

Então, isso ocorreu em 1935, já que Aura nasceu em 1922. A situação não deve ter mudado muito para os anos 1950, pois a primeira fábrica de bicicleta no Brasil foi criada em 1948. Assim, podemos pensar que, na época, as crianças que tinham acesso a brinquedos comprados, como bicicletas e bonecas, pertenciam a famílias com mais condições financeiras. Vale lembrar que as crianças que frequentavam o jardim de infância do GEHEM eram de famílias operárias, mas também de famílias de comerciantes e de empresários, com poder aquisitivo alto.

Desse modo, o brincar esteve presente no cotidiano do jardim de infância do GEHEM, assim como as práticas de higiene, que representam os primórdios do binômio: cuidar e educar na Educação Infantil contemporânea.

5.2 HIGIENE NA EDUCAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONCEPÇÃO ATUAL DE EDUCAR E CUIDAR

“Esta perspectiva higienista na educação veio contribuir para a ideia de educar e cuidar que temos atualmente.”

(VASCONCELOS, 2016, p. 31).

É sabido que no século XX a criança começa a ser enxergada, deixa de estar diluída na grande família. A sociedade inicia um processo de reconhecimento de que a criança precisa ser cuidada, protegida. Com o advento da República, surge a necessidade de preparar o novo cidadão, a criança passa a ser considerada o futuro da nação, precisando desenvolver hábitos de higiene, de saúde e de boas maneiras.

No início do século XX, o país passa por movimentos de reestruturação das cidades, decorrentes da industrialização e da urbanização, devido à aglomeração da população que migra da zona rural para os centros urbanos atraídos pelo trabalho nas indústrias.

Da mesma forma, em Caxias do Sul, a partir da década de 1930, a população urbana começa a crescer, as pessoas migram para a cidade em busca de emprego e de uma vida melhor. Nos centros urbanos, com o crescimento acelerado da população e sem infraestrutura adequada, eram comuns as ocorrências de surtos epidêmicos de algumas doenças, como tuberculose, febre amarela, tifo e varíola.

Diante dos problemas enfrentados com o crescimento da população e a disseminação de doenças infecciosas e parasitárias, uma nova Lei Orgânica entra em vigor em 1948, em Caxias do Sul, assinada em 27 de março pelo presidente da Câmara Municipal, Rubem Bento Alves. Ela prevê a criação de uma consciência sanitária por meio da educação primária. O Artigo 79, com o Título IV - Política Sanitária, indica que o município promoverá a formação da consciência sanitária, serviços de higiene e assistência à maternidade e à infância, entre outros:

Art.79: O município promoverá sempre que possível: a) a formação da consciência sanitária individual nas primeiras idades, através do ensino primário; b) serviços hospitalares, os de higiene e os de combate aos males específicos e contagiosos, como a tuberculose, a lepra, o tracoma, a malária, a sífilis, as moléstias venéreas e verminoses, auxiliando o Estado no custeio dos serviços hospitalares com que for favorecido; c) combate ao uso de tóxicos; d) os serviços de assistência à maternidade e à infância e hospitalar, destinando-lhes, das suas respectivas rendas tributárias uma verba de auxílio (CAXIAS DO SUL, 1948, p. 19).

Fica evidente a presença de práticas formadoras dessa consciência sanitária, por meio de atividades para desenvolver hábitos de higiene no GEHEM, principalmente na rotina do jardim, narrada pelas entrevistadas e registrada na entrevista da Professora Laura Chiaradia, do banco de memória do AHMJSA, demonstrando a intencionalidade do cuidar e do educar as crianças para desenvolver essa consciência sanitária. A partir do que diz Laura (entrevista, 2012), torna-se visível essa intencionalidade, na rotina do jardim de infância estudado: “[...] lavar e enxugar as mãos, comer a merenda todos ao mesmo tempo, cuidar da sala, não atirar papéis no chão, comer com a boca fechada, [...] repouso de dez minutos”. Essa disciplinarização da infância, com práticas repetidas e horários determinados, tinha a intenção de instituir hábitos e condutas para tornar a população brasileira civilizada.

Atualmente, os conceitos de cuidar e educar na Educação Infantil são indissociáveis, garantidos nas Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil (2009). Mas historicamente nem sempre foi assim, principalmente com os

atendimentos em creche e escola maternal, uma concepção assistencialista predominava nas ações desenvolvidas, anterior à promulgação da LDBEN/1996, uma nova identidade de atendimento à infância foi se formando e, com isso, as creches passaram a integrar os sistemas de ensino e a constituir, junto com as pré-escolas, a primeira etapa da Educação Básica.

No Brasil, os conceitos de cuidar e educar, no período estudado, estavam vinculados aos ideais higienistas difundidos no processo de organização das práticas educativas, visando à formação do indivíduo para a adequação aos novos modelos de civilidade.

Nessa perspectiva, as práticas do jardim de infância do GEHEM, segundo as memórias das entrevistadas, apresentavam a dimensão do educar e do cuidar, quando rememoram momentos da rotina, de escovar os dentes, de lavar as mãos antes das refeições, da hora da merenda e da presença de um gabinete dentário na escola. Eliza (entrevista, 2020) lembra: “*Lá na escola a gente tinha o gabinete dentário, tinha o médico que pesava e media a gente [inaudível] é a dentição os cuidados com a dentição, tudo, tinha dentro da escola*”. Essa lembrança de Eliza do gabinete dentário está relacionada com a Lei Orgânica Municipal de 1948, Art. 80 - Título IV - Política Sanitária: “A inspeção médica, nos estabelecimentos de ensino, terá caráter obrigatório.” (CAXIAS DO SUL, 1948, p. 19). Por isso existia um gabinete dentário no ambiente escolar. Em relação à rotina, Sônia (2021) também recorda dessas práticas e do material higiênico:

[...] no fundo da sala de aula tinha um armário grande com portinhas, e nessas portinhas a gente guardava material higiênico, pasta de dente, escova de dente, sabonete, toalhinha a gente tinha, a gente aprendia escovar os dentes, essas noções de higiene (SÔNIA, entrevista, 2021).

Tonietto (2020) desenvolveu um estudo intitulado *Memórias de Egressas da Escola Normal Duque de Caxias (Caxias do Sul/RS – 1949/1951): formação de professores para a prática da higiene*. Nesse estudo, a autora aborda como a Higiene foi instituída na formação de professores, na referida Escola Normal, instituição em que as professoras de Caxias e região se formavam.

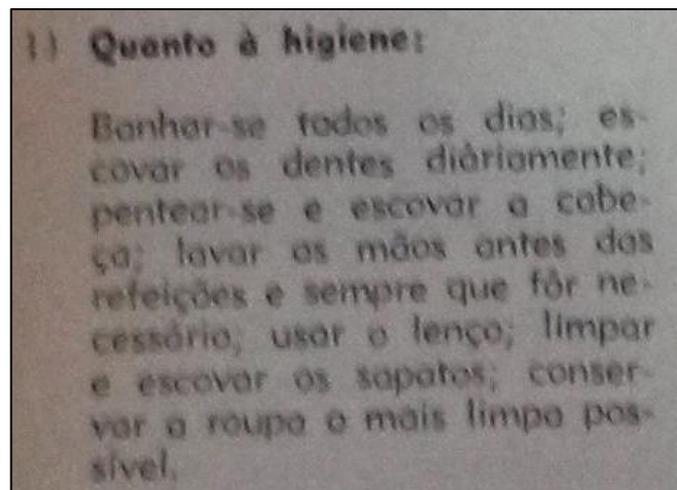
As Escolas Normais responsáveis pela formação docente do ensino primário reorganizaram e implementaram seus currículos de formação de professores para as práticas higienistas, mobilizando os conteúdos

inerentes à disseminação dos conhecimentos higiênicos (TONIETTO, 2020 p. 63).

Diante disso, percebe-se a relação da formação das professoras para desenvolverem práticas de higiene que estavam presentes com a rotina do jardim de infância, que traz impressas essas práticas.

A Revista do Ensino/RS, instrumento técnico-pedagógico que circulou nos anos 1951 a 1971 nas escolas do Rio Grande do Sul, traz secções específicas sobre a formação de hábitos, entre eles o da higiene, como mostra a figura abaixo.

Figura 22 - Seção Formação de Hábitos (1960)



Fonte: Revista do Ensino (1960, p. 60).

Encontram-se orientações quanto à higiene nas Revistas do Ensino/RS, assim como nas obras para jardim de infância,

No jardim de infância, teremos, pois, de encarar a educação familiar e social em múltiplos aspectos, abrangendo todas as atividades que se desenvolvem comumente, na vida de um lar normal. As crianças terão, assim, que adquirir, ou desenvolver, hábitos, por exemplo, de: Asseio-Pessoal: escovar os dentes; pentear-se e lavar as mãos antes das refeições (NINA, 1957, p. 85).

Desse modo, essa perspectiva higienista na educação, com o passar dos anos, vai se incorporando a novas concepções desenvolvidas e se transforma na dimensão do educar e do cuidar na Educação Infantil.

Assim como a higiene fazia parte do ritual diário do jardim, as festas coloriam o calendário escolar com suas simbologias.

5.3 FESTAS CÍVICAS E RELIGIOSAS

“[...] datas como Tiradentes, Descobrimiento do Brasil, Sete de Setembro, não passava em branco, então se cantava hino nacional, até o jardim aprendia alguma poesia [...]”.

(SÔNIA, entrevista, 2021).

Tornar visível uma das histórias do jardim de infância do GEHEM por meio das festas e comemorações cívicas e religiosas, articulando aspectos internos e externos ao grupo, permite desvelar as mudanças e permanências no calendário escolar, nas práticas escolares, bem como as funções educativas das festas.

De acordo com Souza (2008), a organização do calendário escolar e os horários de entrada e saída orientaram o disciplinamento do tempo, os programas estabeleceram métodos de ensino e o comportamento de professores e alunos. Alguns desses hábitos cristalizaram-se nas práticas educativas,

Algumas práticas se sedimentaram com o tempo, construindo uma identidade peculiar das escolas primárias: o hábito de formação de fila dos alunos antes da entrada na sala de aula, o canto do hino nacional, a chamada [...] a exigência do silêncio, da obediência e do respeito ao professor (professoras em sua maioria) e aos demais adultos em exercícios na escola (SOUZA, 2008, p. 53).

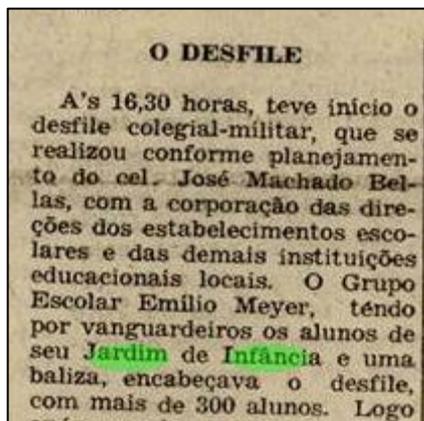
Esses hábitos sedimentados nas práticas educativas, como cantar o hino nacional e recitar versos, também estavam presentes no jardim de infância.

“[...] em datas como Tiradentes, Descobrimiento do Brasil, Sete de Setembro, não passava em branco, então se cantava o hino nacional, até o jardim aprendia alguma poesia [...] hasteavam a bandeira na frente e daí os alunos liam a poesia lia um texto alguma coisa relacionada sobre a data (SÔNIA, entrevista, 2021).

As festas cívicas, com comemorações para relembrar datas importantes para o período republicano, e a escola, com práticas visando ao civismo e influenciadas pela nacionalização do ensino, desempenharam um papel importante no desenvolvimento da memória coletiva da nação. Sendo assim, o ensino do civismo estava presente nos rituais festivos, no hasteamento da bandeira e durante o canto do hino em homenagem às personagens nacionais ilustres. Em relação às comemorações da Semana da Pátria, o GEHEM sempre esteve presente nos

desfiles de 7 de Setembro, tendo o Jardim de Infância por vanguardeiros, como descreve a notícia do jornal O Pioneiro:

Figura 23 - O desfile (1955)



Fonte: O Pioneiro (1955, p. 1). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

O desfile de Sete de Setembro esteve presente em todas as narrativas dos entrevistados, um grande evento para o GEHEM, que desfilava com sua banda e um grande número de alunos. A preparação para o desfile começava um mês antes, os professores de Educação Física eram os responsáveis pela organização e ensaio.

[...] os símbolos nacionais a gente aprendia sempre. Os desfiles, as professoras eram muito dedicadas, a gente começava ensaiar para o dia Sete de Setembro mais de um mês antes, todos perfilados, [...] se fazia acrobacias também, com os bastões compridos, essas acrobacias a gente fazia na frente do palanque oficial. O jardim desfilava, os meninos iam com bicicleta, carrinho de mão pequeno de madeira, e as meninas iam com bonecas e carrinhos de vime que levavam as bonequinhas (SÔNIA, entrevista, 2021).

No momento do desfile, o jardim de infância, com as crianças desfilando com brinquedos, passa a mensagem para a sociedade sobre a importância do brincar, linguagem essencial para a aprendizagem das crianças, como recorda Sônia (2021). Nessa perspectiva, o GEHEM apresentava para a sociedade valores que estavam incutidos em seu cotidiano escolar, valores de disciplina, cuidado com o corpo saudável, organização e comprometimento dos professores, mantendo sua imagem na sociedade de escola modelo.

Figura 24 - Desfile Cívico (1950)

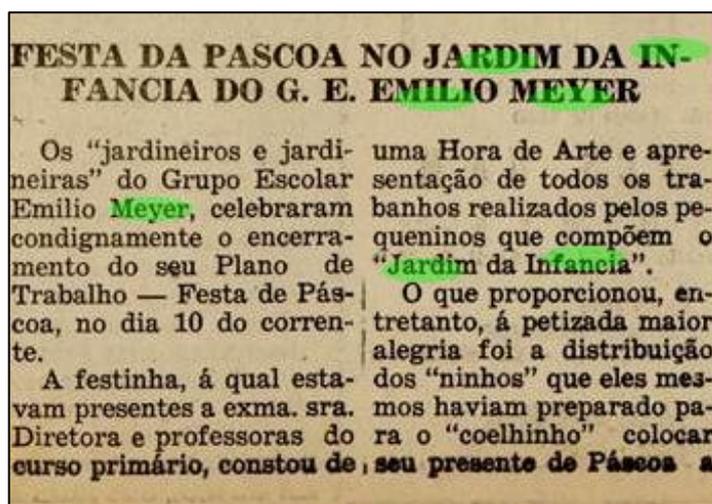


Fonte: Adaptada pela autora a partir de Lopes (2015b).

O jardim de infância do GEHEM desfilava de forma exemplar, todos uniformizados, passando uma imagem de igualdade. As jardineiras acompanhavam suas turmas de forma atenta, como demonstra a fotografia. Os meninos tocando instrumentos da banda e uma das meninas levando a bandeira nacional, representando a função atribuída à mulher, segundo Bergozza (2010, p.67), “[...] de reformar a pátria e conduzir moralmente a ordem social”. Tudo isso revelando ordenamento e disciplina dos corpos, assim como o civismo, o patriotismo e o amor à Pátria. Segundo Souza (1998), a escola era a guardiã dos valores e da ação moral e pedagógica da República. O GEHEM desfila com os seus alunos ordenadamente num ritual que passa a imagem de futuros cidadãos honestos, bons trabalhadores e amantes da Pátria e da ordem.

As festas e comemorações escolares do GEHEM estavam inseridas no currículo escolar do jardim de infância, nos planos de trabalho mencionados em documentos e nas notícias de jornais que revelam um planejamento com datas comemorativas de cunho religioso.

Figura 25 - Reportagem da Festa da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM
(1959)



Fonte: O Pioneiro (1950a, p. 8). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

Os jornais divulgavam as festividades do GEHEM, o que denota a importância desses eventos para o cotidiano escolar e para a sociedade. A partir das notícias dos jornais e com as lembranças dos entrevistados, identificam-se as datas comemorativas presentes no calendário do jardim.

A Festa da Páscoa era um grande evento, conforme relata a notícia do jornal, com caça ao ninho, exposição de trabalhos realizados pelas crianças. Sônia (entrevista, 2021) também recorda: "[...] a gente fazia coelhinho recortava, fazia os ninhos, elas nos ensinavam do jeito que se sabia, muito desenho a gente desenhava muito". Questionada sobre quais materiais utilizavam para confeccionar os trabalhos, ela responde: "[...] os coelhinhos era algodão, papel cartolina e lápis de cor basicamente era isto, cartolina e também se desenha em um caderno".

Nesse sentido, o que Sônia recorda coincide com as imagens que o jornal publicou e com as fotografias retiradas do vídeo de comemoração aos 85 anos do GEHEM. Em uma das fotografias, aparece o coelhinho que fez a visita no jardim, levando doces para os ninhos que as crianças confeccionaram, conforme a Figura 26:

Figura 26 - Visita do Coelho da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Moschen (2016).

Observa-se um registro fotográfico com o coelho da páscoa, os meninos do jardim segurando seus ninhos, muitos não conseguiram conter a curiosidade no momento da fotografia, pois, provavelmente, o interesse pelos doces deixados pelo coelho era bem maior, uns conferindo o que havia em seu ninho, outros verificando o que o colega recebeu. Por mais que o objetivo da foto fosse, talvez, registrar esse momento dos meninos com o coelho e seus ninhos de forma organizada e preparada pelos adultos, em que todos olhassem para a câmera fotográfica, a curiosidade infantil e o interesse pelos doces naquele momento roubam a obediência de alguns. São essas ações que tornam visível uma concepção contemporânea de criança, que vive sua infância no presente (BRASIL, 2009). Tem-se a impressão que alguns meninos estão com o rosto pintado com nariz e bigode de coelho. O quadro negro também aparece nessa fotografia, objeto presente nas salas de aula, uma estratégia para ensinar ao mesmo tempo vários alunos. Segundo Bastos (2005, p. 136),

O quadro-negro para o professor e a lousa para o aluno eram meios pelos quais seria conhecido o alfabeto e seriam desenhadas as letras. Além disso, era um excelente meio de ensinar em pouco tempo os alunos a ler e a escrever.

O quadro negro, para o jardim, servia como um suporte para o desenho. Na entrevista do banco de memória, a professora Laura (entrevista, 2012) menciona sua prática de desenhar no quadro: “[...] eu ilustrava muito as aulas com desenhos no quadro negro, eu ia ensinar uma palavrinha, fazia o desenho, com giz colorido [...]”. Nessa foto aparece o quadro negro com desenhos de coelhos e ovos de páscoa. Talvez as crianças copiassem os desenhos da professora no quadro.

Figura 27 - Fotografia da Festa da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Moschen (2016).

Analisando essa segunda fotografia, Figura 27, é possível auferir como era a sala do jardim, composta por mesas redondas e cadeiras pequenas, adequadas ao tamanho das crianças, mesas coletivas para trabalho em grupo numa perspectiva de socialização e de ordenamento do corpo.

[...] bancos e cadeiras ordenavam espaços e sujeitos dentro de um universo delimitado. Na escola, mesa e cadeira encontraram força singular que as transformaram em objetos com atuação direta na higiene do corpo, na disciplina, no conforto e na aprendizagem (GASPAR DA SILVA; CASTRO, 2012, p. 170).

As produções das crianças representando as aprendizagens desenvolvidas no jardim. Em cima das mesas, podem ser vistos os ninhos confeccionados pelas crianças para esperar o coelho da Páscoa. Nesse sentido, é possível identificar a presença das datas comemorativas no currículo do jardim. Segundo Escolano Benito (2010, p. 24), “[...] los objetos y sus representaciones no son autónomos y

atemporales, sino producciones culturales que hablan de nuestras tradiciones y nuestros modos de pensar y de sentir [...]”. Além disso, observa-se também o uso do uniforme como pertencimento à instituição, assim como um elemento de ordem e disciplina.

Assim, encontra-se outra data comemorada no jardim de infância: a Festa de São João, de origem pagã.

Ao tornar-se o cristianismo a religião oficial do ocidente, a festa mudou para homenagear o nascimento de São João Batista. Nas homenagens eram reunidos os três principais santos reverenciados no mês de junho: Santo Antônio, no dia 13; São João, no dia 24; e São Pedro, no dia 29 (PERDIGÃO, 2014, p. 22).

A Festa de São João era uma festa de muita alegria e apreciada pelas pessoas, como relembra Sônia (entrevista, 2021), com entusiasmo: *“A nossa fogueira ali na frente da Sinimbu, tem aquela loja de tintas [...] terreno baldio e a gente ia nas oficinas pedir pneus que não era muito comum, mas a gente ganhava pneus e nas redondezas cortar galhos de árvores e fazia a fogueira ali”*.

Analisando a imagem abaixo, percebem-se crianças, todas com trajés típicos, de diferentes idades, em uma festa que envolve todos os alunos do GEHEM. A decoração, com certeza, pela tradição, deve ter sido confeccionada pelos próprios alunos: as bandeirinhas, correntes, lanternas e balões.

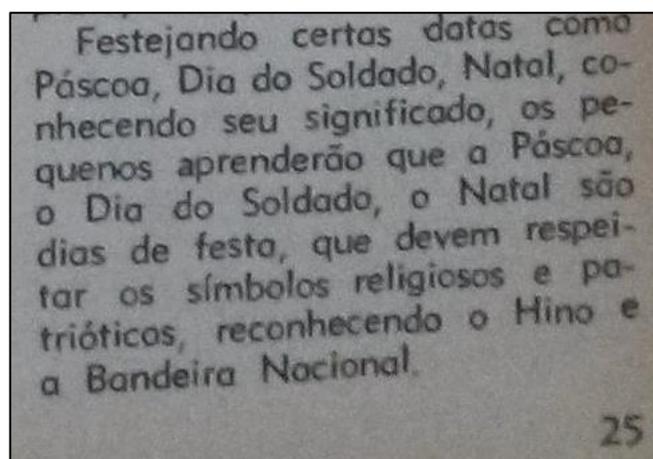
Figura 28 - Festa de São João



Fonte: Elaborada pela autora a partir de Moschen (2016).

Os trabalhos realizados no jardim são lembrados por Sônia (entrevista 2021): *“Tinha a comemoração, mas não tinha fogueira, comemoração de São João. Era data que se fazia desenhos. Nossa! Muita fogueira de São João [...]”*. As orientações impressas na Revista do Ensino/RS fazem menção às datas comemoradas na escola, momento para desenvolver o respeito aos símbolos religiosos e cívicos.

Figura 29 - Revista do Ensino/RS (1960)



Fonte: Revista do Ensino (1960, p. 25).

A Revista do Ensino/RS (1960) publica sugestões sobre o trabalho com datas, com o objetivo de desenvolver o respeito aos símbolos religiosos e nacionais. Todavia, fala-se de escola pública, que desde o advento da República a legislação determinava o ensino laico.

Os Grupos Escolares se caracterizaram, na educação brasileira, por serem *locus* de aprendizagem de caráter público mantidos pelos governos estaduais e regidos por leis que determinavam, desde o advento a República, o ensino laico. Assim, é de se supor que práticas religiosas não fizessem parte das práticas de ensino transmitidas em salas de aula e muito menos que se transformassem em saberes escolares constantes dos programas de ensino (BENCOSTTA, 2007, p. 93-94).

No entanto, não é o que dizem as fontes sobre o GEHEM. Durante a investigação foi possível identificar a presença da religião católica em várias situações, por meio de fotografias e pelos depoimentos dos entrevistados. Nas fotografias da formatura do jardim de infância, há a presença do padre, e na programação divulgada pelos jornais é comunicada a bênção dos anéis dos formandos. Segundo Bencostta (2007, p. 94), “A presença da Igreja Católica era visceral nas escolas públicas e presente em termos de práticas e condutas

prescritas e reafirmadas em âmbitos escolares compatíveis com os preceitos morais e religiosos do catolicismo”. Na imagem da inauguração do Parque Infantil, a presença do padre também é evidente nas fotografias.

A rotina do jardim do GEHEM é lembrada pela professora Laura (entrevista, 2012): “*Ocupar os seus lugares, vestir os uniformes, rezar, [...] o jardim tinha como rotina rezar*”. Para Bencostta (2007, p. 94), “Tais expedientes sinalizam para a tradicional hegemonia do catolicismo no interior das escolas públicas”. A história de Caxias do Sul é permeada pelo catolicismo, desde a chegada dos imigrantes. Antes das escolas, foram erguidas as igrejas na sede e nos travessões. Luchese (2012a, p. 676) afirma que, “Na Região Colonial Italiana, a atuação da Igreja foi incisiva no processo de escolarização através da fundação de colégios confessionais, do estímulo à criação de escolas mantidas sob a orientação de padres católicos [...]”. Mesmo depois do fechamento das escolas paróquias, a Igreja permanecia ligada às escolas pelo ensino religioso. Luchese (2012a, p. 676) acrescenta que “[...] foram válidos os sermões e a autoridade do padre, que, pela imprensa católica e junto às autoridades políticas, buscou a legitimação do ensino religioso também nas escolas públicas”. Por isso, a presença da Igreja nas escolas continuava.

Tinha também uma promoção religiosa no jardim eu não sei tinha a Dona Julieta Neves, eu não sei se ela fazia isto porque era uma pessoa muito católica [...] fazia isso para transmitir valores religiosos, ou fazia parte do currículo [...] Mas ela contava histórias da Bíblia [...] e orações ela ensina e a gente repetia [...] (SÔNIA, entrevista, 2021).

Certamente a influência e o poder da igreja católica na Educação em Caxias do Sul ainda eram muito fortes. Conforme Bencostta (2007, p. 95), “[...] a articulação entre ensino e religião, uma associação aparentemente dissonante para os princípios do regime republicano, mas presente no cotidiano escolar do período [...]”. Pode-se evidenciar essa presença por meio das fontes encontradas. Apesar de terem se passado décadas, a religião católica ainda está presente em algumas escolas públicas do município, por meio de ritos e simbologias que compõem o cotidiano escolar.

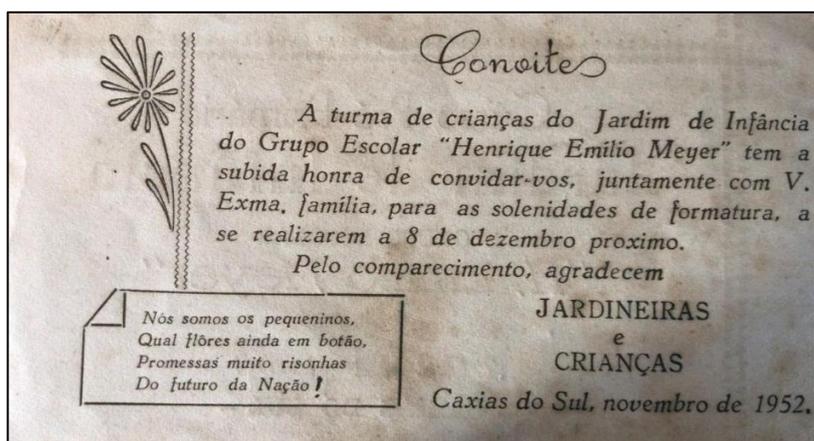
Dando continuidade, chega-se ao grande rito de passagem: a formatura.

5.4 A FORMATURA: RITOS DE PASSAGEM DO JARDIM DE INFÂNCIA PARA O ENSINO PRIMÁRIO

*“Nós somos os pequeninos,
Qual flores ainda em botão,
Promessas muito risonhas
Do futuro da Nação!”*

(GEHEM, 1952).

Figura 30 - O Convite de formatura (1952)



Fonte: GEHEM (1952). Arquivo pessoal de Eliza Maria Thomazzi Grossi, Caxias do Sul/RS

O convite para a formatura traz impressa a concepção de criança da época, permeada pelo nacionalismo, promessa do futuro da nação, uma criança que precisa a vir a ser, ainda não é. Por isso, a intenção de cuidar e educar para se tornar um cidadão para servir a Pátria, uma concepção que traduz uma prática de preparação para o ensino primário. Assim, a formatura é um rito de passagem que autoriza a criança seguir em frente, passar para o ensino primário.

Sendo assim, as instituições escolares possuem um rito no educacional que dá sequência e significado ao currículo. Os alunos, desde o ingresso à instituição escolar até a sua saída, passam por ritos. Dentro dos grandes ritos tem os pequenos, que se apresentam nos diferentes ciclos educacionais.

Em todos os ciclos escolares há liturgias que se repetem, ainda que com natureza e realizações distintas. Mas, no longo curso, é um mesmo rito, replicado e multiplicado, como se de uma sucessão de escalas se tratasse. No cotidiano, a educação, e particularmente a educação escolar, está rodeada de elementos rituais (MAGALHÃES, 2017, p. 716).

A educação, com o passar dos anos, sofreu modificações, porém não rompeu com o rito escolar. Segundo Magalhães (2017), o rito escolar tem três temporalidades: a iniciação-admissão, o percurso da construção e edificação pessoal e o ritual do exame.

O primeiro rito inicia-se com a matrícula, passagem para dentro e o pertencimento, membro de uma instituição e de uma turma. Um dos elementos que materializa nesse rito de pertencimento a uma instituição é o uso do uniforme, com a identificação da mesma. É possível perceber a representação desse rito inicial na narrativa da depoente Eliza (entrevista, 2020) quando rememora o uso do uniforme no jardim de infância, mais precisamente do guarda pó: *“Nós tínhamos um guarda pó, sabe era uma coisa que colocávamos por cima da roupa tinha um tупão, assim (passa a mão na frente do peito para mostrar), eu me lembro tinha o guarda pó”*.

O segundo rito é o percurso da edificação e construção pessoal em um processo constituído por sucessivas ritualidades. As sequências de ritos escolares no jardim de infância podem ser representadas pela rotina diária com a repetição de ações, o que é demonstrado pela narrativa da professora Laura (entrevista 2012): *“Formar a fila, subir para a sala do Jardim, dar boa tarde ao Jardim: ‘Boa tarde, meu Jardim!’; isso era o que a gente tinha que fazer...”*. Segundo Boto (2018, p. 167) “[...] a escola como rito deverá ensinar e recordar as normas e regras de vida coletiva, até para ensaiar com as gerações novas o rito da vida em coletividade”.

Vive-se em sociedade, com certos códigos que são necessários serem aprendidos. Como diz Boto (2018, p. 157), uma “[...] dimensão simbólica que dialoga muito de perto comunidades de sentido autorizadas, partilhadas, no tecido social”. Se atentarmos para a rotina do jardim de infância, rememorada, é possível identificar essa dimensão simbólica representada por uma sequência de ritos e de repetições: *“Ocupar os seus lugares, vestir os uniformes, rezar, sentar para ouvir a professora, a lição, os hábitos, palestras, recitativo, cantos, desenho etc., formar a fila para a privada [...]”* (LAURA, entrevista, 2012).

Para Boto (2018), a modernidade criou uma forma específica de ser e de viver a escola, encontram-se ritos próprios do ambiente escolar, que se replicam e se conservam com o passar dos anos. Observando a rotina do jardim de infância da década de 1950, do GEHEM, percebem-se permanências, ritos que estão presentes na maioria do cotidiano das escolas de Educação Infantil nos dias atuais.

O terceiro rito do exame é composto por vários ritos pequenos até a saída da instituição ou a passagem de uma etapa para outra dentro da própria instituição. Nas lembranças das entrevistadas ficaram visíveis a existência de testes para a passagem a outros níveis e as formaturas de conclusão de uma etapa escolar. Esse rito maior marca a aprovação e a celebração de ter completado um ciclo no rito educacional, a permissão para ir em frente.

Com as narrativas das depoentes Sônia e Eliza, identifica-se a aplicação, na época, de testes no jardim para classificar as crianças nas turmas para o primário.

Eu sei que no final do jardim se fazia um teste, um teste demorado que era desenho e círculos que se fazia, pra ver se a gente ia para a turma A ou B, separavam as turmas em A ou B, a A era os mais inteligentes. Lembro que o desenho deste teste para passar tinha que desenhar toda a família, desenho da família uma das coisas que tinha (SÔNIA, entrevista, 2021).

Os testes lembrados por Sônia nas décadas de 1940 e 1950 eram aplicados nas escolas estaduais. Conforme Quadros (2006, p. 234), “[...] os testes ABC se impuseram como ‘recurso eficaz na verificação da maturidade’ [...]”. As turmas eram categorizadas como A, B ou C, era necessário para sua constituição que houvesse, no mínimo, dois terços de estudantes de um determinado tipo, objetivando a homogeneidade das turmas. Sendo assim, penso que está aqui a origem da terminologia “turma homogênea”, tão utilizada na escrita dos diagnósticos das turmas no início do ano letivo, nos cadernos pedagógicos. Os testes marcaram a memória dos ex-alunos do jardim.

[...] para a gente sair do jardim e passar para o primeiro ano a gente tinha que fazer um teste. Sabe este teste? Então, era ela contava uma história que tinha reproduzir, tinha recortar, tinha que pintar, era um monte de atividades que se diziam das suas habilidades (ELIZA, entrevista, 2020).

Os testes, nesse período, no Rio Grande do Sul, foram amplamente difundidos, com a reforma do ensino com bases científicas. Assim, surgem os discursos psicológicos na educação. Para Popkewitz (1997), a psicologia como sustentáculo intelectual e científico da educação, vincula-se à expansão da escolarização.

Além dos testes, também aparecem as cerimônias coletivas. A transição de um estágio para outro, sinalizando mudanças, transições e transformações, é nomeada como rito de passagem. Nas narrativas da entrevistada Mariana fica visível

a importância da formatura no jardim de infância, pois a sociedade caxiense da época era comunicada pelos jornais, que noticiavam o evento com minuciosos detalhes.

Sim, tudo era feito especialmente, muitas flores, buquês, cornélias, coisas assim como se fosse formatura de gente grande (risos), tinha muito, recebia em casa porque tinha formatura, então vinha muitas flores eu tenho uma foto também assim, no meio das flores que eu recebi porque era como eles faziam, foi muito festejado (MARIANA, entrevista, 2020).

A formatura do jardim de infância do GEHEM era considerada um grande evento, e começou com as turmas a partir de 1950, em celebrações com grande estilo, com a missa dos formandos e a cerimônia da entrega de anéis pelo padre.

Figura 31 - Fotografia da Entrega dos Anéis - Formatura do Jardim de infância (1953)



Fonte: Bisol (1953a). Acervo pessoal de Mariana Alquati Bisol, Caxias do Sul/RS.

A programação seguia com o pronunciamento do orador, a entrega dos diplomas, as apresentações de músicas e coreografias e as recitações de versos. Era um momento de tornar público, de socializar o que era privado para a sociedade, demonstrando que as crianças estavam aptas para o ensino primário. Conforme Magalhães (2017, p. 722),

O aspecto cognoscitivo do rito está presente na ideia de que desoculta, torna público, o que é privado. Socializa, tornando comunitário o que era individual, tendendo a consagrar estruturas mais abstractas que as estruturas normativas e empíricas.

Desse modo, anteriormente à formatura, acontece uma preparação para o rito, escolhas de música, poesia, dramatizações, coreografias e versos, resultando em vários dias de ensaio, providência de roupas adequadas para o evento, agendamento do local, de convites etc. Para demonstrar a grandiosidade e a seriedade com que esse evento era organizado, e por esse motivo tão valorizado pelas famílias e sociedade, elenco na tabela abaixo a programação de apresentações dos formandos, momento tão esperado pelas famílias.

Quadro 8 - Programação da formatura do ano de 1949

Carneirinho, carneirão – canto conjunto
Fazendo Pão
Dona Pulga
A estrelinha – poesia
Bem-te-vi
A plantinha monólogo
Desabrochar das flores – Ginástica historiada
Brasil – diálogo
A primavera bailado
Marcha Sodado – canto
Dorme bebezinho – canto de ninar
Utilidades – poesia
Bom Conselho – poesia
Sonho de boneca – dramatização
A doença do bebê – poesia
Apresentação da banda do jardim com os seguintes números:
Adeus Sarita
Pastorzinho
A Bahia tem – música
A doceira – poesia
Valsa do Este – canto
Jardim de Infância canto em conjunto

Figura 32 - Encerramento do ano letivo do Jardim de Infância do GEHEM



Fonte: Elaborado pela autora a partir do jornal O Pioneiro (1949b). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

As apresentações com poesia, versos, músicas, coreografia, assim como a decoração e as vestimentas também comunicam. Segundo Magalhães (2017, p. 724), “[...] o potencial comunicativo do rito reside no facto de poder exprimir o que não pode ser expresso verbalmente; ou seja, o rito permite obter informação nova, informação não apenas veiculada e pré-existente [...]”.

Os preparativos para a formatura, a confecção das roupas, os ensaios ainda fazem parte das lembranças das entrevistadas, sobretudo de Mariana (entrevista, 2020): *“Nossa, tinha que ensaiar, que tinha que se apresentar, isso sim agora chegaste num ponto, teve ensaio para as danças da formatura, tinha que dizer todos as poesias de cor para poder falar no microfone, então tinha preparação teve”*.

A formatura do jardim de infância acontecia em um dos clubes mais frequentados pela elite caxiense, o Clube Juvenil. Havia os buquês de flores próprios para a formatura, assim como a roupa social, conforme mostram as fotografias abaixo, da Figura 33. Eliza (entrevista, 2020) recorda do evento, do local onde aconteceu e do seu lindíssimo vestido branco: *“[...] foi no Juvenil, era lindo a gente recebia um monte de flores e tinha um vestido branco lindíssimo. Eu me lembro que a minha mãe mandou fazer, foram os meus irmãos e tudo”*.

Figura 33 - Fotografia da formatura do Jardim de Infância (1953)



Fonte: Bisol (1953b). Acervo pessoal de Mariana Alquati Bisol, Caxias do Sul/RS.

A fotografia mostra a organização, as meninas dançando na apresentação, todas com vestidos belíssimos, próprios para a festa. Aparecem as inúmeras flores que as entrevistadas lembram de terem ganhado.

As pessoas convidadas para a organização da cerimônia revelam a importância do evento para a sociedade, como, por exemplo, Isaac Menegotto, responsável pela apresentação da turma na formatura no Clube Juvenil.

É, foi um evento, foi um evento inclusive na festa a pessoa que apresentou que era o seu Isaac Menegotto, ele foi por muitos anos depois o coordenador dos desfiles da Festa da Uva, ele era uma pessoa que já estava envolvida com esses cerimoniais e essas coisas e ele que fez a apresentação nossa no Juvenil também, quer dizer tudo envolvia toda a comunidade, a comunidade do centro que era muito articulada, vamos dizer assim (MARIANA, entrevista, 2020).

Nessa época, a formatura era um evento que envolvia a comunidade, sua organização tinha a participação de profissionais, diferentemente dos dias atuais, em que esses eventos nas escolas públicas são organizados pelos próprios professores de maneira improvisada.

Esse rito de passagem autorizava simbolicamente as crianças a seguirem em frente, uns continuavam no GEHEM, enquanto outros seguiam estudando em outras escolas, como no São José.

Em síntese, o Capítulo 5 e seus subcapítulos tiveram como objetivo apresentar a análise das categorias, que representaram as práticas no jardim de infância do GEHEM, sob as influências do pensamento escolanovista, do nacionalismo do ensino, assim como das orientações e formações às jardineiras oportunizadas pelo CPOE/RS em consonância com o Departamento Nacional da Criança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo originou-se de muitos questionamentos referentes ao primeiro jardim de infância público em Caxias do Sul. No decorrer da investigação, ao encontrar as fontes, foi necessário realizar escolhas, que também foram pautadas pelo momento atual, pandemia da COVID-19, o que tornou quase impossível adentrar nas instituições em busca de fontes históricas. Por esse motivo, não foi possível acessar fontes documentais sobre o jardim de infância do GEHEM, no Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer. Além disso, houve dificuldade de realizar as entrevistas com os ex-alunos, de idade avançada, por pertencerem ao grupo de risco da COVID-19 e pela necessidade de se utilizar a tecnologia.

Dessa forma, as fontes foram encontradas no AHMJSA, em pesquisas em jornais locais e em entrevistas arquivadas no banco de memória, e por meio de três entrevistas orais.

A escolha da temática investigada associa-se a minha trajetória profissional. Iniciei como professora atuando com turmas de jardim de infância em uma instituição particular. Após foi nomeada como professora municipal de Caxias do Sul, onde tive a oportunidade de atuar com turmas de pré-escola e como Gerente Pedagógica da Educação Infantil, na Secretaria Municipal da Educação (SMED), em 2015, e como coordenadora do Núcleo de Atendimento à infância, em 2016, e neste ano de 2021, retorno à SMED para atuar como Gerente Pedagógica da Educação Infantil.

Nesse sentido, estudar sobre o Jardim de Infância do GEHEM de Caxias do Sul, entre 1946 e 1956, possibilitou-me a ampliação do conhecimento referente à Educação Infantil, bem como a construção de novas reflexões sobre a constituição da Educação Infantil e os processos de escolarização.

No decorrer deste estudo, novos conhecimentos foram se constituindo e reflexões surgindo do exercício de relacionar o passado com o presente. No processo dessa ação, perceberam-se muitas semelhanças com a educação na Educação Infantil atual. Assim, Froebel, precursor da educação de crianças pequenas, contribuiu com princípios norteadores da história da Educação Infantil e que estão presentes nos marcos legais, orientando e estruturando as práticas pedagógicas, por exemplo, o brincar, o jogo, os materiais não estruturados, as interações e as brincadeiras.

Considera-se, por meio da análise das práticas do Jardim de Infância do GEHEM, que os princípios de Froebel estavam presentes em seu cotidiano - a própria denominação das turmas, Jardim de Infância, e das professoras, jardineiras - assim como o brincar, as brincadeiras e o jogo.

Este estudo também me proporcionou ampliar o conhecimento da história da formação do município, assim como da própria história da Educação de Caxias do Sul, encontrando significados a nomes, até então, não reconhecidos. Considero de suma importância conhecer o percurso histórico da Educação local, relacionando com o contexto estadual e nacional para compreender a Educação que vivenciamos, visto que sou também um dos inúmeros profissionais que contribuo para a continuidade desse percurso. Constituir-se pesquisador e reconhecer-se como sujeito protagonista da história da Educação amplia a responsabilidade na sua continuidade, bem como na preservação das fontes para futuros pesquisadores da área.

Caxias do Sul, que foi o cenário desta pesquisa, município da Serra Gaúcha, teve sua formação a partir de uma política imigratória brasileira, a de povoar terras devolutas, com mão de obra europeia, no final do século XIX. O processo migratório europeu deu-se na região a partir de 1875, com a chegada dos imigrantes italianos.

Todavia, a partir de 1930, houve mudanças no nível das indústrias caxienses. O que eram, até então, pequenas fábricas de processo inicial passaram a apresentar uma organização mais estruturada e sólida. Surgiram frigoríficos, malharias, lanifícios e moinhos. Desse modo, com o desenvolvimento da indústria, a população urbana cresceu rapidamente, assim como a cidade, exigindo uma organização e mudanças na área urbana por meio de planejamento da infraestrutura para atender às demandas da população. É nesse contexto que surge o Jardim de Infância do GEHEM, temática escolhida para esta investigação.

Desse modo, a pesquisa está fundamentada na perspectiva da História Cultural, que proporciona vários caminhos a seguir diante da empiria. Dentre os caminhos metodológicos escolhidos, fiz uso da metodologia da História Oral, com entrevistas semiestruturadas, juntamente com análise de documentos históricos, jornais e fotografias. Esse movimento de coleta de documentos - por meio de visitas ao AHMJS, pesquisa de narrativas jornalísticas, pesquisa de entrevista do banco de memória e as próprias entrevistas - desenvolveu um aprendizado na organização dos documentos selecionados com a construção de quadros, tabelas e as

transcrições das entrevistas, momentos que fazem parte do processo de análise da empiria. As memórias possibilitaram identificar possíveis práticas desenvolvidas no cotidiano do jardim, trazendo uma dimensão viva para esta escrita.

O estudo de temáticas relacionadas com a pesquisa também fez parte desse processo, estudos sobre os diferentes aspectos de constituição das concepções de infância. A criação do Jardim de Infância, de Froebel, e sua expansão no Brasil e no Rio Grande do Sul, apesar de uma diferença cronológica, contribuem na análise das fontes. Buscou-se a tessitura do contexto nacional e estadual com os vestígios da história local.

A investigação se estendeu além do Jardim de Infância do GEHEM. Após a contextualização do espaço físico e social do local onde foi criado o Jardim de Infância em 1946, foi preciso fazer um estudo desde a constituição do bairro e das instituições que faziam parte do cenário que ele compõe. O bairro Guarani teve seu desenvolvimento diretamente associado ao movimento dos tropeiros, que chegavam pela Estrada Conselheiro Dantas para realizar suas compras nos armazéns locais, atual bairro Nossa Senhora de Lourdes. O primeiro parque infantil de Caxias do Sul, o Monteiro Lobato, foi inaugurado em 1953. Sua construção tinha como objetivo atrair a população para atividades de lazer ao ar livre, com foco na educação, na literatura e no convívio entre vizinhos e moradores das redondezas. Essa construção apresentava uma semelhança com os primeiros parques infantis do Brasil, construídos em São Paulo na década de 1930, nos bairros operários e industriais para atender os filhos de operários, idealizados por Mario de Andrade.

Na capital gaúcha, Porto Alegre, também na mesma época, foram construídos os Jardins Recreio, que ocupavam as praças da cidade, inaugurados pelo Professor Frederico Guilherme Gaelzer, fundador do Serviço de Recreação Pública.

Este estudo demonstra que, apesar de uma diferença cronológica, Caxias do Sul acompanhou os projetos desenvolvidos nos grandes centros urbanos, em busca de uma representação da modernidade.

Da criação do GEHEM até a contemporaneidade, o Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer permanece ocupando um espaço de destaque em diferentes setores públicos e privados. Frequentemente é homenageado na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, demarca participação nos desfiles da Semana da Pátria, cultiva as tradições gaúchas mediante apresentações e gincanas alusivas à data e também participa de eventos municipais e estaduais de cunho esportivo.

Além disso, as novas gerações de alunos do Emílio Meyer representam a diversidade social e cultural que Caxias do Sul ganhou com o passar dos anos, pois acolhe alunos de diversas regiões do município.

Desse modo, pode-se conjecturar que a constituição do GEHEM possivelmente aconteceu mediante diferentes movimentos: o primeiro deles foi decorrente das motivações da professora Ida Marcucci, que como educadora identificou as necessidades da comunidade local e instituiu uma escola de forma improvisada em sua própria residência. Salienta-se que Ida Marcucci somente deixou as salas de aula por recomendação médica nos anos 1940. O segundo movimento, para ampliação e constituição do próprio prédio, ocorreu em função de seu irmão, Dante Marcucci, ser o prefeito municipal e ter contribuído tanto de maneira política, para a estadualização do grupo, como mediante a doação de um terreno para a construção do novo prédio.

Também se destaca que a instituição escolar sempre buscou atender às demandas educacionais que cresciam juntamente com a prosperidade do bairro e do município. Entre esses aspectos destacam-se os projetos de iniciação à leitura, o incentivo às práticas de Educação Física, as participações nos eventos cívicos e a criação do Jardim de Infância, que não atendeu apenas as crianças do bairro, mas também as crianças de regiões próximas, tendo em vista que a escola era bem vista pela comunidade em geral. Além disso, por consequência de sua localização, a escola atendeu às demandas das empresas que se situavam em seu entorno, e as empresas, em contrapartida, proporcionavam a inserção desses jovens no mercado de trabalho.

Ressalto que esta pesquisa abordou, mediante documentos escritos e orais, os primeiros tempos do GEHEM e alguns dos movimentos de sua ampliação. Também evidenciou alguns sujeitos que compuseram esta história. Contudo, é importante deixar evidente que ainda existem muitas possibilidades de pesquisa sobre a instituição. Ademais, esta é uma das possíveis histórias narradas sobre o GEHEM, a partir de escolhas teóricas e metodológicas, pois não desejo esgotar as possibilidades de análises, mas despertar o interesse de outros pesquisadores sobre as temáticas apresentadas, sempre pensando em contribuir com articulações possíveis entre os diferentes campos do conhecimento.

Além do GEHEM e do Parque Infantil Monteiro Lobato, outras construções, como a da MAESA e a do SENAI, fizeram parte do cenário que simboliza a

modernidade no período investigado. A MAESA, símbolo do desenvolvimento industrial para Caxias do Sul, também era um grande atrativo para mão de obra das regiões vizinhas. Já o SENAI oferecia cursos profissionalizantes nas áreas de ajustagem, tornearia mecânica, eletricidade e marcenaria, destinados a jovens de Caxias do Sul e região (LOPES, 2019b). Foi instituído com o compromisso de preparar a mão de obra especializada para a indústria. Esse conjunto arquitetônico planejado traz uma simbologia: o GEHEM atende os filhos dos operários, enquanto o SENAI absorve esses estudantes para preparar a mão de obra especializada para a indústria. Todavia, o GEHEM também acolhia os filhos da elite caxiense pelo trabalho de excelência que desenvolvia na educação.

Percebe-se uma intencionalidade influenciada pelo nacionalismo, momento político do governo de Vargas, desde o atendimento à criança no GEHEM e no Parque Infantil Monteiro Lobato, até no SENAI, mais tarde, como uma preparação profissional, evidenciando uma formação do cidadão caxiense.

O ensino no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1930, no governo de Vargas, é marcado pelo movimento de implementação do processo de nacionalização e de reforma do sistema educativo do Estado. Sendo assim, com a política de nacionalização do ensino, o Estado exerce um maior domínio e fiscalização no ensino. É nesse contexto que o ensino pré-primário tem sua regulamentação pelo Decreto nº 590, de 14 de agosto de 1942. Estabelece a idade para o jardim de infância, de 4 a 6 anos, e como deve ser o trabalho educativo: oportunizar situações e com estímulos para provocar a atividade da criança na construção de hábitos mentais, morais, sociais, cívicos, higiênicos e estéticos e no desenvolvimento de habilidades. Orienta que os jardins de infância podem funcionar de forma autônoma ou em anexo aos grupos escolares e às escolas normais. Também faz referência quanto à formação do professor para atuar no jardim de infância, ter uma qualificação especial.

Nesse sentido, a Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado, por meio da Secção Técnica (1937-1943), organizou formações para as jardineiras e emitiu orientações sobre a educação nos jardins de infância. Da mesma forma, o CPOE/RS, que substituiu a Secção Técnica a partir de 1943, investe em formação para as jardineiras e, com a publicação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, ganha uma secção específica do ensino pré-primário, com orientações e sugestões de atividades para as turmas de jardim de infância.

A nível nacional, o Departamento Nacional da Criança publica os livros de Celina Airlie Nina e de Heloisa Marinho, obras em formato de guias para as escolas maternas e jardins de infância. Salienta-se que o Estado estava em consonância com os movimentos nacionais em relação à educação nos jardins de infância, pela participação da professora Celina Airlie Nina como formadora nos cursos para as professoras que atuavam nos jardins de infância do Estado.

Assim, a partir das pesquisas, das leituras e do contato com as fontes documentais, tornou-se possível perceber que as práticas de escolarização desenvolvidas no Jardim de Infância do GEHEM estavam imbricadas em uma rede de escolarização estabelecida não apenas em caráter local, mas que trazem representações de práticas em âmbito estadual e até mesmo nacional. Práticas essas que eram desenvolvidas com atividades de desenho, recorte, colagem, contação de história, músicas e dramatizações, também atividades de coordenação motora fina, organizadas por meio de celebração de datas comemorativas, apresentações e festividades, práticas que atrelavam o desenvolvimento de valores morais e intelectuais, além de preparar para o ensino primário.

Da mesma maneira, é possível constatar uma contradição entre a teoria e a prática desenvolvida, pois os entrevistados rememoram a aplicação de testes e exercícios preparatórios para o ensino primário, o que não condiz com o discurso que é contrário ao uso de terminologias como ensino, aluno, lição, classe e estudo no jardim, e defende que não se pensa no jardim em transmissão de conhecimento ou instrução. Percebe-se, então, um distanciamento entre o discurso e a prática, tanto em relação às práticas desenvolvidas no jardim de infância do GEHEM como a algumas orientações expedidas pelo CPOE/RS.

A preparação dos professores, segundo o CPOE/RS, deveria estar embasada no científico, não poderia mais ser empírico ou saberes da experiência. O professor precisava ter uma formação sólida na psicologia infantil. Considera-se que, ao mesmo tempo em que se encontram princípios estruturantes da Educação Infantil, nas práticas e nas orientações às jardineiras, encontra-se também uma preocupação em preparar as crianças para o ensino primário. Isso porque o país estava com uma taxa altíssima de analfabetos, e a solução dos problemas para os técnicos do CPOE/RS estava na ciência. Foram encontrados os testes ABC, de Lourenço Filho, com o objetivo de homogeneizar as turmas e verificar a maturidade da criança. Fica claro na narrativa da professora Laura Chiaradia que os professores

do jardim do GEHEM também recebiam uma formação e realizavam planejamento, plano de trabalho, como os demais professores do Grupo Escolar, e também recebiam inspeção em suas turmas.

Com a análise das categorias elencadas nesta dissertação, a partir das memórias dos entrevistados e com os demais documentos, conclui-se que as práticas desenvolvidas no Jardim de Infância do GEHEM apresentavam a presença de alguns princípios estruturantes da Educação Infantil, como por exemplo: (1) o brincar rememorado com as brincadeiras de roda cantada, no parque infantil e na sala com brinquedos. O brincar era levado a sério nas práticas do jardim, que chegou a ganhar um lugar de destaque no desfile da Semana da Pátria, no ano de 1950; (2) educar e cuidar, com os momentos de cuidados pessoais, de saúde e boas maneiras e hábitos de higiene, como lavar as mãos antes da merenda, escovar os dentes e manter a sala organizada e limpa, mastigando com a boca fechada, repouso, ações essas que com o passar do tempo se transformaram no educar e cuidar, que são indissociáveis.

Percebeu-se que a nacionalização do ensino influenciou as práticas do jardim do GEHEM, com o desfile de 7 de setembro, a execução do hino nacional e o hino da bandeira, nos dias cívicos, e homenagem a personagens ilustres. Também por meio da rotina diária, a disciplina com filas, as boas maneiras e o cuidado com o corpo saudável.

Assim, fica evidente o sentido de infância em voga na sociedade caxiense no período pesquisado, um sentimento que a criança precisa vir a ser, ser moldada, formada como um cidadão civilizado, disciplinado, com hábitos de saúde e higiene. Apesar de ser um sentimento não exclusivo, mas que também estava em voga a nível estadual e nacional, podemos encontrar algo singular em relação à formação desse cidadão caxiense com ênfase no catolicismo, marca forte da região colonizada por imigrantes italianos.

Desse modo, as festas estiveram presentes no cotidiano do jardim, compondo o calendário escolar, e se materializando nos trabalhos manuais das crianças, passando conhecimentos culturais, valores morais e religiosos, principalmente por meio dos símbolos. Nota-se a presença forte do catolicismo nas práticas escolares do jardim, com as orações diárias, com as histórias contadas na biblioteca ou na sala, e, nas formaturas, com a presença do padre com cerimônia da bênção dos anéis, por mais que o ensino público já fosse laico. Ainda, nos dias atuais, podemos

perceber alguns resquícios do catolicismo nas práticas escolares do ensino público, o que torna evidente a presença forte da religião na constituição do ensino em Caxias do Sul.

A formatura como rito de passagem simbolizava o encerramento de um ciclo, a autorização para o ingresso no ensino primário, assim como os testes que os entrevistados recordam terem realizado no final do jardim. A criança, desde que inicia na escola, passa por ritos menores que vão compondo um rito maior, a passagem para a outra etapa. É evidente a importância que tinha a formatura no jardim de infância do GEHEM, pelas reportagens dos jornais da época, pelas festas realizadas e todo o cerimonial, um momento que ficou registrado na memória dos entrevistados. Na ação de recordar, emergem as emoções na narrativa dos preparativos, com ensaios de poesia e danças a serem apresentadas para a sociedade, demonstrando que estavam aptos para seguir em frente.

Escrever sobre o Jardim de Infância do GEHEM não é somente contar uma história dos primeiros jardins de infância de Caxias do Sul, é lançar olhar, buscando entender o contexto educacional da educação infantil ao longo dos anos. Isso porque uma instituição educacional constitui-se dentro de uma territorialidade espacial e cultural, composta por alunos, professores e funcionários, formando uma cultura própria. Desse modo, em meados da década de 1940, criar uma turma de jardim de infância em um grupo escolar - reconhecido como uma escola modelo para a cidade - simbolizava uma ação de modernidade e ousadia, pois a educação infantil não era considerada uma obrigação do governo. O jardim de infância, para a época, era um ensino de luxo, o qual somente os grandes centros urbanos conseguiam oferecer para sua população, pois, tanto a nível municipal como nacional, muitas pessoas ainda não tinham acesso ao ensino primário.

Apesar do Jardim de Infância GEHEM ser uma escola pública, nos seus anos iniciais, caracterizou-se por atender a elite caxiense. Esse perfil elitizado é percebido ao se analisar as reportagens dos jornais da época sobre a formatura, a lista com os nomes dos formandos, em que estavam os filhos dos políticos da época, dos comerciantes locais, dos empresários, das famílias mais abastadas e que ocupavam posição social de destaque.

Ao concluir a escrita desta dissertação considero que a produção deste estudo contribuiu para a minha formação profissional, pois durante a trajetória do mestrado tive a oportunidade de aprofundar estudos em relação à Educação Infantil

e conhecer a história da Educação local. Percebi que poderia ter escrito outras histórias do Jardim de Infância do GEHEM, mas que as escolhas teóricas e metodológicas me conduziram a esta narrativa. Espero que a partir desta escrita outras possibilidades surjam como a história do próprio Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, as diretoras do Grupo Escolar, o Ensino Primário, as Práticas de Leitura no Grupo Escolar, o jardim de infância nas revistas do Ensino do Rio Grande do Sul, a formação das jardineiras na Revista do Ensino do RS, entre outras.

Concluo que estudar o passado é de suma importância para entender como a Educação Infantil foi se constituindo no nosso município, quais caminhos vem percorrendo. Por fim, espero que esta investigação sirva como referência para outros estudos acerca da infância local e das instituições escolares, além de instigar novos pesquisadores para essa temática.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARCE, Alessandra. **Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins-de-infância**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACH, Richard. **Longe é um lugar que não existe**. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 1979.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007.

BASTOS, Maria Helena Camara. **A educação do homem / Friedrich W. A. Froebel**. Trad. Maria Helena Camara Bastos. Passo fundo: UPF, 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara. Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, p. 133-141, jan./dez. 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os jardins de infância: ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira – 1882**. Porto Alegre: Redes Editora, 2011.

BASTOS, Maria Helena Camara. De jardineira para a jardineira: orientações didático-pedagógicas para a educação pré-primária (Revista do Ensino/RS, 1951-1963). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 63-80, set./dez. 2017.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 103-141. 2001.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola Complementar de Caxias: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

BOTO, Carlota. A civilização escolar pelos compêndios didáticos de formação de professores. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 155-178, jul./ago. 2018.

BUFFA, Ester; ALMEIDA PINTO, Gelson. **Arquitetura e educação**: organização dos espaços e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971. São Carlos, Brasília: EDUFSCar/INEP, 2002.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. O que a escola festeja? Uma retomada histórica sobre os tipos e sentidos das festas escolares. *In*: CATANI, Denice Barbara; GATTI JUNIOR, Décio (Orgs.). **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 229-250.

CAXIAS DO SUL. **A antiga MAESA e entorno**. Prefeitura de Caxias do Sul/RS. Arquivo Histórico João Spadari Adami, 2012a.

CAXIAS DO SUL. **Palavra e Poder**: 120 anos do Poder Legislativo em Caxias do Sul. Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, 2012b. Disponível em: http://www.camaracaxias.rs.gov.br/palavra_e_poder/palavra_e_poder.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

CAXIAS DO SUL. **Cidade – Apresentação**. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade>. Acesso em: 9 out. 2020.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortelini. **Práticas e representações da institucionalização da infância**: bebês e crianças bem pequenas na creche em Francisco Beltrão/PR (1980/1990). 2014. 253f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO GRANDE DO SUL (CAU/RS). **Escritura do antigo prédio da Maesa é entregue ao município de Caxias do Sul**. Disponível em: <https://www.caurs.gov.br/escritura-do-antigo-predio-da-maesa-e-entregue-ao-municipio-de-caxias-do-sul/>. Acesso: 4 set. 2021.

CORRÊA, Denise Aparecida. Ensinar e aprender educação física na “Era Vargas”: lembranças de velhos professores. *In*: VI EDUCERE - Congresso Nacional de Educação - PUCPR - PRAXIS, 2006. **Anais do VI EDUCERE - Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006, p. 1-13.

DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; SANTOS, Elisa Jaques dos. Toponímia na escola: um olhar interdisciplinar sobre o bairro. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 257-277, jul./dez. 2010.

DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber**: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da Criança no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DEMARTINI, Zeila; ANTUNES, Fátima. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 5-14, ago. 1993.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Fundamentos da educação pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1990.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.13-28, jul./dez. 2010.

FARIA, Lúcia Goulart de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção duma pedagogia da educação infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 69, p. 60-91, dez. 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. **Jogos tradicionais na cidade de São Paulo**: recuperação e análise da sua função educacional. 1990. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

GOBBI, Márcia. Crianças nos parques: imagens de infância. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 143-157, mai./ago. 2002.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; CASTRO, Raquel Xavier de Souza. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. *In*: GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela (Orgs.). **Objetos da escola**: espaço, e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

GRAZZIOTIN. Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**. Reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBBSAWM, Eric John. **Sobre história**: ensaios. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balaço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 43-62.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

KRAMER, Sonia. **A Política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 3. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

KUHLMANN JR., Moysés. Educando a infância brasileira. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 469-496.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 25-56, jul./dez. 1986.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS - 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita**. 2007. 495f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela. Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na região colonial italiana, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 667-679, jul./dez. 2012a.

LUCHESE, Terciane Ângela. Entrelaçando tempos de infância e escolarização: a relação entre idade e frequência nas escolas da Região Colonial Italiana do RS de 1875 a 1930. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 277-284, mai./ago. 2012b.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 145-161, mai./ago. 2014.

LUCHESE, Terciane Ângela. Entre tons e matizes de memórias: itinerários de docentes no ensino primário em Caxias do Sul/RS (1920-1960). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 15, n. 3, p. 926-952, set./dez. 2016.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MACHADO Maria Beatriz P.; RADÜNZ, Roberto; STUMPP Monika Maria; SARTORI, Roberta. A arquitetura escolar na Serra Gaúcha no contexto da Modernidade. *In*:

Anais do 9º Seminário Docomomo Brasil: interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente, Fundação Oswaldo Cruz, Brasília, jun. de 2011. Disponível em: http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/088_M03_RM-AArquiteturaEscolarNaSerraGaucha-ART_maria_machado.pdf. Acesso em: 3 jun. 2021.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos:** história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Rito escolar – perspectiva histórico-pedagógica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 714-731, jul./set. 2017.

MARINHO, Heloísa. **Vida e Educação no Jardim de Infância.** Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

MARINHO, Heloísa. **Vida e Educação no Jardim de Infância.** 3. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

MAYBORODA, Fabiana Gazzotti. **Os jardins de recreio de Porto Alegre/RS:** uma análise da relação entre a política pública e a constituição de uma Educação na República (1920 a 1950). 2017. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2017.

MOSCHEN, Lucas. **Documentário 85 anos Emílio Meyer.** 15 ago. 2016 (17m14s). Disponível em: <https://youtu.be/fwiT-7FJO50>. Acesso em: 12 abr. 2020.

NINA, Celina Airlie. **Escolas-Maternais e Jardins de Infância.** 3. ed. Rio de Janeiro: Coleção Departamento Nacional da Criança, 1957.

PERDIGÃO, João Gabriel de Lima. **Dos Costumes ao espetáculo:** a transformação da festa junina campinense “O maior São João do mundo”. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53. p. 11-23, jan./jun. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001.

POPKEWITZ, Thomas S. **Reforma educacional:** uma política sociológica - poder e conhecimento em educação. Trad. Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Claudemir. **Reforma, Ciência e Profissionalização da Educação:** O Centro de Estudos e Pesquisa do Rio Grande do Sul. 2006. 312f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

REVISTA DO ENSINO. **Revista do Ensino do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre Ano X, n. 73, nov. 1960 RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127638>. Acesso em: 25 jun. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Fundação Estadual de Economia e Estatística. **Divisão Geopolítica do Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/estado/divisao-geopolitica-do-rs/>. Acesso em: 15 set. 2020.

ROSO, Paula Cristina Mincato. **A educação do corpo nas escolas municipais de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (1937 a 1945)**. 2012. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

SEPLAN (Secretaria Municipal do Planejamento). **Mapa urbano de Caxias do Sul (2008-2020)**. Disponível em: <https://gis.caxias.rs.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=e7c91d47dcac4065badfd9190fc2f9a3>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011.

SOUZA, Gizele de. Os jardins de infância públicos do século XX. *In*: SOUZA, Gizele de (Org.). **Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 123-140.

SOUZA, José Edimar de. **Trajetória de professores de classes multisseriadas: memórias do ensino rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009)**. 2011. 346f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

SOUZA, José Edimar de. **As escolas isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940 a 1952)**. 2015. 295f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

SOUZA, José Edimar de. A aula em Lomba Grande/RS (1860-1881) na perspectiva da trajetória do Professor Meyer. **História Revista**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 158–178, mai./ago. 2016.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século 20: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e história da educação. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil, Vol. III: século XX**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 416-429.

TISOTT, Ramon Victor. A família Eberle e o início do desenvolvimento industrial de Caxias do Sul. *In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, 2011. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011, p. 1-17.

TONIETTO, Roberta Angela. **Memórias de egressas da Escola Normal Duque de Caxias (Caxias do Sul/RS-1949/1951)**: formação de professores para a prática da higiene. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. Pensando a cultura escolar e a prática pedagógica. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 23, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 2016.

VASCONCELOS, Francisco Ullissis Paixão e. **Educação Infantil**. 1. ed. Sobral: INTA, 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 177-194, 2005.

VIEIRA, Sandra Aparecida Bassetto. Os parques infantis da cidade de São Paulo (1935-1938): análise do modelo didático-pedagógico. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 117-133, 2004.

VINUTO, Juliana. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Fontes documentais

1 - Leis, decretos, estatutos, referenciais e resoluções

BRASIL. **Decreto nº 7.247**, de 19 de abril de 1879. Reforma o ensino primario e secundario no municipio da Côrte e o superior em todo o Imperio. Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em 14 mar. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 406**, de 4 de Maio de 1938. Dispõe sôbre a entrada de estrangeiros no território nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 8 ago. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasil. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.

CAXIAS DO SUL. **Decreto nº 4.491**, de 28 de fevereiro de 1930. Institui uma Escola Complementar na cidade de Caxias. Caxias do Sul/RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/161631>. Acesso em: 3 jun. 2020.

CAXIAS DO SUL. Lei nº 122, de 29 de março de 1949. Autoriza o Executivo a abrir concorrência pública e administrativa destinada à elaboração de um Plano Diretor para a cidade. *In*: CAXIAS DO SUL. **Palavra e Poder**: 120 anos do Poder Legislativo em Caxias do Sul. Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, 2012, p. 65.

CAXIAS DO SUL. **Lei nº 925**, de 28 de dezembro de 1959. Altera e dá denominação a vias públicas da cidade. Art. 2º O Parque Infantil localizado junto ao Grupo Escolar H. Emilio Mayer toma o nome de "Parque Infantil Monteiro Lobatto". Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/caxias-do-sul/lei-ordinaria/1959/92/925/lei-ordinaria-n-925-1959-altera-e-da-denominacao-a-vias-publicas-da-cidade>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CAXIAS DO SUL. Lei nº 2.087, de 27 de dezembro de 1972. Aprova o primeiro Plano Diretor Urbano de Caxias do Sul. *In*: CAXIAS DO SUL. **Palavra e Poder**: 120 anos do Poder Legislativo em Caxias do Sul. Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, 2012, p. 65.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 7.615**, de 13 de dezembro de 1938. Regulamenta os serviços pertinentes à Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Documento do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 794**, de 17 de junho de 1943. Cria o Centro de Pesquisa de Orientação Educacional – CPOE/RS. Documento do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

2 - Documentos pesquisados no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

AURA, Ribeiro Mendes da Silva. **Educação - a disciplina de Educação Física**. Entrevista concedida a Denise Pellini e Sônia Storchi Fries. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, CD003 e CD004. Caxias do Sul/RS, 26 jun. e 3 jul. 2007.

CAXIAS, Escola Complementar de. **Matricula (1934 e 1935)**. Classe Infantil Coronel Muratore - Escola Complementar-Caxias. Caxias do Sul/RS, Arquivo Histórico João Spadari Adami, 1934.

CAXIAS DO SUL. **Fonograma do Prefeito Municipal Dante Marcucci sugerindo nome Henrique Emílio Meyer**. Caxias do Sul/RS, Arquivo Histórico João Spadari Adami, 1939.

CAXIAS DO SUL. **Fotografia do jardim de infância da Escola Normal Duque de Caxias**. Caxias do Sul/RS, Arquivo Histórico João Spadari Adami, 1945.

CAXIAS DO SUL. **Lei Orgânica do Município**, de 27 de março de 1948. Caxias do Sul/RS, Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, 1948. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=18722&p=0>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CAXIAS DO SUL. **Fotografia do panorama urbano do entorno do Grupo Henrique Emilio Meyer (Década de 1950)**. Caxias do Sul/RS, Arquivo Histórico João Spadari Adami, 195[?].

LAURA, Balconi Chiaradia. **Educação – Escola Estadual Henrique Emílio Meyer**. Entrevista concedida a Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto. Transcrição de Bárbara Lawrens Netto. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, CD162 e CD163. Caxias do Sul/RS, 29 ago. 2012.

RAFAEL, Chiaradia. **Educação – Indústria: Metalurgica Eberle**. Entrevista concedida a Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigolett. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, CD167. Caxias do Sul/RS, 31 ago. 2012.

ZILCA, Rossi Montari. **Educação**. Entrevista concedida a Gilmar Marcílio, Jovita Galeão e Suzana Grigoletto. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Fita 214-lado A. Caxias do Sul/RS, 14 out. 1991.

3 - Jornais pesquisados no Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira

O MOMENTO. **Grupo Escolar Dr. Júlio de Castilhos**. Jornal O Momento, Caxias do Sul/RS, 10 de maio. 1933, ano I, ed. 00013, p. 2. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1933a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/882615/46>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O MOMENTO. **A Escola Complementar inaugurou hontem a exposição escolar**. Jornal O Momento, Caxias do Sul/RS, 4 dez. 1933, ano I, ed. 00042, p. 4. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1933b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/882615/200>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O MOMENTO. **Colégio Elementar “José Bonifácio” Resultados dos Exames Finais**. Jornal O Momento, Caxias do Sul/RS, 13 dez. 1934, ano II, ed. 00095, p. 6.

Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1934. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/882615/482>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O MOMENTO. **Srta. Rosalba Hipolito**. Jornal O Momento, Caxias do Sul/RS, 27 abr. 1942, ano XI, ed. 00476, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104523>. Acesso em: 10 mai. 2021.

O PIONEIRO. **Interessante hora arte no G.E. Emílio Meier**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 26 nov. 1949a, ano II, ed. 00004, p. 2. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1949a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/583>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **Encerramento do ano letivo do Jardim de Infância do G.E.E. Meyer**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 3 dez. 1949, ano II, ed. 00005, p. 10. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1949b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/607>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **Festa de páscoa no jardim de infância do G.E. Emilio Meyer**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 15 abr. 1950, ano II, ed. 00042, p. 8. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1950a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/848>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **A crise do lar moderno**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 6 mai. 1950, ano II, ed. 00045, p. 6. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1950b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/874>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **A Festa de São João no Grupo H. E. Meyer**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 24 jun. 1950, ano II, ed. 00052, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1950c. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/933>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **Parque e Praça Infantil**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 4 jan. 1953, ano V, ed. 00010, p. 12. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959>. Acesso em: 10 mai. 2021.

O PIONEIRO. **Conclusão do Pré-Primario**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 16 dez. 1950, ano III, ed. 00009, p. 7. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1950d. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/1185>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **Formatura no Emílio Meyer**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 8 dez. 1951, ano IV, ed. 00006, p. 12. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/2034>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **Conclusão do Pré-Primario do Grupo Escolar H. Emílio Meyer**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 12 dez. 1953, ano VI, ed. 00007, p. 1. Acervo

da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/3036>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **O Desfile**. Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul/RS, 10 set. 1955, ed. 00046, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/4017>. Acesso em: 6 abr. 2020.

4 – Outras fontes jornalísticas pesquisadas

CHAVES, Ricardo. O primeiro jardim de infância de Porto Alegre. *In: Gaúcha Zero Hora* [online], Porto Alegre/RS, 15 mai. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2018/05/o-primeiro-jardim-de-infancia-de-porto-alegre-cjh6r7kzs051001pa4yn24fy1.html>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LOPES, Rodrigo. Conheça a história de Ida Marcucci Zanellato, fundadora do Colégio Emílio Meyer, em Caxias. *In: Jornal Pioneiro* [online], Caxias do Sul/RS, 9 jun. 2011. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2011/06/conheca-a-historia-de-ida-marcucci-zanellato-fundadora-do-colegio-emilio-meyer-em-caxias-3342461.html>. Acesso em: 22 mar. 2021a.

LOPES, Rodrigo. Seção Amnésia para avivar a memória. *In: Jornal Pioneiro* [online], Caxias do Sul/RS, 29 abr. 2015. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/04/29/secao-amnesia-para-avivar-a-memoria/?topo=35,1,1,,35>. Acesso em: 6 jun. 2021b.

LOPES, Rodrigo. Memória: Lourdes, Zona Caipora e bairro Guarani. *In: Jornal Pioneiro* [online], Caxias do Sul/RS, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/culturalazer/memoria/noticia/2018/04/memoria-lourdes-zona-caipora-e-bairro-guarani-10212498.html>. Acesso em: 18 jun. 2021c.

LOPES, Rodrigo. Maesa e a Praça Monteiro Lobato em 1953. *In: Jornal Pioneiro* [online], Caxias do Sul/RS, 1 fev. 2019a. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/culturalazer/memoria/noticia/2019/02/maesa-e-a-praca-monteiro-lobato-em-1953-10695722.html>. Acesso em: 9 jul. 2021d.

LOPES, Rodrigo. Oficina de marcenaria do Senai em 1951. *In: Jornal Pioneiro* [online], Caxias do Sul/RS, 25 mar. 2019b. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/culturalazer/memoria/noticia/2019/03/oficina-de-marcenaria-do-senai-em-1951-10879840.html>. Acesso em: 15 abr. 2021e.

5 - Documentos do Acervo pessoal de Mariana Alquati Bisol e Eliza Maria Thomazzi Grossi

BISOL, Mariana Alquati. **Fotografia da Formatura do Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer**. Arquivo pessoal de Mariana Alquati Bisol. Caxias do Sul/RS, 1953a.

BISOL, Mariana Alquati. **Fotografia da Formatura do Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emilio Meyer**. Arquivo pessoal de Mariana Alquati Bisol. Caxias do Sul/RS, 1953b.

GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMILIO MEYER (GEHEM). **Convite de Formatura**. Arquivo pessoal de Eliza Maria Thomazzi Grossi. Caxias do Sul/RS, 1952.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Proposta de entrevista semiestruturada com ex-alunos do Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer no ano 1953 e 1956.

Entrevistado(a):

Data e local de nascimento:

Data da entrevista:

Local:

Entrevistador(a):

1. Conte-me como foi sua infância:
Fale um pouco da sua família (pais, irmãos, primos).
Com quais brincadeiras brincava? Com quem brincava? Em que lugar?
2. Quando fala do jardim de infância que frequentaste, que memórias chegam?
3. Como foi seu primeiro dia de aula?
4. Por que frequentou o jardim no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer?
5. Era chamado jardim de infância?
6. Quantos anos tinha quando frequentou o jardim?
7. Era somente um ano ou mais no jardim de infância?
8. Qual o turno que frequentava o jardim?
9. Quantos colegas tinha a turma?
10. Tinha mais meninas ou meninos? Havia separação nas horas das atividades entre meninos e meninas?
11. Morava perto da escola?
12. Os colegas eram do local da escola?
13. Todos que os pais desejassem poderiam frequentar o jardim da infância?
14. Quantas turmas de jardim existiam no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer?
15. Como era a relação com as demais turmas do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer?
16. Era obrigatório o uso de uniforme?
17. Como era a sua professora? Como era a relação com os alunos? Qual era o seu nome? Quais sentimentos são recordados ou sentidos quando se fala na sua professora do jardim?
18. Como eram os espaços ocupados pelo jardim? Sala de aula, organização, iluminação, mobiliário, materiais, banheiros, refeitório, merenda, pátio, parquinho, biblioteca?
19. No momento do recreio que recordas? Quais brincadeiras? Com quem brincava?
20. Como eram as aulas? O que se repetia todos os dias? Tinha uma rotina diária, semanal?

21. Que atividades eram desenvolvidas?
22. Que materiais eram utilizados?
23. Quais recursos pedagógicos a professora utilizava?
24. Usava caderno? Tinha temas?
25. Quais materiais eram levados todos os dias pelo aluno?
26. Quem fornecia os materiais?
27. No jardim já se trabalhava com letras, nomes, som, sílabas, palavras e a escrita?
28. Quais os temas trabalhados no jardim? Datas comemorativas, momentos cívicos, datas religiosas (religião predominante), higiene, hábitos e atitudes (moral).
29. Aconteciam passeios com a turma? Onde? De que forma era o deslocamento?
30. Quais histórias infantis eram contadas ou lidas?
31. Frequentar o jardim de infância foi relevante para a sua formação? Em quais aspectos?
32. Algo a mais que gostaria de comentar sobre a sua experiência de frequentar o jardim de infância?

Pelos presentes documentos, eu, _____, brasileiro (a), _____ (profissão), CPF nº _____, Carteira de Identidade nº _____, domiciliado (a) e residente em _____, na Rua _____, nº____, Bairro _____, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter Histórico e Documental, concedido a mestrandia Elise Testolin de Abreu, orientanda do Prof. Dr. José Edimar de Souza, para a pesquisa “O JARDIM DE INFÂNCIA NO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMÍLIO MEYER DE CAXIAS DO SUL/RS (1946-1956)” – título provisório da pesquisa. A pesquisa tem como objetivo-parcial “Analisar o processo de escolarização nos primeiros jardins de infância públicos de Caxias do Sul, no período de 1933 a 1956”. O pesquisador está ciente de que todos os dados coletados (depoimento, fotografias, objetos de cultura material escolar etc.) serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos éticos. Os dados coletados somente serão utilizados para pesquisa, e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas, encontros científicos e congressos. Conforme Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, sobre Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, esclareço que a participação nesta pesquisa pode envolver riscos mínimos, como cansaço ou constrangimento no decorrer da entrevista a ser realizada.

Dessa forma, deixo claro ao participante que eventuais situações que possam gerar desconforto podem fazê-lo desistir de seu envolvimento nesta pesquisa, ou cancelar o uso das informações obtidas. A mestrandia Elise Testolin de Abreu fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais o depoimento integral ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e citação de fonte e autoria. O entrevistado (a) poderá a qualquer momento obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio do telefone (54) 99271.6556 ou pelo e-mail: etabreu@ucs.br, bem como poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Caxias do Sul, _____ de _____ de _____.

Autorizo a utilização do meu nome ()

Em caso de anonimato, serei identificado(a) com o nome de _____

Autorizo a utilização de minha(s) imagem(s) ()

Nome do entrevistado(a) e assinatura _____

Nome do responsável pelo participante e assinatura _____

Elise Testolin de Abreu _____